

RAÍZES

Ano XXIII - São Caetano do Sul - Julho de 2011

43



Ano XXIII – Número 43
Publicação semestral
Distribuição gratuita

**Publicação
da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul**

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Julho de 2011

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula | CEP 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax (011) 4223-4780

www.fpm.org.br
fpm@fpm.org.br

Coordenação Geral
Sonia Maria Franco Xavier

Editora Responsável
Paula Fiorotti (Mtb. 28927)

Pesquisa
Cristina Ortega
Cristina Toledo de Carvalho
Mariana Zenaro

Conselho Editorial
Sonia Maria Franco Xavier – Presidente
Adriana Sampaio
Cristina Toledo de Carvalho
Humberto D. Pastore
Isabel Cristina Ortega
João Tarcísio Mariani
Mário Porfírio Rodrigues
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior
Paula Fiorotti
Paulo Alves da Rosa
Roberta Giotto

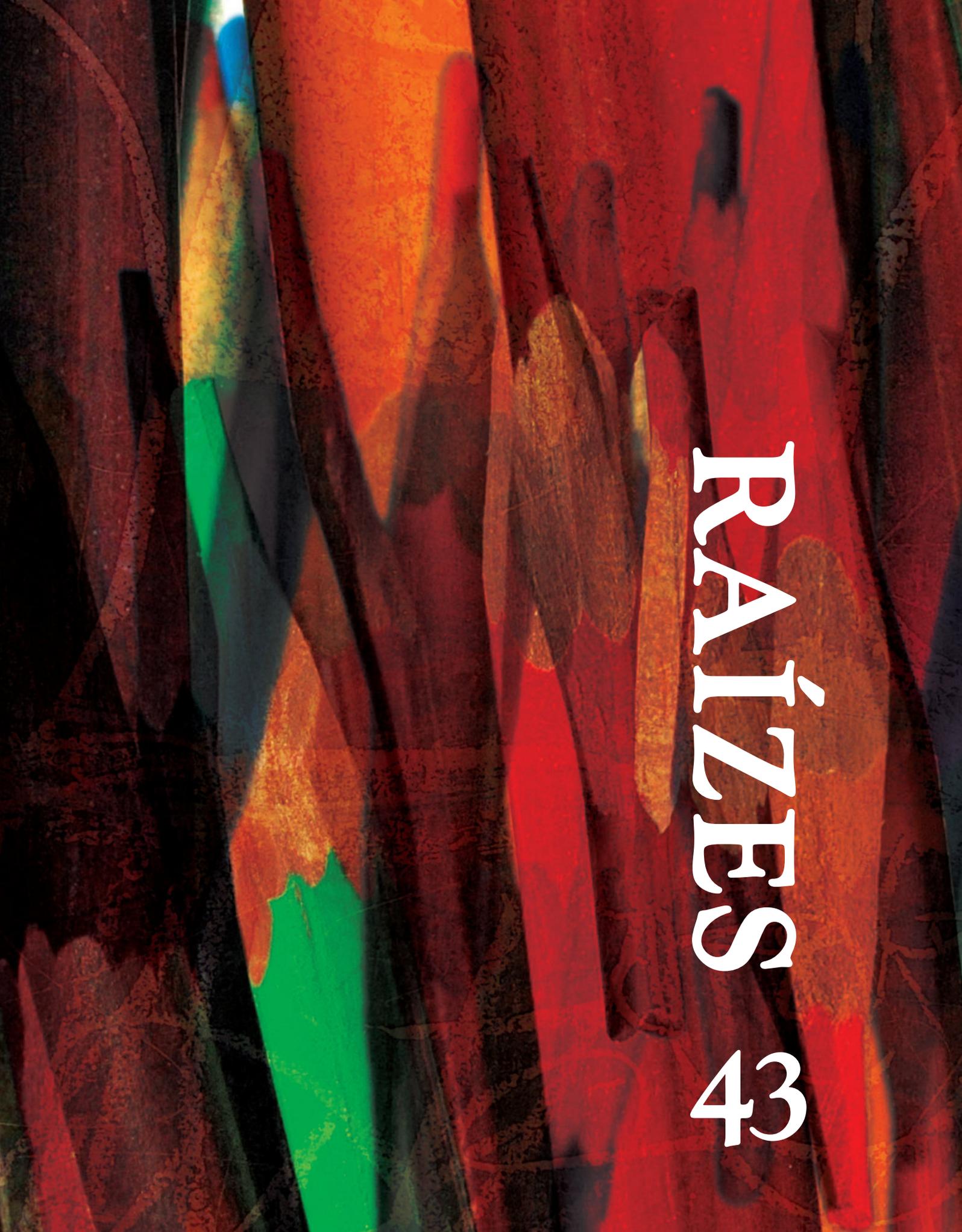
Projeto Gráfico e Editoração
Roberta Giotto

Fotografia
Antonio Reginaldo Canhoni
Antonio Augusto Coelho

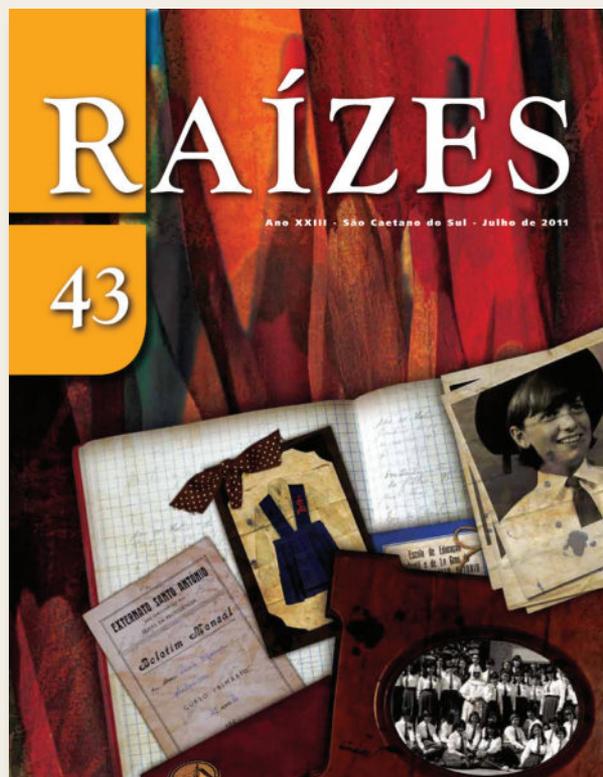
Apoio para pesquisa iconográfica
Ediméia Alberani Rodrigues
Jussara Ferreira Muniz

Ctp e Impressão
Hawaii Gráfica e Editora

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.



RAIIZES 43



Para ilustrar a capa desta edição de *Raízes* selecionamos fotografias e objetos que pertencem ou pertenceram a antigos alunos do Externato Santo Antônio. A escola sul-sancaetanense está completando 80 anos na cidade e, mercedamente, é tema de nossa seção especial *Em Foco*. Por isso apresentamos, com um toque retrô e, porque não dizer, romântico, imagens que irão diretamente referenciar a memória coletiva da comunidade da instituição.

A menina da foto da capa é Leni Maria Silveira Benavente. Ela foi aluna do Externato Santo Antônio e hoje é coordenadora do Ensino Fundamental II e Ensino Médio da escola. Guarda com carinho, até hoje, fotografias, cadernos, boletins e vários documentos do período no qual frequentou as salas de

aula como estudante. O uniforme que aparece em outra imagem foi utilizado pelos alunos nos anos 80 e faz parte do acervo do Externato, que preserva com zelo e esmero antigas vestimentas, fotografias, documentos e outros registros importantes.

Boletins e um caderno, peças presentes no cotidiano escolar, também ilustram a capa, ao lado da foto de uma turma de alunos do ginásio, do ano de 1965. A imagem de fundo, cheia de lápis de cores variadas, contrapõe-se à tradição e compõe um moderno e alegre colorido.

Paula Fiorotti

São Caetano do Sul e seus 134 anos

"O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe tudo... Mas para dar é preciso ter e não temos outra seiva senão os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós." (Simone Weil)

Ao comemorar seus 134 anos, São Caetano do Sul tem muito do que se orgulhar como uma cidade que venceu grandes dificuldades. Cresceu, adquiriu novo perfil e, em seus diferentes segmentos, é considerada exemplo de sucesso para o resto do país. Neste número da revista *Raízes*, registramos os 20 anos da Fundação Pró-Memória, com o lançamento de uma marca comemorativa, a criação de um novo site, muitas exposições e novos projetos.

Devido às grandes transformações que vêm ocorrendo com a globalização, com a tecnologia e a explosão imobiliária, a cidade se modifica muito rapidamente, sendo necessário guardar marcas e fragmentos deste processo para que o cidadão não perca suas referências e o seu papel neste novo cenário.

Raízes esmera-se no resgate de fatos, tradições e realizações, pesquisando e tornando públicos relatos de cidadãos, personalidades e famílias. Cumpre a tarefa de dar voz aos protagonistas da nossa história e isto tem sido feito durante 22 anos ininterruptos. Todos os seis presidentes da instituição se preocuparam em manter sua qualidade como documento histórico. Houve o aperfei-

çoamento do projeto gráfico, o alargamento dos horizontes em termos de conteúdo e a ampliação do número de colaboradores. Vale lembrar que esta jornada se iniciou antes mesmo da criação da Fundação Pró-Memória, no Serviço de Comunicação, com Aleksandar Jovanovic e um pequeno conselho editorial de sete membros, do qual tive a honra de haver participado.

Este número enfoca o Externato Santo Antônio nos seus 80 anos de fundação, sua participação no crescimento da cidade, depoimentos emocionantes de pessoas que nele se formaram e o cunho religioso implementado pelas irmãs da Congregação da Providência. Ainda falando de educação, registramos um pouco da história da Escola Estadual Alfredo Burkart, que neste ano comemora seu cinquentenário. Constituem pilares de inestimável importância na educação básica em nossa cidade, desde o início do século passado.

Outros temas abordados são: os 60 anos do Rotary Club, a arte de João Suzuki, a colônia alemã em São Caetano do Sul, a imigração italiana na região do ABC, as muçulmanas em São Bernardo do Campo, a história de uma cerzideira, que fez muitos consertos em roupas de moradores de São Caetano. Homenageia o fundador da Academia de Letras da Grande São Paulo e traz também bonitas histórias de vida, crônicas e projetos desenvolvidos pela Fundação Pró-Memória.

Agradecemos o apoio de nossos articulistas, conselheiros, funcionários, historiadores, colaboradores, memorialistas e a todos que nos ajudaram na pesquisa e organização desta edição.

Boa leitura!

Sonia Maria Franco Xavier

Presidente

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

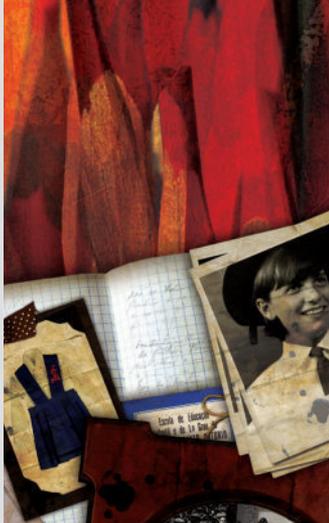






Externato Santo António

Alunos durante festa de comemoração do Jubileu de Prata do Externato Santo António, em 1956



pág **8**
Em Foco

- 32 O Externato Santo Antônio no relato de Manoel Claudio Novaes
Manoel Claudio Novaes
- 34 Uma virtude: a providência de Irmã Liliana
Mariana Zenaro
- 39 Externato da minha meninice
Maria do Céu Formiga de Oliveira

- 8 Externato Santo Antônio: 80 anos de mãos dadas com os sul-sancaetanenses
- 16 A transferência para a nova sede e a mudança do nome para Externato Santo Antônio: anos 1950 e 1960
- 23 A modernização do Externato Santo Antônio: anos 1990 e o século 21
André Aparecido Bezerra Chaves
- 28 As nostálgicas lembranças de um aluno da primeira turma do Externato Santo Antônio
Cristina Toledo de Carvalho



pág **40**
Memória

- 40 Amor de Carnaval
Nelson Albuquerque
- 44 A amizade entre dois primos
Oscar Garbelotto
- 47 Os 60 anos do Rotary em São Caetano do Sul
Urames Pires dos Santos
- 54 Escola Estadual Alfredo Burkart – meio século em São Caetano do Sul



pág **57**
História Oral

- 57 Uma trajetória de conscientização e solidariedade
Priscila Gorzoni
- 63 José de Agostinho: 103 anos de uma vida exemplar e feliz
Yolanda Ascencio
- 65 José Fiorotti: 82 anos em São Caetano



pág **69**
Personagens

- 69 Luiz Mantovani – Um dirigente em prol do esporte
Cristina Ortega
- 72 O Retrato de um Fotógrafo



pág
76

Homenagem

76 Rinaldo Gissoni: homem da ciência e das artes
Gioconda Labecca

78 Rinaldo Gissoni,
por Eva Bueno Marques

pág
88

Moda de Outrora

Comentários de Suzeti Rocha

pág
104

Crônicas

pág
79

Ofícios

Maria Garcia: a história de uma cerzideira
Leonilda Verticchio

pág
90

Artigos

90 O cotidiano das crianças em São Caetano do Sul no início do século 20
Eliane Mimesse

94 Imigrantes germânicos em São Caetano do Sul? Ja, Voll! A história esquecida da Johannes Keller Schule
Mariana Lins

pág
108

Memória Fotográfica



pág
82

Cultura

João Suzuki:
Delicadeza e intensidade nipo-brasileira
Neusa Schilaro Scaléa



pág
99

Regionais

99 A influência dos italianos na região do Grande ABC
Fábio Silva Gomes

101 Muito além do véu: mulheres muçulmanas em São Bernardo do Campo
Patrícia Silva Araújo

pág
117

Registro

EXTERNATO SANTO ANTÔNIO: 80 anos de mãos dadas com os sul-sancaetanenses

André Aparecido Bezerra CHAVES ()*

No início dos anos 1930, a cidade de São Caetano do Sul era um distrito de paz do município de São Bernardo do Campo. Uma região que ainda possuía muitas famílias que viviam de atividades econômicas ligadas ao campo, mas que já contava com um número crescente de indústrias (Cerâmica São Caetano, Fábrica de Louças Adelina, Cortume Matarazzo, entre outras), que demandavam um número cada vez maior de mão de obra. Além dos grupos de imigrantes chegados nas décadas anteriores (italianos, espanhóis e portugueses), migrantes de várias outras partes do Estado de São Paulo e até de outros estados da federação, procuravam oportunidades para ganhar a vida neste distrito promissor.

O centro da ocupação urbana de São Caetano no século 19 (atualmente o Bairro Centro) não comportava mais o estabelecimento de tantas pessoas. Houve a necessidade de se expandir o espaço ocupado. Surgiram os bairros Santo Antônio, Santa

Paula, Barcelona, entre outros. A ampliação do núcleo urbano relacionava-se diretamente à demanda por serviços públicos. Nos transportes, a São Paulo Railway Company - em 1946, estatizada e rebatizada como Estrada de Ferro Santos-Jundiá - era o principal meio para escoar a produção e trazer os moradores de outras localidades aos locais de trabalho. Algumas linhas de ônibus, tipo jardineira, serviam como transporte para a maioria da população local em ruas recém-abertas; uma curta linha de bonde ligava a estação de trem ao atual Bairro Santa Maria. Mesmo chegando depois da ocupação humana, a infraestrutura construída pela Prefeitura de São Bernardo promovia a expansão da rede elétrica com iluminação pública, saneamento básico, asfalto, entre outros serviços.

Com relação à educação, as dificuldades também existiam. As primeiras letras e noções de Matemática eram ensinadas ainda em casa pelos próprios pais, quando estes dispusessem de instrução básica, ou, se mais abastados (como comerciantes e profissionais liberais), contratavam tutores para educar os filhos. O Grupo Escolar Senador Fláquer - inaugurado em 1920 como Segundo Grupo Escolar de São Bernardo da Borda do Campo - era a única instituição capaz de oferecer ensino de qualidade às crianças de famílias trabalhadoras. Entretanto, não conseguia suprir a demanda por instrução primária. Eram necessários novos investimentos nesta área, porém os recursos públicos eram escassos e as perspectivas não eram boas: havia outras obras em andamento em toda a região do município de São

Acervo/Externato Santo Antônio



*Fachada do Colégio
Santo Antônio em 1931*



Alunos da pré-escola em foto da década de 1940

Bernardo, também consideradas prioritárias pelo governo. Foi então que os cidadãos mais influentes começaram a pensar em uma alternativa. O padre Alexandre Grigolli, então vigário do distrito de São Caetano, encontrou uma saída por meio de um acontecimento inusitado.

O caráter missionário das Irmãs da Providência no Brasil - Congregação fundada pelo padre Luís Scrosoppi (canonizado, em 10 de junho de 2001, pelo Papa João Paulo II), vice-diretor da Casa das Derelitas (instituição que acolhia meninas órfãs ou abandonadas, e filhas de pobres miseráveis de Udine, na Itália), iniciou seus trabalhos em 1º de fevereiro de 1847 como Irmãs da Providência, sob a proteção de São Caetano Di Thiene. Ela reunia freiras que escolheram viver na pobreza e doação total de si mesmas em favor dos mais necessitados. Em poucos anos as Irmãs da Providência estavam prestando serviço aos mais carentes, principalmente às crianças, em várias cidades italianas.

Em 1926, as superiores das instituições italianas administradas pelas Irmãs da Providência reuniram-se para um Capítulo Geral (assembleia representativa na qual se elegem os cargos administrativos da congregação e se tomam as decisões pastorais), com a presença do bispo de Gorizia (cidade próxima a Udine), Dom Francesco Sedei, para deliberarem não apenas pela nomeação das novas encarregadas e da mudança da Casa Geral (sede da administração) para a localidade, mas para se lançarem as primeiras ideias acerca do caráter missionário das religiosas fora de sua pátria.

Não demorou e as Irmãs da Providência receberam um convite para o trabalho missionário. Giovanni Motta, que conhecia os trabalhos da irmandade na Itália, por ter contatos com familiares e amigos residentes neste país, indicou-as a Dom José Carlos Aguirre, então bispo de Sorocaba, em São Paulo. Ele prontamente escreveu algumas cartas para a superiora geral madre Agnese Delugam, pedindo o serviço missionário das Irmãs para o trabalho social na cidade de Tietê, interior do Estado. Após reuniões com as conselheiras, foi autorizada a partida das primeiras oito irmãs missionárias e

quatro postulantes (jovens que estão se preparando para serem freiras) para o Brasil.

No dia 31 de dezembro de 1926 as Irmãs da Providência partiram do porto de Gênova, em uma viagem que duraria 20 dias, em direção ao Brasil, acompanhadas por quatro sacerdotes, seis Irmãs Marcelinas e quatro Irmãs de Santa Anna, que vinham para outras missões. Chegaram ao porto de Santos em 20 de janeiro de 1926 e dois dias depois já eram recebidas em Tietê pelo padre Gasparino Dantas, pelo professor João B. de Sanctis e pela população local. Sem dúvida estavam cansadas da viagem, mas prontas para o trabalho missionário. As Irmãs da Providência queriam se dedicar ao trabalho educativo, mas iniciam-no onde a urgência era maior. Ajudaram na Santa Casa de Misericórdia de Tietê desenvolvendo trabalhos técnicos de enfermagem e nas funções administrativas, ao mesmo tempo em que se dedicavam ao amparo espiritual dos doentes, e à comunidade, como fizeram as madres Ermágora e Ernestina no asilo que funcionava ao lado do hospital.

Poucas semanas bastaram para que o trabalho das Irmãs da Providência ecoasse em várias cidades do interior. Em menos de um mês, a comunidade da cidade de Porto Feliz convidou-as para organizar a fundação de um projeto que visava implantar uma escola de trabalhos manuais para jovens, um jardim da infância para as crianças e um programa de apoio às associações civis da comunidade, oratório festivo e catequese na paróquia. Duas irmãs e duas postulantes viajaram até a cidade e começaram a planejar a obra. Foram arroladas as exigências do governo federal, as condições de investimento do município, o transporte público oferecido e se percebeu que as dificuldades eram tantas que inviabilizavam o projeto. Mesmo com o apoio local e a determinação das irmãs em iniciar um trabalho na área de educação, sem a participação da prefeitura o projeto não teria êxito. Contudo, a missão na área de educação não fora descartado.

Em março de 1927, sob a liderança da madre geral irmã Agnese Delugan, cinco religiosas



Capelinha de São José, no pátio do Colégio Santo Antônio

partiram em direção a Tatuí, onde foram recebidas pelo vigário do município, padre Joaquim Canto, pelo presidente da Santa Casa de Misericórdia, Carlos Orsi, e por colaboradores do hospital. Nos poucos dias em que passaram estudando as tarefas desta casa de saúde, integraram-se aos demais colaboradores e acabaram por se fixar em um serviço semelhante ao desenvolvido em Tietê.

Enquanto prosseguiram os trabalhos na área da saúde em Tietê e Tatuí, o sonho do desenvolvimento de um projeto voltado para a educação iniciou-se no próprio município de Tietê, sob a orientação de Dom José Carlos Aguirre. O Colégio Imaculada Conceição, de Tietê, foi planejado, organizado e aberto em pouco mais de um mês. As atividades tiveram início em 15 de março de 1927. O sonho de uma missão educativa estava realizado, mas outro chamado insólito aconteceu.

Quando as Irmãs da Providência entraram em retiro no Colégio Imaculada Conceição, procuraram como orientador espiritual o padre Alexandre Grigolli, da congregação estigmatina, de Verona, que se encontrava no Brasil há mais de 18 anos e exercia o cargo de vigário no distrito de São Caetano. Os dias de oração e reflexão

seguiram-se normalmente, porém chuvas contínuas detiveram o padre em Tietê por mais de 20 dias, permitindo que ele conhecesse os trabalhos educativos desenvolvidos pelas Irmãs. Acabou por convidá-las a edificar semelhante missão em sua comunidade. Ao retornar, o padre deixou uma boa contribuição para o colégio que visitara e salientou o convite. Entretanto, as irmãs precisavam estudar com mais cuidado esta nova empreita, pois já eram responsáveis por três missões no Estado de São Paulo. Esta fase de amadurecimento da ideia de uma missão educativa no distrito de São Caetano levaria aproximadamente um ano e meio.

das sobre o projeto e o apoio que as autoridades e a comunidade estavam dispostos a oferecer para sua concretização. Conheceram uma edificação localizada no centro do distrito, na Rua São Caetano (atual esquina da Avenida Conde Francisco Matarazo com a Rua Manoel Coelho). Apesar das pequenas dimensões, o antigo prédio construído para ser um velho empório de vassouras, poderia abrigar com razoável conforto a clausura e os espaços onde seriam desenvolvidos os trabalhos pedagógicos.

Após apreciar as condições oferecidas e o entusiasmo das autoridades e da comunidade sul-sancaetanense, as irmãs partiram para o Colégio Rosa Mística, em Tietê (casa-matriz da Congregação

Acervo/Externato Santo Antônio



Alunas do curso de Corte e Costura e Trabalhos Manuais, na década de 1930

A fundação do Colégio Santo Antônio - O pedido foi enviado à Itália para apreciação da madre geral Agnese Delugan, e da vice-geral, madre Crescenza Tonini. Quando as madres Agnese e Melânia Colussi vieram visitar as casas onde mantinham trabalhos na América do Sul, após passar pelo Uruguai, chegaram às casas brasileiras e aproveitaram para conhecer o distrito de São Caetano, a fim de verificar a possibilidade da fundação da nova missão das Irmãs da Providência. Recebidas pelo padre Alexandre Grigolli e acolhidas em casa por Delfina Ceccato (benemérita da paróquia), as Irmãs foram esclareci-

no Brasil, fundada em 6 de janeiro de 1931) com o objetivo de avaliar a disponibilidade humana para o projeto. Tomaram o caminho para São Paulo e se apresentaram ao cardeal arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, que aprovou o pedido de abertura da nova missão.

Enquanto madre Agnese Delugan retornava à Itália com algumas irmãs, outras assumiam os trabalhos para a inauguração da nova missão. As irmãs Lia Felicetti, Firmina Lubick, Massimiliana e Dionísia deram as mãos a toda a comunidade sul-sancaetanense e, em grande mobilização social, conseguiram

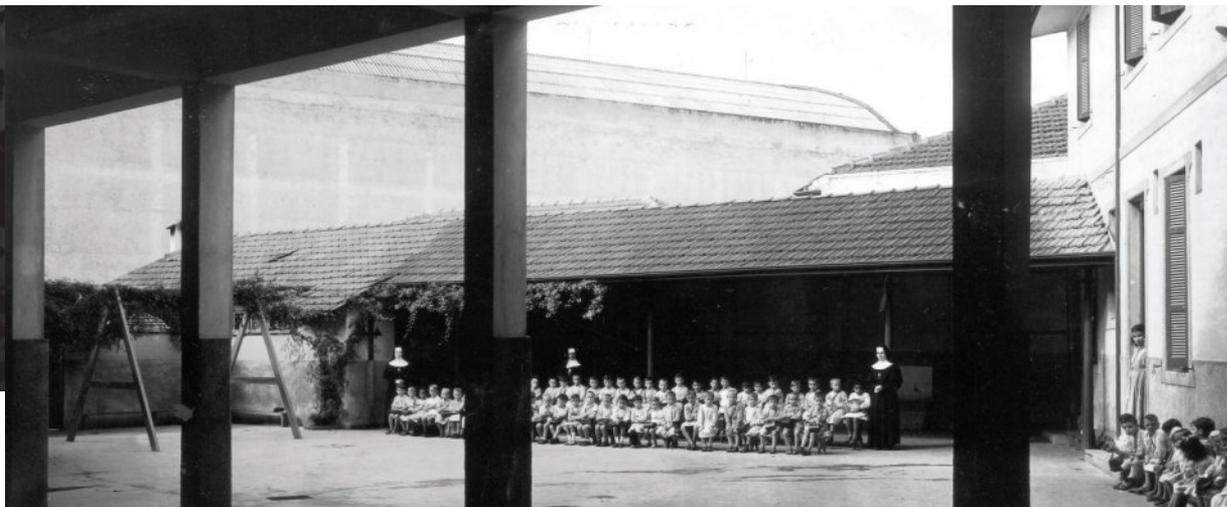
aprontar o prédio para receber o novo colégio. A Associação Antonina da Paróquia prontificou-se a arcar com as despesas dos primeiros meses de aluguel com um montante no valor de 200 mil réis. Em agradecimento, as irmãs propuseram que a escola recebesse o nome de Colégio Santo Antônio e fosse inaugurado na data em que se festeja este santo da Igreja Católica (13 de junho).

No dia 13 de junho de 1931, a solenidade de inauguração contou com a presença de autoridades civis e eclesíásticas, bem como da comunidade sul-sancaetanense em massa. A belíssima imagem de Santo Antônio partiu da Igreja São Caetano e percorreu em procissão várias ruas do distrito, com grande

fevereiro de 1932, o colégio já contava com 80 crianças e 15 jovens frequentes em seus cursos. Acompanhando o desenvolvimento das forças produtivas de São Caetano (com novos comércios, prestadores de serviços e indústrias, como a General Motors, que se instalou em 1930), as irmãs Maximiliana Minezzini e Firmina passaram a oferecer aulas de alfabetização para trabalhadores pois, sem a certificação do diploma de ensino elementar, era possível que perdessem seus empregos.

A integração com a comunidade sul-sancaetanense se dava também nos fins de semana. Algumas irmãs e voluntários leigos trabalhavam na catequese dos jovens na Igreja São Caetano. A Cruzada

Acervo/Externato Santo Antônio



Pátio interno do Colégio Santo Antônio, na década de 1930

comoção popular, para ser colocada em um nicho externo da casa.

As primeiras atividades: anos 1930 e 1940 -

As atividades educativas se iniciaram em 1º de julho de 1931, com mais de 50 crianças divididas em duas salas de aula de jardim da infância, com aulas no horário das 12h às 17h, sob orientação das irmãs Lia e Firmina. Apenas dois meses depois, sob a orientação da madre Geralda, o Colégio Santo Antônio organizou a Escola de Corte e Costura e Trabalhos Manuais, com cursos profissionalizantes muito procurados pelas moças sul-sancaetanenses da época. Em 1º de

Eucarística de São Caetano, reuniões com leigos que esclareciam o Evangelho, foi liderada pelas irmãs Firmina e Maximiliana até 1946, e depois pelas irmãs Benigna e Ilda de Nadai, até sua extinção, em 1960. O colégio ficava aberto para o recreatório festivo, cujo núcleo social se intitulava Rosa Mística. Faziam parte da recreação: cantos, jogos, gincanas e maratonas de conhecimentos bíblicos. Ainda neste período, cooperaram com os trabalhos de lazer e conscientização social e religiosa das Irmãs da Providência, a Ação Católica Brasileira e a Juventude Operária Católica (JOC), agremiações juvenis muito influentes no distrito.

Com nove meses de funcionamento, houve muita negociação para que as Irmãs da Providência conseguissem permanecer no prédio alugado. Acabava em 19 de março de 1932 o contrato de aluguel do imóvel. Conforme o acordo firmado na assinatura do contrato, terminado o prazo, o edifício deveria ser comprado pela congregação. O valor acertado era de 30 contos de réis, mas havia somente 25 mil réis disponíveis no caixa. Caso não houvesse o depósito de compra, o valor do aluguel seria reajustado. O restante do dinheiro para a compra deveria chegar da Itália, porém o governo fascista de Benito Mussolini suspendeu toda e qualquer remessa de dinheiro para o exterior. Madre Lia e Delfina Ceccato (benemérita da paróquia e grande colaboradora das Irmãs da Providência em São Caetano) procuraram Giuseppe Prado, rico comerciante paulista, que as ouviu prontamente, mas não pôde auxiliá-las por falta de garantia de pagamento. As duas continuaram determinadas por outra solução: foram ao Banco Ítalo-brasileiro. Mesmo sem garantias do empréstimo solicitado, o banco verificou o

saldo bancário da irmandade no Banco Gorizia, na Itália, a fim de pedir autorização do governo italiano para a remessa do montante requisitado. Exatamente na data limite, o envio foi aprovado e assim as Irmãs da Providência adquiriram a propriedade do imóvel e fincaram raízes definitivas no distrito de São Caetano.

Entre julho e outubro de 1932, a Revolução Constitucionalista, articulada pela elite paulista, que perdera o poder federal para Getúlio Vargas dois anos antes, mobilizou grande parcela da população para pegar em armas e lutar por uma nova Constituição. Muitos combates foram travados em território paulista, o que diminuiu a frequência com que as Irmãs da Providência instaladas em São Caetano se comunicavam com as missões de Tietê e Tatuí. Terminada a “guerra paulista”, a vitória armada das forças leais ao presidente da República não diminuiu o prestígio dos paulistas porque estes receberam a garantia da convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte no ano seguinte, o que se confirmou e levou à promulgação da Constituição Democrática de 1934.

Tudo voltou à paz e normalidade, porém a demanda por educação e cultura crescia. Foi necessária uma reforma na sede do Colégio Santo Antônio. O engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino idea-

Alunos do jardim da infância, na década de 1930



Acevo/Externato Santo Antônio

lizou e acompanhou as obras de ampliação. Com a reorganização dos espaços, puderam ser criadas mais quatro salas.

O início dos trabalhos de professores leigos se deu em 1934 com Dolores Costa. A Secretaria Estadual de Educação exigia a experiência de uma docente não religiosa para lecionar no recém-criado curso primário (só para meninas), no horário de 7h30 às 11h30. Dois anos depois, as irmãs Escolástica Maia e Cecília Simion prestaram exames a fim de conseguir habilitação para lecionar, e juntaram-se à missão sul-sancaetanense.

Em 1937, Getúlio Vargas estabeleceu uma ditadura denominada Estado Novo. Aboliu o cargo de governador dos estados da federação que não o apoiaram e substituiu-os por interventores nomeados, ou seja, fiéis colaboradores de seu novo regime. São Paulo foi um dos estados colocados sob esta forma de governo. Em 30 de novembro de 1938, o interventor federal Ademar Pereira Barros decretou a redução da categoria de São Caetano à zona distrital do distrito de paz da sede do município de Santo André. Seis anos mais tarde, o interventor federal Fernando de Sousa Costa rebaixou-o ainda mais como segundo subdistrito do município de Santo André. Foi o início do movimento autonomis-

ta dos sul-sancaetanenses. Todos comungavam esta ideia, do mais humilde operário ao mais ilustrado bacharel, liderados pela Sociedade Amigos de São Caetano. A luta pela emancipação da cidade demoraria mais quatro anos. Restabelecida a normalidade democrática do país em 1945, a mobilização para a realização de um plebiscito para a emancipação política de São Caetano tornou-se realidade em 9 de setembro de 1948, quando a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo aprovou sua realização em 24 de outubro. O resultado tornou possível a promulgação da Lei Estadual 233, de 24 de dezembro de 1948, que elevou o distrito à categoria de município, denominado São Caetano do Sul.

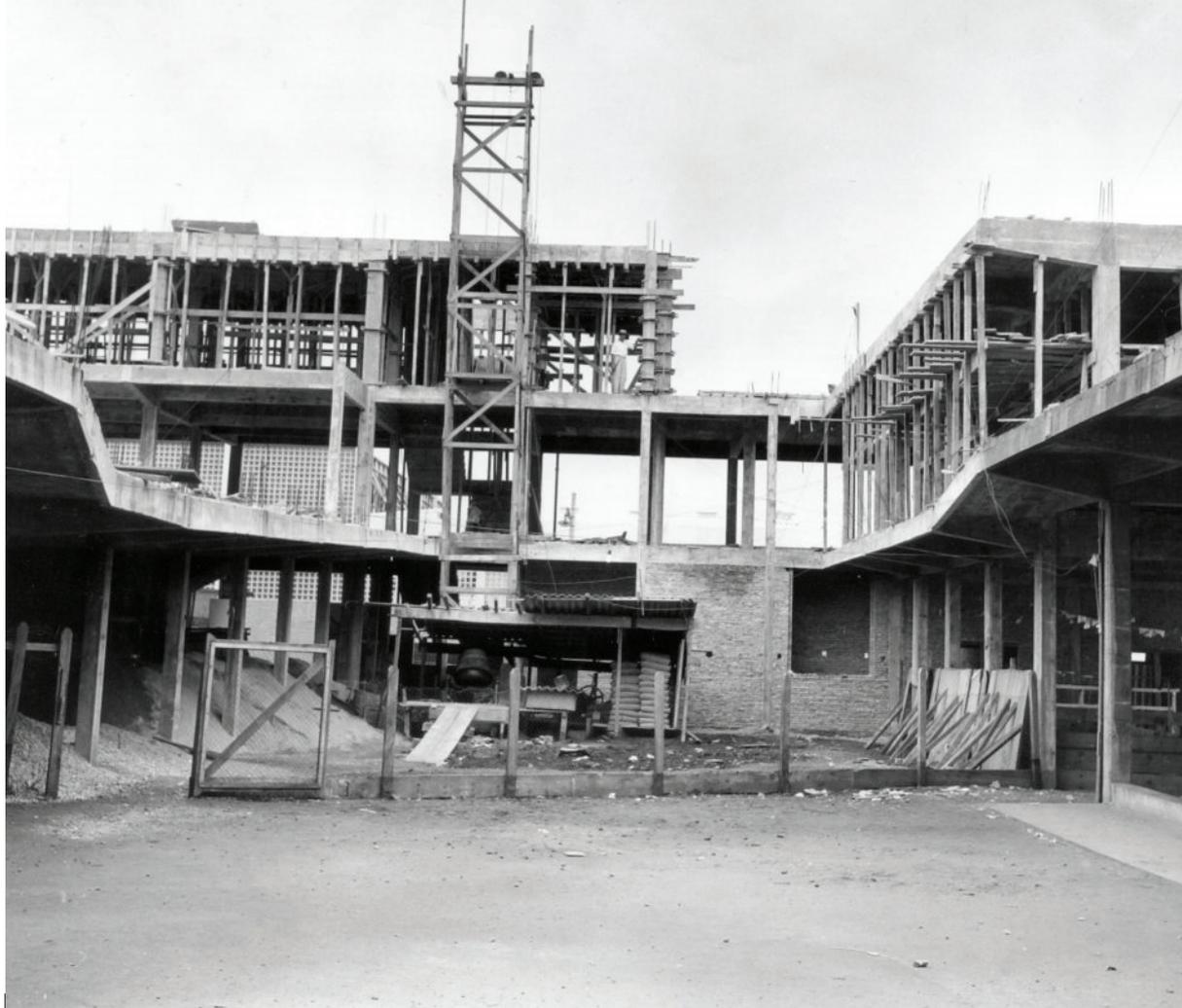
Diante de tamanha mobilização dos cidadãos, as Irmãs da Providência mantiveram sua postura de neutralidade política. O trabalho educativo prosseguia com um número crescente de professores leigos, e seu sucesso era marcado pela demanda cada vez maior de crianças e jovens, cujas famílias procuravam uma formação não apenas técnica, mas também humana. Em 1941, após longa negociação e alto custo, a congregação adquiriu terrenos na Avenida Goiás, a fim de construir um novo prédio, o que deveria acontecer na velocidade que as possibilidades financeiras permitissem.

Alunas do primário, em foto da década de 1940

Acervo/Externato Santo Antônio



A TRANSFERÊNCIA PARA A NOVA SEDE E A MUDANÇA DO NOME PARA EXTERNATO SANTO ANTÔNIO: anos 1950 e 1960



Aerovideamento Santo Antônio

Construção do novo prédio, na Rua São Luiz. Foto de 1954

Para que a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da nova sede do Colégio Santo Antônio acontecesse, mais uma vez, se conjugaram os esforços das Irmãs da Providência, das autoridades municipais e dos cidadãos. No dia 4 de abril de 1954, estiveram presentes no evento representantes das várias casas das Irmãs da Providência (como as irmãs Luizetta Nami, Fides Tesolin, Terezina Della Bianca, Savina Baschiera, Carmem, Inês Bízio, Teodorica e Lizetta Simon), autoridades religiosas (como o vigário Ézio Gislimberti e o padre Pedro Ballint) e municipais (como o prefeito Anacleto Campanella), importantes representantes da sociedade civil (como João Rela, Acácio Novaes, Mauro Corvello, Oswaldo Giampietro, Éttore Dal'Mas e Durval Caperutto), além de grande número de munícipes.



Inauguração da primeira parte do novo prédio, em 1957

Todos apoiaram com zelo a iniciativa porque o novo município se consolidava como uma área urbanizada de grande importância industrial para o Estado de São Paulo. Portanto, era cada vez maior a demanda das empresas por colaboradores com qualificação técnica para o trabalho, sem perder de vista sua preparação para lidar com as pessoas de maneira ética e humana.

Madre Escolástica e leigas beneméritas amigas das Irmãs da Providência percorriam as ruas de São Caetano e de municípios vizinhos para pedir doações a fim de prosseguir com a obra. Os livros de Ouro e de Ofertas registram inúmeros donativos para a construção da nova sede. Vinham tam-

bém contribuições da Itália, de outras comunidades das Irmãs da Providência no Brasil, de benfeitores, ajuda de familiares de alunos, além dos modestos rendimentos decorrentes das festas e quermesses realizadas ainda no antigo prédio. Não obstante, a irmandade não podia se descuidar da manutenção das atividades na sede antiga. A princípio, as madres Eduarda Tomé e Otaviana de Oliveira, em acordo

com o Conselho Geral, acompanharam diariamente as obras, e optaram pela conclusão de uma primeira parte delas, que foi denominada primeiro bloco, com frente para a Rua São Luiz e entrada pela lateral, na Rua Marechal Deodoro.

Enquanto isso, com o objetivo de atender às necessidades das famílias da cidade, foi instituído o curso primário para meninos, com uma classe de primeiro ano, sob a responsabilidade da irmã Cecília de Nadai. Contudo, não havia mais espaço no antigo prédio, então no ano seguinte, optou-se por transferir os meninos para as novas instalações, ainda em construção, onde usariam salas de aula improvisadas, também no horário entre 7h30 e 11h30. Em quatro anos o primário já possuía todas as séries, com quatro salas masculinas e quatro femininas. Em 1956, a Escola de Trabalhos Manuais mudou para o novo edifício e foi criado o curso de admissão ao ginásio, um ano de preparação para exames oficiais que proporcionavam à criança ser matriculada no ginásio. À medida que mais salas de aula eram terminadas, as séries de jardim da infância foram transferidas para a nova sede.

Em 13 de junho de 1956, comemorou-se o Jubileu de 25 anos de existência da missão educativa em São Caetano do Sul com uma nova denominação para a escola: Externato Santo Antônio (ESA).

O padre Ézio Gislimberti celebrou a missa de Ação de Graças. Foi uma cerimônia na qual se lembrou dos esforços de toda a comunidade do município em criar uma instituição educacional confiável, que atendesse às suas necessidades, sem perder de vista a formação dos jovens, tendo que enfrentar desafios de toda natureza, mas sempre confiante na capacidade das pessoas envolvidas no projeto e o bondoso e providente cuidado de Deus. Terminado o ano letivo de 1957, a antiga sede foi vendida e os últimos materiais pedagógicos e de escritório foram para o novo prédio. A missa campal que celebrou a finalização das obras da primeira ala da nova sede do Externato Santo Antônio foi celebrada pelo padre Ézio Gislimberti no dia 8 de dezembro.

Para proporcionar a locomoção dos alunos que moravam em bairros distantes (como o Bairro Fundação), as Irmãs da Providência contaram com o apoio de Francisco Marinotti e da General Motors do Brasil para facilitar a aquisição de um ônibus tipo jardineira, adaptado para o transporte escolar. No transcorrer de 1959, um grupo de pais de alunos manifestou-se perante a madre geral, irmã Lia Felicetti, para que o Externato Santo Antônio também pudesse oferecer o curso ginásial, especialmente para as meninas. A equipe gestora da escola esforçou-se para solucionar os entraves burocráticos o mais rá-



Arquivo Externato Santo Antônio

Primeiro ônibus do Externato Santo Antônio, em foto de 27 de janeiro de 1958

pido possível, conseguindo a façanha de aprontá-la conforme as exigências da Secretaria Estadual da Educação, graças à ajuda de Vicente Bastos, então diretor do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul (IESCS). Sem demora, a escola conseguiu oferecer o ginásio para o ano seguinte. Em 3 de março de

Fachada do Externato Santo Antonio em 1960



Acervo/Externato Santo Antônio

1961, a irmã Araceli Luquesi se encarregou da coordenação do Ginásio Luís Scrosoppi. Tamanha era a empolgação com os estudos que, por iniciativa das próprias estudantes, surgiu o jornal escolar *O Scrosoppinho*, que publicava artigos que davam relevância à vida do padre Luís Scrosoppi, como também colocava em pauta os eventos culturais da cidade, expunha trabalhos desenvolvidos no Externato, entre outras opções.

O prefeito Anacleto Campanella doou instrumentos musicais para a formação de uma fanfarra em 1962. Várias jovens do ginásio passaram a se dedicar às aulas de música para representar da melhor forma possível o Externato Santo Antônio nas festividades do município, não deixando de envolver toda a comunidade escolar nestes

eventos. O carinho com que a irmã Benigna ensinava música provocou nos jovens grande interesse, não apenas pela fanfarra, mas também pelo coral escolar. A partir de 1963 as festas juninas tornaram-se marca importante da história do Externato Santo Antônio. Com firme iniciativa, as jovens do ginásio e seus pais organizaram o primeiro evento com doação das guloseimas e apresentações culturais variadas. Com o passar dos anos, as festas juninas se tornaram tradicional evento da escola, atraindo um público cada vez maior e diversificando as apresentações de dança por série, especialmente das sempre aplaudidas quadrilhas.

Em 1º de abril de 1964, um Golpe de Estado instaurou uma ditadura militar no Brasil que perdurou 21 anos. Mesmo com o controle rígido sobre

Irmãs da Providência no Jubileu de Prata do Externato Santo Antônio, em 1956

nores, o que deixou grande marca na tradição da presença familiar na escola. Os trabalhos da APM foram desenvolvidos até 1996.

O segundo prédio com salas de aula do Externato Santo Antônio ficou pronto em 1965, juntamente com a obra do teatro, com amplo palco, iluminação, boa acústica, espaçosos banheiros, coxia e camarins. Espetáculos de dramaturgia, dança,



Acervo/Externato Santo Antônio

a educação, as Irmãs da Providência mantiveram-se firmes no propósito da Igreja Católica da América Latina de formar de maneira técnica os alunos do Externato Santo Antônio (prerrogativa legal), sem deixar sua formação humana, contribuindo para a consolidação dos valores de respeito ao próximo, tolerância às minorias e diferenças, além do trabalho social junto aos mais necessitados, muitas vezes enfrentando os desígnios ideológicos do Estado de Exceção instaurado. Talvez por isso, aproximou-se ainda mais da comunidade. Exemplo disso foi a formação, em 11 de abril de 1964, da Associação de Pais e Mestres (APM), com a intenção de fortalecer os laços entre os pais e a escola, não apenas na promoção de eventos beneficentes, como também na participação em conjunto na formação dos me-

música, além de celebrações de missas e cerimônias, eram presenciadas pela comunidade sul-sancaetanaense em até 732 lugares. Também foi concluída a construção do ginásio de esportes, com arquibancada totalmente coberta para 400 espectadores, amplos vestiários e salas de aquecimento anexas. Ao lado do pátio, se construiu uma área de recreação para os alunos do jardim da infância, com piso de areia e vários brinquedos.

Para felicidade de toda a comunidade do ESA, em 18 de agosto de 1967, Dom Jorge Marcos de Oliveira consagrou o altar e celebrou a primeira missa na Capela Nossa Senhora das Graças, construída nas dependências da escola. Esta obra não seria concluída em espaço de tempo menor que o previsto, não fossem os donativos dos benfeitores

do ESA, em especial os do casal Ângelo e Ruth Marinotti, que doou o altar (que foi transferido para a capela Nossa Senhora de Fátima do Externato São José de Atibaia – outra casa mantida pelas Irmãs da Providência - onde se encontra até hoje). A parceria de confiança entre o Externato Santo Antônio e os sul-sancaetanenses avançava e se consolidava. Algumas importantes mudanças aconteceriam nas décadas seguintes.

As diretrizes da educação “mecânica” e a luta pelas convicções: anos 1970 e 1980 - O governo dos generais presidentes iniciava a década de 1970 com a promessa de que o país poderia se desenvolver economicamente e melhorar a qualidade financeira da população sem precisar aderir ao socialismo. O desenvolvimento capitalista no Brasil fazia com que a economia do país crescesse 9% ao ano, em média, e o governo precisava urgentemente desenvolver tecnicamente a mão de obra. Para tanto, decretou a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que determinava as novas Diretrizes e Bases da Educação, que se caracterizava pelo utilitarismo compulsório pois determinava a qualificação especificamente técnica para a inserção imediata do aluno no mercado de trabalho após o ensino de primeiro ou segundo grau. Entretanto, ela também era discriminadora, pois a oportunidade de estudo não implicava na garantia de emprego ou melhoria da sua condição social. Qualquer tipo de formação humana era francamente desencorajada pelo Estado e poucas escolas

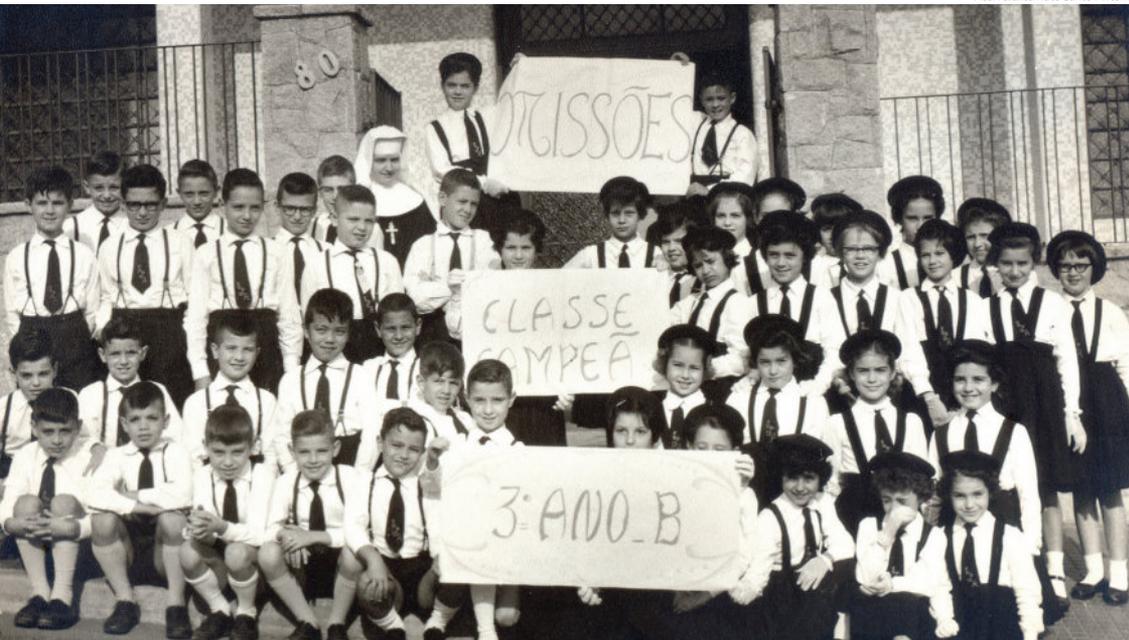
insistiam em sua realização.

O Externato Santo Antônio atendeu às exigências do governo federal, mas manteve-se firme em seu compromisso na formação humana. Também é importante destacar o aumento das exigências do próprio governo para manter as escolas em funcionamento, como a deliberação que determinou o fim das classes isoladas de meninos e meninas. Foi necessária a adaptação da escola para atendê-la, o que aconteceu apenas no ano letivo de 1975, quando o corpo docente teve que ser ampliado, chegando a 32 professores leigos e 14 irmãs, sob a direção da irmã Cecília de Nadai. Com a ampliação do número de missões das Irmãs da Providência pelo Brasil, em 1980 decidiu-se pela entrega da direção pedagógica para os leigos. A professora Darcy Rezende Guarez foi a escolhida para assumir esta tarefa, contudo, a direção administrativa continuou com as Irmãs.

O Jubileu de Ouro do Externato Santo Antônio foi comemorado em 1981 com uma trezena em louvor ao patrono Santo Antônio. O evento foi encerrado com uma missa em Ação de Graças celebrada pelo bispo diocesano Dom Cláudio Hummes, pelo cônego Tito de Vitta e pelos padres Ézio Gislimberti, José Primo e Márcio.

Diante do insistente pedido da comunidade em oferecer o segundo grau para que as alunas continuassem estudando, o ESA abriu o curso de Magistério em 1982, o qual preparava as jovens para se tornarem professoras de ensino infantil e primário.

Acervo/Externato Santo Antônio



Terceiro ano do primário na Campanha Missionária de 1961

O curso foi encerrado três anos depois, devido a dificuldades econômicas e mudanças nas deliberações da Secretaria Estadual da Educação.

Ao perceber a necessidade de uma missão no Bairro da Prosperidade, em São Caetano, as Irmãs da Providência criaram, em 25 de maio de 1986, a Casa do Menor Padre Luís Scrosoppi, uma “casa irmã” auxiliada pelo Externato Santo Antônio. Passaram a atender crianças e jovens de famílias carentes, cujos pais ou responsáveis trabalhavam, deixando-os expostos aos riscos de sua ausência. Para enfrentar o desamparo econômico e afetivo por que passavam muitos dos atendidos, as Irmãs da Providência assumiram o compromisso de promover a esperança em suas vidas, para que seus direitos fossem preservados, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo que se globalizava, educando-os para se inserirem na sociedade de forma correta e humana, oferecendo acompanhamento e reforço escolar, alimentação e atividades como artesanato, pintura em tela, música, marcenaria, informática, entre outras ações educativas, que caracterizam as atividades desta preciosa missão, em atividade até hoje.

Em 1985 o país se redemocratizou. Três anos depois ficou pronta a tão esperada Constituição democrática, mas a educação precisou aguardar as mudanças legais para atualizar suas determinações até a promulgação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu as novas Diretrizes e Bases da Educação. Não obstante, as novas tecnologias digitais começaram a chegar ao Brasil e demonstravam os novos rumos que o conhecimento seguiria nas próximas décadas. A Lei Federal nº 7.232, de 1984 (comumente conhecida por Lei de Informática), que determinava a reserva de mercado para este ramo de atividade, foi extinta apenas em 1991 pela Lei Federal nº 8.248. Desta maneira, era necessário modernizar a relação entre ensino e aprendizagem, a partir nas novas exigências legais e sociais, especialmente com o uso de novas e definitivas tecnologias. Mais uma vez a comunidade do Externato Santo Antônio se mobilizou para atender a essa nova demanda social.



Acervo/Externato Santo Antônio



Acervo/Externato Santo Antônio



Acervo/Externato Santo Antônio

Primeira turma do ginásio em 1964

Festa de encerramento do ano letivo de 1966

Festa Junina realizada na década de 1970

A MODERNIZAÇÃO DO EXTERNATO SANTO ANTÔNIO: anos 1990 e o século 21

EM FOCO

Acervo/Externato Santo Antônio



Os anos 1990 marcam o ingresso do Brasil no mundo da comunicação digital. Tornou-se necessário que se disponibilizasse primeiro no trabalho, depois em casa, inéditos equipamentos de informática. Aos poucos, a vida do povo brasileiro se envolvia irreversivelmente com todo tipo de aparelhos eletrônicos, sejam eles destinados à comunicação de massa (televisão, rádio, jornais, revistas) ou à comunicação pessoal (telefone celular e computador), com grandes possibilidades de acesso à informação e ao conhecimento em tempo real, devido à internet. O Externato Santo Antônio não deixou de se atualizar neste sentido, e começou uma grande jornada de reestruturação modernizadora, conjugando as iniciativas da direção administrativa com a coragem e competência dos professores leigos.

A irmã Benigna esteve à frente das aulas de música até 1995. No ano letivo seguinte, professoras leigas assumiram o ensino de violão, guitarra e flauta. Também passaram a ser oferecidos cursos de artes (artesanato e pintura). Neste mesmo ano tem início o programa de Intercâmbio Cultural Internacional para os alunos do ensino médio, sob a coordenação da professora Vera Biazotto, oferecendo cursos intensivos de língua e cultura inglesa, além de viagens de turismo cultural nas férias de meio de ano, em países como Canadá, Inglaterra, Escócia, Itália e França.

Para ampliar o número de estudantes e dinamizar ainda mais o acesso à escola, as Irmãs da Providência optaram por terceirizar o sistema de transporte escolar, aumentando o número de peruas e vans regularmente adaptadas para esta finalidade. Em maio de 1996, representantes da comunidade leiga da cidade se reuniram com as Irmãs da Providência com o objetivo de criar uma associação para desenvolver projetos de trabalho voluntário junto às missões coordenadas pela congregação. Nasceu a Associação dos Leigos da Família Scrosoppiana (Alfas), que promove retiros espirituais, encontros anuais, trabalhos assistenciais, peregrinações, entre outras atividades junto aos mais necessitados.

Em 1997, houve a introdução do ensino médio regular, que veio satisfazer o desejo dos pais dos alunos que terminavam o ensino fundamental II em manter os filhos na escola de alta qualidade e no ambiente de harmonia que o Externato Santo Antônio oferece, e também a parceria com o Sistema Anglo de Ensino, a fim de modernizar ainda mais o sistema educacional, com o excelente padrão já reconhecido pela instituição.

Na esperança de aproximar os interessados de toda a comunidade com as novas tendências nos estudos bíblicos e teológicos, a partir de 1998, o Externato Santo Antônio passou a oferecer cursos livres de Teologia para leigos, com aulas de Cristologia, História do Povo Hebreu, das Cartas Paulinas, entre outros temas.

Em 1999, o Externato organizou o laboratório de informática, com a finalidade de aproximar os alunos das novas tecnologias de informação. O colégio também ganhou a primeira sala específica de audiovisual, denominada São Luís Scrosoppi, com 250 lugares, completo sistema de som e acústica, telão e computador, cujo acesso à internet foi estabelecido em menos de dois anos. Ainda neste ano letivo, a pequena sala onde se realizavam experiências simples de Ciências foi reformada e se transformou em um completo laboratório de experimentos científicos. Duas reformas estruturais marcaram o ano 2000: a cobertura de todos os pátios e da quadra externa da escola e a remoção da área de recreação dos alunos do jardim da infância, para suprir a necessidade da construção de uma moderna praça de alimentação.

Quando, em 10 de julho de 2001, o Papa João Paulo II canonizou o padre Luís Scrosoppi, reconhecendo sua santidade ao confirmar sua intercessão na cura de um jovem soropositivo da África do Sul, o Externato Santo Antônio celebrou com missa de Ação de Graças, realizou festejos e até organizou uma caravana a Roma, com o objetivo de vivenciar este momento abençoado.

Acervo/Externato Santo Antônio



Acervo/Externato Santo Antônio



Acervo/Externato Santo Antônio



Para atender aos pedidos dos moradores que precisavam trabalhar e deixar os filhos na escola, a instituição disponibilizou uma equipe de experientes profissionais a fim de oferecer, de maneira organizada, atividades educativas e recreativas, bem como alimentação, no turno oposto às aulas regulares, sendo criada, em 2002, a educação em tempo integral. Grande remodelação aconteceu, no ano letivo de 2005, na área de esportes. Além das aulas de Educação Física (já havia treinos de futebol e handebol em horário alternativo), foram acrescentados treinos de voleibol, basquetebol, tênis de mesa, xadrez, dança, ginástica rítmica e ensaios coreográficos de *cheerleaders*.

Visando garantir mais oportunidades de cursos profissionalizantes aos munícipes de São Caetano do Sul, o Externato Santo Antônio firmou parceria

Festa do Primeiro Livro, em 1993

Confraternização de Natal em 1995

Celebração de Natal de 1997

com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) de Santo André para oferecer cursos técnicos e livres em áreas como finanças, contabilidade e comércio exterior, a partir de 2006. Em 2007, foi implantado o curso livre de teatro, ministrado por professores com formação pedagógica e artística, com o objetivo de promover o desenvolvimento da socialização, vocabulário, memorização, fala em público, bem como personalidade e criatividade.

Neste mesmo ano, foi criado o Núcleo de Animação da Filosofia Institucional (NAFI), para a prática educacional interdisciplinar com temas de relevância social, formação para a cidadania das crianças e dos jovens, campanhas permanentes para caridade em instituições sociais, trabalhos de voluntariado, catequese, celebrações e atividades benéficas junto aos pais.

A Biblioteca São Luís Scrosoppi foi reinaugurada em 14 de março de 2007, depois de ampliação e modernização, em evento que contou com a presença de alunos, professores, educadores de apoio, escritores e autoridades educacionais. Textos produzidos pelos alunos especialmente para a ocasião foram lidos e o livreto em forma de cordel *O encontro do leitor com o livro*, escrito pelo professor de História André Aparecido Bezerra Chaves, foi distribuído aos presentes. Todo o acervo de livros, revistas, mapas e outros periódicos foram catalogados e atualizados. Também foram disponibilizados oito terminais de computadores com acesso à internet para realização de pesquisas. O local ganhou ainda uma sala de leitura de livros infantis. Também atendendo à necessidade de muitos pais de alunos com irmãos ainda bebês, foi inaugurado, em julho de 2007, o berçário. Para garantir o pleno desenvolvimento físico e emocional dos bebês, conta com sala para sono (com berços individuais), solário, lactário, fraldário, refeitório, área para banho e higiene, ambulatório e espaço aberto com acesso às mães para amamentação. Para conforto dos pais, a escola disponibilizou avançado sistema de monitoração, via internet.

Para ampliar e aperfeiçoar as possibilidades de conhecimento dos jovens alunos do Externato Santo Antônio, em Língua Inglesa, foi firmado acordo com a Cultura Inglesa de Santo André, proporcionando cursos complementares ministrados por professores especializados. A primeira sala multimídia com lousa digital e interativa foi entregue para uso de toda a comunidade educativa no início do ano letivo de 2009, possibilitando a dinamização das aulas e interação imediata com informações da internet.

No ano seguinte, com a ampliação da cozinha e da praça de alimentação, a instituição pôde oferecer almoço de qualidade aos estudantes que complementam seus estudos, participam das oficinas de arte ou desenvolvem seus treinamentos esportivos no turno da tarde. Também, cada uma das salas de aula foi equipada com computadores interligados à internet, com projetores de alta resolução, capazes de dinamizar ainda mais as aulas, o que facilita o aprendizado dos alunos.

Oitenta anos depois de ser lançada sua semente, o Externato Santo Antônio continua vivo e cresce. Adaptou-se às mudanças que o desenvolvimento de São Caetano do Sul, do Brasil e do mundo lhe impuseram, e está disposto a avançar. Manteve inabalada a crença em sua filosofia institucional por nunca deixar de confiar na Providência e no ser humano. Com a mesma esperança, confiança e doçura com que os moradores da cidade estenderam as mãos ao trabalho que as irmãs da congregação vieram implantar em 1931, toda a comunidade educativa do Externato Santo Antônio hoje os retribui ao oferecer os mesmos braços acolhedores que sempre estiveram abertos para o próximo. Mais páginas da história da união entre sul-sancaetanenses e as Irmãs da Providência serão escritos, porque pensam da mesma maneira, motivados pelas futuras gerações. Os valores na educação são a esperança de uma vida mais solidária, justa e harmoniosa, neste amado município. 



1ª Série do Ensino Fundamental

Amanda Andrade, Ana Carolina Pellegrini, Addressa da Conceição, Anna de Alegria, Caroline Yamaguti, Fernanda Castilho, Jacqueline Calderaro, Juliana Omoto, Lais dos Santos, Mariana Sanches, Mariana Moreto, Michelle de Souza, Thais Feitoza, Yasnaia Boldo, Henrique dos Santos, Lucas Ponce, Marco Antonio Yunes, Vinicius Dal mas, Vitor Ribeiro, Marina Gesdermayer, Thiago Montemor, Vitória Schotten
Profª Adriana

Primeira série do ensino fundamental, em 2001, em foto comemorativa do 70 anos do ESA



4ª Série B - EF I
Você também faz parte dessa história.

Quarta série do ensino fundamental, em 2006, em foto comemorativa do 75 anos do ESA

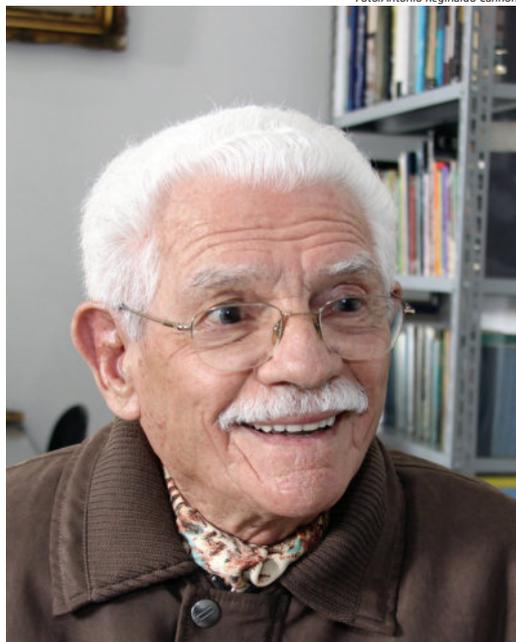
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS, José de Souza. *São Caetano do Sul em IV Séculos de História*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1957.
 MEDICI, Ademir. *Migração e Urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
 NADAI, Cecília de. *Vida e Missão das Irmãs da Providência no Brasil*. Itu: Editora Ottoni, 2010.
 PAPASOGLI, Maria; PAPASOGLI, Giorgio. *Para os mais pobres – vida do Bem Aventurado Padre Luís Scrosoppi*. São Paulo, 1998.
 SOUZA, Monica de; RAMOS, Adriana M. C. *Cotidiano e História em São Caetano do Sul*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
 XAVIER, Maria Elkizabete; RIBEIRO, Maria Luiza; NORONHA, Olinda Maria. *História da Educação: A Escola no Brasil*. São Paulo: Editora FTD, 1994.
 XAVIER, Sonia Maria Franco. *Externato Santo Antônio, tudo começou no jardim da infância...* In: Raízes, Ano VII, Número 14, São Caetano do Sul, Prefeitura de São Caetano do Sul, julho/1996.

(*) André Aparecido Bezerra Chaves, licenciado e bacharel em História, é mestrando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de História do Externato Santo Antônio

AS NOSTÁLGICAS LEMBRANÇAS DE UM ALUNO DA PRIMEIRA TURMA DO EXTERNATO SANTO ANTÔNIO

Cristina Toledo de CARVALHO ()*



Foto/Antônio Reginaldo Canhoni

Mário Dal'Mas, aluno da primeira turma do jardim de infância do Externato Santo Antônio. Nascido em São Caetano, no dia 6 de setembro de 1923, tinha sete anos, quando ingressou no colégio

O Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul foi o cenário perfeito para o meu encontro com o engenheiro industrial e líder autonomista, Mário Dal'Mas. O motivo da longa e agradável conversa que tivemos, naquela sexta-feira do dia 13 de maio de 2011, foram os 80 anos de atividades do Externato Santo Antônio, os quais seriam completados exatamente um mês depois. O fato de o protagonista deste artigo ter sido aluno da primeira turma do jardim de infância do colégio, por si só, já tornava o seu depoimento especial. Mas a constatação de que a sala onde hoje funciona a administração do Museu foi o local onde o sul-sancaetanense Mário Dal'Mas fez o primeiro ano primário tornou

ainda mais preciosa a entrevista. Isso sem falar que o seu relato não se restringiu aos episódios referentes ao período em que frequentara o colégio. Embora as experiências lá vivenciadas tenham sido o foco de sua narrativa, a flexibilidade e a abrangência de seu testemunho criaram condição para que outros assuntos fossem abordados. Temas ligados ao conhecimento filosófico e às artes, assim como os concernentes à situação atual do país, no que tange à política, educação e cultura, não escaparam de suas análises e considerações.

Todas essas questões contemporâneas acabaram por norteá-lo em suas abordagens e referências ao passado, reforçando, assim, a ideia de que

o quão estimulante e importante é o contato com o presente “para agudizar a sensibilidade histórica”¹, como defende Jean Chesneaux. Em relação, especificamente, ao Externato Santo Antônio, Dal’Mas trouxe à tona informações de cunho histórico, como, por exemplo, as referentes aos esforços do Padre Alexandre Grigolli para a instalação do colégio, em São Caetano.² A tais informações somaram-se as de natureza subjetiva, como suas lembranças acerca das professoras, das atividades pedagógicas e do cotidiano no jardim de infância, no longínquo ano de 1931. A interpretação dada por ele a essas recordações confirmam o que Alessandro Portelli diz a respeito da presença da subjetividade no processo por meio do qual as pessoas constroem e atribuem significados às suas experiências.³ E foi nesse ímpar exercício de interpretação de acontecimentos que integraram as suas vivências, enquanto aluno do pioneiro jardim de infância do colégio, que Mário Dal’Mas revelou as suas nostálgicas lembranças, brindando esta edição de *Raízes* com histórias que marcam as oito décadas de atuação do Externato Santo Antônio, no município.

“O Colégio Santo Antônio iniciou suas atividades num prédio alugado, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, esquina com a Rua Manoel Coelho. Aí funcionava, outrora, uma fabriquinha de vassouras. A escola, então, alugou esse imóvel e o reformou. Em volta do pátio de terra batida, levantaram um paredão bem alto para proteger as crianças. No meio, construíram uma capelinha de Santo Antônio, pequenininha. Do lado desse paredão, fizeram o bebedouro, de alvenaria, com torneiras e etc, e, no fundo, uma pequena horta. Fisicamente, o colégio era isto.

A convite do Padre Alexandre Grigolli, que era vigário da Matriz da Funda-



Foto/Antônio Reginaldo Canhoni

O avental descrito por Mário Dal’Mas integra o acervo do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul. Era utilizado como uniforme pela turma masculina do Externato Santo Antônio

ção, vieram para São Caetano, de Udine, na Itália, as mães Firmina e Geralda, da Congregação da Providência.⁴ Elas foram encarregadas de administrar a instituição e de educar e ensinar as crianças. Para isso, tiveram de aprender o nosso idioma. Num tempo espetacular, elas aprenderam o português, graças às aulas particulares de uma professora daqui mesmo de São Caetano.

Na inauguração do colégio, o padre Alexandre agradeceu ao povo pelos esforços despendidos com a organização de quermesses, espetáculos culturais e artísticos, no Clube Esportivo Lazio e no São Caetano Esporte Clube, para arrecadação de fundos em prol do funcionamento da escola. Na minha opinião, ele foi o elemento principal para que o Colégio Santo Antônio passasse a funcionar. O padre Alexandre Grigolli coordenou todo o trabalho.

Assim que a escola começou a funcionar, me matricularam na primeira turma do jardim de infância. Eu frequentava o período do meio-dia às

cinco da tarde. As mães Firmina e Geralda foram as nossas educadoras. Todos os dias, elas ensinavam o sinal da cruz e duas orações para as crianças: o Pai Nosso e a Ave Maria. E chegamos a decorá-los. Rezávamos em conjunto, em voz alta, formando um coro, que ficava bonito à beça.

Eu me lembro que a nossa primeira aula foi de alfabetização. As religiosas começaram a ensinar as vogais e, depois, as consoantes, e ainda a combiná-las, formando sílabas e palavras. Eu me alfabetizei no colégio. Quando entrei no Senador Fláquer, já sabia ler. O primeiro ano eu fiz aqui no Museu. A família De Nardi, proprietária do casarão, alugou as duas salas da frente para o Grupo Escolar Senador Fláquer, que, por falta de espaço em seu prédio, transferiu para cá duas turmas.

As religiosas também nos ensinaram os números. Nós usávamos um caderno cheio de quadradinhos, onde os algarismos eram desenhados. Então, aprendemos a contar. As mães Firmina e Geralda eram grandes pedagogas. Elas sabiam educar, eram bem preparadas. As histórias que elas nos contavam valorizavam sempre as boas ações. Tinha um momento em que as mães distribuíam uma caixinha cheia de palitinhos de madeira de várias cores e uma massa colorida, justamente para que os alunos pudessem aguçar sua imaginação. Essa re-

criação era para despertar a nossa criatividade. Elas tinham muita habilidade. Agora, depois de 80 anos, estou lembrando e até interpretando os ensinamentos delas. Elas tinham um conhecimento de educação infantil muito bom.

A irmã Firmina era a superiora. Era uma senhora já com os seus 52 anos, severa, mas muito amorosa e carinhosa. Ela administrou tão bem o colégio, que, em 1932, se não me engano, a propriedade onde as atividades iniciaram foi comprada. Em 1934, o nosso primeiro prefeito, Dr. Ângelo Raphael Pellegrino, fez o projeto do novo prédio da escola. Demoliram o antigo, que era um prediozinho baixinho, e fizeram uma construção maior, assobradada. Somente depois que o Externato mudou para a Rua São Luiz.

Eu me recordo também das festas que as mães organizavam em comemoração às datas nacionais importantes. Elas colocavam um piano no pátio para animar as festinhas. Era nesse pátio de terra batida que fazíamos a hora do lanche. Mas, muitas vezes, ela era feita na sala de aula, porque era uma maneira inteligente das irmãs observarem a nossa postura, quando comíamos. Tínhamos uma lancheira, que era feita de lata, na época, e era pintada. A minha era verde. A hora do recreio era espetacular. Elas nos ensinavam a pular corda e uma bola de borracha era dada para os meninos. Havia a brincadeira de pegador, tudo era movimentado, como se fosse uma aula de Educação Física.

Nós usávamos um uniforme, que era um avental, com comprimento até o joelho, mangas compridas, abotoado nas costas e com bolsos laterais. Ele tinha umas listas bem fininhas, em azul e branco. O das meninas era branco e rosa bem forte. Usávamos também uma sandália de couro que era presa no pé por uma tira. Tudo isso era padronizado pelo colégio. Eu me lembro bem desse uniforme. Puxar as memórias de meus tempos de menino, do jardim de infância, num local onde eu fiz o meu primeiro ano, é emocionante. Esse encontro, aqui no Museu, me proporcionou um dia muito feliz. Foi um momento nostálgico.” **R**



Foto/Antônio Reginaldo Canhoni

Outra peça que faz parte do acervo do Museu e remete ao Externato Santo Antônio é este harmônio, de 1935. Era utilizado nas aulas de canto e nas missas

Uma preciosa fonte histórica

Mário Dal'Mas apresentou-se para a gravação de seu depoimento, no Museu Histórico, munido não só de suas nostálgicas e ricas lembranças, mas também de uma preciosa fonte para a recuperação da história do Externato Santo Antônio. Trata-se de uma cópia da lista dos alunos da primeira turma do jardim de infância da escola, por ordem de matrícula, conforme segue:

1º. – Afonso Durante; 2º. – Henrique Rossi; 3º. – Ezio Carbonari; 4º. – Carmine Barile; 5º. – Santos Bim; 6º. – Ivo Cavallini; 7º. – Helio Cavallini; 8º. – Geraldo Nonato; 9º. – Remo Miasi; 10º. – Alceu Brajato; 11º. – Filipe Attala; 12º. – Walter Andrade; 13º. – Antonio Perrella; 14º. Emidio Perrella; 15º. – Eduardo Ferrari; 16º. – Geraldo Braido; 17º. – Mário Dal'Mas; 18º. – Pedro Seschim; 19º. – Stelio Mazzordo; 20º. – Wilson Infante; 21º. – Rene Lopez; 22º. – Domingos Montini; 23º. – Argemiro Radez; 24º. – Hertz Gurgel; 25º. – Giacomo Garbellotto; 26º. – Daniel Perrella; 27º. – Constantino De Nardi; 28º. – Ivanoe Netti; 29º. – Enio Pavani; 30º. – Heitor Lista; 31º. – Lelio Sigolo; 32º. – Domingos Baigi; 33º. – Andrea Ferri; 34º. – Mário Calderaro; 35º. – Armando Carnevale; 36º. – João Leoni; 37º. – Santos Parente; 38º. – Bruno Vincenzi; 39º. – Marcelino De Nardi; 40º. – Antero Gomes; 41º. – Humberto Fatore; 42º. – Divo Guedez; 43º. – Pedro Franco; 44º. – Deodato de Paula; 45º. – Alfio Garbelotto; 46º. – Arino Miotto; 47º. – Francisco Fiale; 48º. – Americo da Silva Diaz; 49º. – Walter de Souza; 50º. – Italo Dal'Mas; 51º. – Odahir Alonso; 52º. – Dercio da Silva; 53º. – Mário Luiz Tegão; 54º. – Mário Martinho; 55º. – Bruno Trevisan; 56º. – Ignacio Musumeci; 57º. – Claudio Musumeci; 58º. – Miguel Aimichio; 59º. – Juca Azevedo Neto; 60º. – Bruno Scalzaretto; 61º. – Wille Stephan; 62º. – Ederomir Rodrigues Costa; 63º. – Luiz De Nardi; 64º. – Cesarino Paglianini; 65º. – Nelson de Carvalho; 66º. – Argeu Gomes; 67º. – Nelson Fernandes; 68º. – Rubens da Silva; 69º. – Jose Cucatro; 70º. – João Batte Costa; 71º. – Orestes de Oliveira; 72º. – Ricardo de Campos Barros; 73º. – Eugenio Guerrero; 74º. – Renato Vettorazzo; 75º. – Osvaldo Scalzaretto; 76º. – Jose Queiroz; 77º. – Luiz Viotto; 78º. – Joaquim Albino; 79º. – Waldemar Fidalgo; 80º. – Claire Netti; 81º. – Clarinha Lorenzini; 82º. – Diva Cuccato; 83º. – Fany Scartozzoni; 84º. – Mercedes Giorgetti; 85º. – Moemia Gonçalves; 86º. – Odete Gonçalves; 87º. – Otilia Cavana; 88º. – Wanda Richter.

NOTAS

¹ CHESNEAUX, Jean. Devemos fazer tábua rasa do passado? Sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995, p. 57.

² Sonia Maria Franco Xavier é autora de uma minuciosa pesquisa acerca da presença do Externato Santo Antônio, em São Caetano do Sul. A referida pesquisa traz importantes informações sobre os esforços do Padre Alexandre Grigolli para a instalação do colégio: "Em 1929 o Reverendo Padre Alexandre Grigolli [...] esteve em Tietê com as irmãs da Providência (Congregação Italiana), por ocasião de um retiro espiritual. Surgiu-lhe uma ideia de convidá-las para trabalhar na sua paróquia, iniciando o primeiro trabalho de educação infantil em nossa cidade que, na ocasião, fazia parte do Município de São Bernardo do Campo. [...] A proposta que foi feita à reverenda madre Crescenzia foi encaminhada à madre Agnese Delungan, madre-geral na Itália que, como viria fazer uma visita às casas onde mantinham trabalho, aqui na América, aproveitaria para vir até São Paulo e analisar a proposta de fundação, em São Caetano, de uma escola de Jardim de Infância." Além desse episódio desenrolado nos bastidores, outros dados foram levantados por Sonia Xavier, em sua pesquisa, dentre os quais os concernentes à escolha do nome da escola e às madres que iniciaram o trabalho na nova casa da congregação. O nome Externato Santo Antônio deve-se ao fato de o estabelecimento de ensino ter sido inaugurado em 13 de junho, dia de Santo Antônio, e também em virtude do apoio recebido da Associação Antoniana, da Paróquia de São Caetano, a qual "ajudou muito as irmãs, inclusive pagando os primeiros alugueis." Em relação às irmãs pioneiras, Sonia aponta os nomes das madres Lia e Firmina. XAVIER, Sonia Maria Franco. Externato Santo Antônio, tudo começou no jardim de infância... Raízes, São Caetano do Sul, n. 14, p. 21-26, jul. 1996.

³ PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: Revista Tempo (Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense – UFF), Rio de Janeiro, vol. 1, no. 2, p. 59-72, 1996.

⁴ A Congregação da Providência a que se refere Mário Dal'Mas diz respeito à irmandade, fundada pelo Padre Luigi Scrosoppi, da qual fazem parte as Irmãs da Providência, cuja origem histórica remete aos trabalhos pioneiros de um grupo de 15 abnegadas professoras junto à Casa das Derelitas, uma instituição voltada ao amparo de meninas órfãs, em Udine, na Itália. No dia 25 de dezembro de 1845, aquelas 15 educadoras receberam o hábito religioso, episódio que marcou a fundação da confraria religiosa. Sob a proteção de São Caetano Di Thiene, a congregação teve como primeira madre superiora a Irmã Lúcia de Giorgio. PADRE Luiz Scrosoppi e as Irmãs da Providência. Paris: Éditions Fleurus, 1994.

(*) *Cristina Toledo de Carvalho* é historiadora, supervisora do Museu Histórico Municipal e mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

O Externato Santo Antônio no relato de Manoel Claudio Novaes

O SUL-SANCAETANENSE MANOEL CLAUDIO NOVAES ESCREVEU UMA SÉRIE DE PEQUENOS TEXTOS ACERCA DA SÃO CAETANO DE ANTIGAMENTE. NELES, SÃO RETRATADOS EPISÓDIOS, PERSONAGENS E CENAS QUE MARCARAM O COTIDIANO DA CIDADE, EM TEMPOS LONGÍNQUOS. ESSES TEXTOS FORAM PUBLICADOS POR NOVAES, NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980, E SELECIONADOS PARA COMPOR O LIVRO *NOSTALGIA*, VOLUME INAUGURAL DE UM PROJETO IDEALIZADO PELA PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, NO SEGMENTO EDITORIAL, COM O OBJETIVO DE PRIVILEGIAR A RECUPERAÇÃO DA HISTÓRIA DA CIDADE, A PARTIR DE VARIADOS ASPECTOS E PERSPECTIVAS. DENTRE OS TRABALHOS QUE FORAM CONTEMPLADOS, EM *NOSTALGIA*, ESTÁ UM PRECIOSO RELATO DO AUTOR SOBRE O EXTERNATO SANTO ANTÔNIO. NA SEQUÊNCIA, APRESENTAMOS ESSE FABULOSO TEXTO, RICO EM DETALHES, QUE EVIDENCIAM AS LEMBRANÇAS DE MANOEL CLAUDIO NOVAES A RESPEITO DESSA TRADICIONAL INSTITUIÇÃO OCTOGENÁRIA DE ENSINO DE SÃO CAETANO DO SUL. (CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO)

“As irmãs da Divina Providência instalaram-se, em 1930, no prédio, previamente adaptado, que por muito tempo agasalhou o empório dos Gianotti e Colognesi, na esquina da Av. Cde. F. Matarazzo com a Rua Manoel Coelho. [...]”

Bem, ali nasceu e se desenvolveu o tradicional Externato Santo Antônio, modelar estabelecimento de ensino, naqueles idos conhecido como Colégio Santo Antônio.

Como suas fundadoras, o colégio era pobre com perspectiva de inúmeras dificuldades a enfrentar. A principal delas era conseguir alunos, mais precisamente alunas, em número compensador. Numa cidade pequena, de população eminentemente operária, de poucos recursos, sofrendo os efeitos da crise de 1929, não era fácil conseguir alunas. Mas o trabalho e a simpatia das irmãs, sob a égide da Divina Providência, captaram, aos poucos, os recursos necessários. Aula de corte e costura, bordados música e jardim-de-infância para ambos os sexos. Paralelamente, auxílio das famílias católicas. Lembro-me que, a par das mensalidades pagas pela matrícula de minha irmã, papai fornecia, periodicamente, sempre que solicitado, uma lata de vinte litros de azeite comestível. Não era muito, mas somava com os donativos de outras famílias.

Nessa época a matriz da grande paróquia São Caetano era a igreja de São Caetano, a velha igreja do Bairro Fundação. O seu vigário, padre José Tondin, tinha como coadjutor padre Alexandre Grigolli.

Todas as manhãs lá iam as irmãs do Colégio Santo Antônio participar do Santo Sacrifício da missa no Bairro Fundação. Duas a duas, em grupo de quatro ou seis, metidas no amplo hábito negro. À sua vista fazia-me lembrar um bando de andorinhas, tão comuns naqueles tempos. Para encurtar caminho, atravessavam a via férrea numa passagem que havia ao lado da entrada da antiga fábrica de louças ‘Adelina’, em frente à Rua Pernambuco, e atingiam, do outro lado, a Rua Rio Branco. Lembro-me do nome de algumas das pioneiras: madre Escolástica, madre Firmina, madre Maximiliana ...

Os sacerdotes da paróquia não ficaram alheios à obra das irmãs da Divina Providência e procuraram auxiliá-las.

Padre Alexandre organizou um festival de teatro amador. O local escolhido foi a sede do G.I.R. Ideal, na Rua Rio Branco. O prédio ainda existe. Três peças de um ato cada. Dois dramas: ‘Milagre de Santo Antônio’, ‘O Satã’, e a opereta ‘O Chinelo Perdido na Neve’.

As peças foram montadas, ensaiadas e dirigidas pelo extraordinário padre Alexandre, inclusive as músicas e os cânticos. Os cenários, magníficos, deslumbrantes, foram pintados pelo inesquecível sacerdote.

Os atores, amadores, eram congregados marianos, com exceção de dois, ou melhor, duas meninas da Associação dos Anjos: Leonor Fiorotti e Fiume Cavassani.

No ‘Milagre de Santo Antônio’ figuravam Verino Segundo Ferrari, Antônio Coppini, Algemiro Previato, Alcídio Cavassani, o autor destas linhas, e mais Leonildo Morselli, Nórico Thomé. Em ‘O Satã’ trabalharam Alcídio Cavassani, Luiz Giopatto e Idalino Moretti. A opereta contou com Romano Gava; Dante Nerino, Celeste Biagi, Antônio Rosa. A orquestra era constituída pelos marianos Antônio Ferrari, Algemiro Previato, Mário Previato, contando, ainda, com o concurso do violinista Baptista.

O festival foi apresentado em dois dias – sábado e domingo. Casa sempre lotada. Êxito total! Renda para o Colégio Santo Antônio.” 

UMA VIRTUDE: a providência de Irmã Liliana

Mariana ZENARO (*)

Foto/Antônio Reginaldo Canhoni



Vamos falar de virtude. Talvez seja difícil precisar esta palavra. No entanto, quase sempre conseguimos reconhecê-la quando se manifesta na ação humana. De maneira geral, a virtude é vista como a qualidade daquilo que está de acordo com o que é correto, com o ideal de nobreza de caráter. Pode se apresentar como qualidades sóbrias da razão e do equilíbrio, como a temperança, a modéstia, a generosidade, a justiça. Para o filósofo da antiguidade, Platão, a prudência, a justiça, a fortaleza, a temperança, cada uma dessas qualidades humanas, eram desejáveis. Virtudes que mais tarde foram assumidas

*Irmã Liliana: há 46 anos no
Externato Santo Antonio*

pela doutrina cristã como base do comportamento e do viver com retidão. Para Aristóteles, a virtude estava associada ao saber adquirido com o estudo, paciência e tempo. Seja como for, é um referencial, quase sempre inatingível, apresentado na cultura judaico-cristã em figuras exemplares, como Abraão, Jó e Jesus. Mas, às vezes, nós temos o privilégio de conhecer uma pessoa que, pelas suas capacidades morais, destaca-se em um mundo vazio de significados. Tive a rara felicidade de vislumbrar uma dessas criaturas, que fazem a esperança no humano permanecer viva. Conhecida de outrora pelo nome religioso de irmã Liliana, a querida irmã do Externato Santo Antônio.

Pequenina, de aparência frágil, voz baixinha, terna. Foi essa a primeira impressão que eu tive quando pus os olhos em irmã Liliana, quando cheguei ao Externato Santo Antônio para entrevistá-la. Com toda a atenção e cordialidade, ela pediu que eu a acompanhasse até uma sala da moradia das Irmãs da Providência, onde conversaríamos. Passei por um corredor repleto de portas, muitas delas abertas, por onde via os quartos das religiosas. Tudo tinha uma aparência bem sóbria e o silêncio só era rompido pela barulheira dos escolares que vinha da janela. Tranquila, com um ar acanhado, sentou-se à mesa e começou a resgatar lembranças de menina, a recordar uma trajetória de labor e dedicação à fé, uma vida servil, de caridade.

Batizada como Adelina Bengozi, irmã Liliana nasceu na cidade de Tietê, interior do Estado de São Paulo, em 21 de fevereiro de 1927, mesmo ano em que a congregação das Irmãs da Providência chegou ao Brasil. Descendente de italianos, seus pais eram o carpinteiro e sitiante Felipe Bengozi e a dona de casa Santina Salvador. Além da menina Adelina, a terceira filha do casal, havia mais seis irmãos, Domingo, Ângelo, Antônio, Maria Antônia, Agostino e Nair. Experimentou uma infância dura. Aos sete anos perdeu seu pai que, na época, tinha apenas 34 anos. Sua mãe, viúva, deparou-se com a dificuldade de criar, sozinha, sete filhos. Irmã Liliana conta que um médico abastado da cidade onde vivia, queria que Santina desse o filho caçula, Agos-

tino, para que ele o criasse. Mas sua mãe recusou a proposta. Então, uma vizinha sugeriu que Adelina fosse mandada a um internato de freiras, para que lá fosse mais bem alimentada e instruída.

Assim, com oito anos, foi morar num orfanato para meninas, instituição fundada pelas Irmãs da Providência, primeiramente como um colégio e pensionato, e que depois veio a se tornar o educandário Rosa Mística, em 1935, cujo principal objetivo, ainda hoje, é dar assistência a crianças e a adolescentes em risco e vulnerabilidade social. De início, foi penoso ficar longe da mãe e dos irmãos. Quando lhe perguntavam se desejava se tornar freira, torcia o nariz. Mas não tardou muito para que mudasse seu julgamento. Começou a cultivar admiração pelas religiosas, e logo se envolveu nas obras da congregação. “Tudo o que eu sou hoje, devo muito ao que aprendi com as irmãs”, confessa. Com as freiras foi assimilando tudo aquilo que era útil e necessário para a vida. “Aprendi bordado, crochê e costura enquanto estive no orfanato, além de outros serviços da casa”, conta. As meninas mais novas brincavam, até que atingissem a idade apropriada para terem o entendimento necessário e assim cumprirem com suas obrigações. O internato também abrangia a educação regular e formação humana e cristã, que consistia na instrução das crianças para a sociedade. Muitas garotas, quando atingiam 18 anos, deixavam o lar. Com o auxílio das religiosas, as que não podiam permanecer na família conseguiam emprego, eram encaminhadas. “Isso era prioridade. Aprendíamos a ser educadas, a ter boas maneiras, a tratar o próximo com caridade, com amor, a querer bem a todos, a viver em grupo”, afirma a mãe. E foi com 13 anos que Adelina foi arrebatada pelo desejo de se tornar irmã.

Como a congregação não aceitava moças tão jovens, aguardou pacientemente por sete anos para que pudesse nela ingressar, e completou seus estudos na Escola Normal Rodrigo de Moraes, formando-se em dezembro de 1947. Em fevereiro de 1948, em Tietê, entrou no postulado (preparação com a duração de um ano para ingressar no noviciado). Lá as jovens tinham tempo de trabalho,

de oração e de formação para a vida religiosa, que consiste em colocar em prática as palavras de Deus e da Regra de Vida, um conjunto de normas que orientam a vida das irmãs em sintonia com o carisma do fundador, que prega uma vida de oração, fraternidade e missão, sendo que cada uma das integrantes tem suas atribuições e obrigações. Logo depois cursou um ano canônico, e fez os votos de pobreza, castidade e de obediência diante de Deus e da congregação.

Irmã Liliana veio para São Caetano do Sul em outubro de 1950, instalando-se no Externato Santo Antônio, quando ainda era noviça de segundo ano. Veio substituir uma freira que estava adentada. No primeiro dia em que chegou à escola, já estava na sala de aula lecionando. “Nós estávamos ainda lá na Avenida Conde Francisco Matarazzo, no Bairro Centro. Porque, para cá mesmo, nós fomos transferidos em dezembro de 1957. A irmã que estava doente lecionava para a terceira série, no período da manhã. Em 1959, passei um ano em Atibaia, em uma escola de ensino infantil”, relembra. Foi aí que irmã Liliana começou uma linda trajetória dedicada ao amparo à infância e à educação da juventude. Lecionava para crianças de 5 a 6 anos, preparava-as para a primeira série. Era devotada, especialmente aos mais desfavorecidos, formando-os nos valores cristãos. “Aqui no Externato eu trabalhei por nove anos, exercendo o magistério para o terceiro ano primário de manhã e para uma turminha do infantil à tarde. Naquele tempo tinha de tudo, de crianças mais ricas às mais pobres. A mensalidade era bem baixa. Mas nós não fazíamos diferença, tratávamos todos da mesma forma”, diz.

Em 1960, retornou para São Caetano, tinha em vista ministrar o curso ginasial (naquele tempo o ginásio era separado da escola elementar), que seria reinaugurado em 1961, e se preparou para secretariar a escola. Trabalhou ali como secretária, de 1961 até janeiro de 1970, mas não parou de ensinar. “Eu dava algumas aulas de desenho e de bordado. Lecionava no ginásio da Escola Padre Luiz Scrosoppi. Aqui era o Externato Santo Antônio. Mas, depois de alguns anos unificaram e ficou uma coisa só. O

curso ginasial passou a fazer parte do Externato, e não uma escola separada”, diz.

Em 1970, foi transferida para Sorocaba como mestra das noviças, ficando lá até 1973. “Eu era como uma professora para as moças, tudo o que aprendi durante o postulado e o noviciado eu passava para elas. Fiquei apenas três anos. Lá, eu também fazia parte do conselho provincial de Sorocaba, como secretária”, relembra. Então, passou para Tietê como superiora da comunidade até janeiro de 1977. Estabeleceu-se em Sorocaba de 1977 até 1983, ano em que retornou definitivamente a São Caetano. “Fiquei em Sorocaba até outubro de 1975. Voltei para a cidade como provincial, superiora maior de toda a comunidade. A provincial deve visitar todas as comunidades, pelo menos uma vez por ano, para acompanhar as necessidades de cada obra. É uma trabalhadeira. O Externato, por exemplo, tem obras sociais no Bairro Prosperidade, em São Caetano. Na cidade de Tietê, a irmandade mantém o educandário. Tatuí conta com uma casa para idosos, e em Guaratinguetá, o Hospital Frei Galvão. Na Paraíba e no Maranhão têm outras obras e em Dois Vizinhos, no Paraná, há outra comunidade”, explica. Irmã Liliana recebeu, desde a tenra idade, uma educação esmerada, pautada na palavra de Deus. Quando menina, lia a História Sagrada, que não se trata da Bíblia como a conhecemos, mas são narrativas bíblicas, trazendo a palavra de Deus, em forma de historinhas, como fábulas, para as crianças se envolverem no universo religioso. Chegou a lecionar ensino religioso para salas de quarta e quinta séries, porém lamenta que hoje as famílias não zelam tanto pela cultura da religião, primam mais pela formação escolar. “Hoje preciso dar um jeito para que eles aprendam alguma coisa da religião, tem que se estudar uma forma”, diz. Como medida para este fato, o Externato por meio do Núcleo de Animação Institucional desenvolve um trabalho de ensino comparado das crenças religiosas.

Sempre procurou tratar as crianças com muito esmero e amor, com devoção, porque tem isso por princípio, e salienta: “Tudo o que fizer, faça bem. Se for para não fazer bem, nem faço. Jesus

mesmo falou que devemos ser completos, como Ele disse no Evangelho, 'nem quente, nem frio, é morno'. Jesus prefere quente ou frio, morno não, quer dizer, o medíocre, Jesus não aceita. O frio pode se converter em quente, mas o medíocre é muito difícil". E se emociona ao recordar do afeto que cultivou nas crianças, "Eu gostava tanto das crianças... Tanto que um dia, uma delas, da pré-escola, disse assim: 'quando eu crescer eu quero ser irmã para poder cuidar da senhora quando ficar velhinha'. Lembro disso até hoje, era uma menina de uns 5 ou 6 anos", relata.

A congregação das Irmãs da Providência tem como orientação de suas ações a vida contemplativa e ativa, por isso, além da oração, a caridade deve ser estendida a todos que necessitarem, e isso requer muita energia para emplacar as obras da comunidade, a exemplo do ensinamento deixado por São Luiz Scrosoppi. A alma de irmã Liliana não somente aspira além da vida, mas esgota o campo do possível. Ela ainda é incansável e dinâmica, embora tenha a humildade para dizer que pouco fez. Atualmente se dedica a afazeres como atender aos telefonemas, tomar nota dos recados, fazer as atas das reuniões da comunidade realizadas uma vez por semana, na residência das irmãs, localizada nas próprias dependências da escola. Às segundas-feiras, a primeira coisa que faz, logo após o café da manhã, é ir ao berçário. Lá, reza com as berçaristas do turno matutino, antes da vinda das crianças. Depois, cuida da capelinha do Externato, toma conta de todos os aparatos para a missa. Mais tarde, por volta das 9h, às segundas, quartas e sextas-feiras, vai ao pátio e fica com os alunos do ensino fundamental e médio, durante os dois intervalos. Também trata das plantinhas da residência. Decora, compra os vasinhos, harmoniza tudo.

Ela participa, às quartas-feiras, de um grupo de orações à noite, em que seguem os ensinamentos e as rezas do livro *Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora*, do padre italiano Dom Stefano Gobbi. As reuniões são conformadas pelo Movimento Sacerdotal Mariano, que se espalhou pelo mundo, com um grande número seguidores,

bispos, sacerdotes, religiosos e leigos. Além do grupo mariano, irmã Liliana foi convidada pelo pároco da Igreja Sagrada Família, padre Jordélio Siles Ledo, para participar do grupo de oração de Santa Rita de Cássia, que reúne pessoas vinculadas à Associação de Fiéis de Formação Permanente (Cefope), todo dia 22 de cada mês (dia 22 de maio é a data que se comemora a santa). Como não poderia ser diferente, assiste à missa na capela da escola aos sábados, à tarde, e aos domingos e nos outros dias, em casa.

Ela sempre gostou de trabalhos manuais. Como foi professora de fazeres artísticos, produziu muitas coisas bonitas. "Gosto muito de desenho, pintura e bordado. Para o Externato, confeccionei duas estolas e bordei uma toalha", revela suas prendas. Quando eu perguntei se ela desenhava bem, respondeu com um tímido sorriso: "Não sou desenhista, aprendi por conta. Pintura também". Contudo, mesmo não se assumindo uma artista, tudo de seu feitio é de bom gosto e apurado. Infelizmente não se dedica mais às atividades artesanais.

Irmã Liliana é devota de Nossa Senhora, Santa Rita e São José, que era carpinteiro como foi seu pai. Ela fala com alegria das quatro viagens que fez a Roma, em 1975, 1971, 1977 e 1980. Na última visita, pôde cumprimentar o pontífice João Paulo II. Orgulhosa, mostrou-me o registro do encontro, a fotografia já envelhecida com ela tendo as mãos beijadas pelo Papa. Há mais religiosos na família Bengozi. Seguindo o exemplo de irmã Liliana, uma sobrinha, filha do seu irmão já falecido, também ingressou à Congregação das Irmãs da Providência. Conhecida como irmã Maria Oliveira Bengozi, tem 48 anos, e vive em Dois Rios, no Paraná. Ela também tem dois primos bispos, com quem não tem mais contato.

Desde o momento que coloquei os pés na residência das freiras, fui aconchegada, tive até direito a cafezinho e a almoço na companhia da irmã. Atenciosa, presenteou-me com um terço, santinhos e livros. Humilde, um pouco ruborizada, indagou-me o porquê da entrevista ser direcionada à sua pessoa, tendo imaginado que a matéria da *Raízes* homenagearia o Externato. Eu, um pouco embara-



Irmã Liliansa posa ao lado da estátua de São José, santo do qual é devota

çada, expliquei-lhe que, em princípio, não queríamos enaltecer o seu ego - pois isso seria totalmente desnecessário, uma vez que seu despojo é notável -, mas seria um sacrilégio celebrar os 80 anos da escola sem homenagear a irmã da congregação fundadora da instituição, das mais antigas, que ainda se doa à comunidade. O reconhecimento é uma das facetas da afeição, não é? E dizer isso não se trata de bajulação, é algo notório. Ao ser levada pela irmã às dependências da escola, mais precisamente ao pátio, bonita cena foi uma garota de seus sete anos, junto das amiguinhas, a acenar ansiosa para a pequenina madre. Irmã Liliansa acenou de volta e a escolar, cheia de ternura, aproximou-se dela e lhe

deu um gostoso beijo no rosto e um afetuosso abraço, e depois retornou às suas brincadeiras de menina. Desta forma, como não agraciá-lo um ser humano com tamanha doçura no olhar? Zelosa, seu espírito de devoção, carisma, generosidade e simplicidade encantam qualquer um que a conheça.

“Eu entrei lá [no internato das Irmãs da Providência] em 15 de junho de 1935. Estou hoje com 84 anos. Já fiz 60 de vida religiosa nesta congregação, e 46 anos de Externato Santo Antônio”, celebra irmã Liliansa. Dedicada ao “sacro ofício” do labor e da oração, à prática de educar e acolher, ela afirma: “Com essa idade já vivi muitas coisas. Já fiz de tudo, já andei bastante por aí. O que me levou a ser fiel a Deus e à vida consagrada foi ter meus dias preenchidos de oração e trabalho. Coloquei em prática tudo o que me foi ensinado pelas irmãs quando passei pelo orfanato e pelo noviciado. Trabalhei e rezei para melhorar a vida das pessoas em minha passagem por este mundo”.

Após o café, conversamos um tantinho mais e, ao encerrar a entrevista, irmã Liliansa diz sentir-se satisfeita com sua vida. “Não me arrependo de nada, escolhi viver no amor de Cristo”. E tudo o que semeou frutificou. “Nada neste mundo se oculta dos olhos de Deus: a sua Providência estende-se a tudo e por tudo”, como afirmou o filósofo Píndaro. Prevenção, a disposição anterior para evitar o mal, para remediar necessidades. A suprema sabedoria atribuída a Deus, com que ele governa todas as coisas. Isso é o que define a Providência. Eis a missão virtuosa de Irmã Liliansa. **R**

(*) *Mariana Zenaro é historiadora, jornalista e colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

EXTERNATO DA MINHA MENINICE

Maria do Céu Formiga de OLIVEIRA ()*

O que dá sentido à vida desce do céu, aos poucos, feito bruma discreta. A gente se constrói pelo toque que recebemos, cuja textura e temperatura não se esquece jamais. Precioso Externato Santo Antonio, cara escola que, me acolhendo quando eu ainda não tinha asas, só tinha sonhos, ensinou meu coração a se alegrar com a certeza de que é tão nobre chegar de verdade quanto chegar através da imaginação.

Minha infância foi amparada pelo vestido de fustão listado em vermelho e branco e alimentada pelo pãozinho com manteiga milimetricamente cortado ao meio e pelo chá de erva-doce sorvido feito leite, naquele refeitório azul e branco, onde, sentadinha numa cadeira que permitia o descanso dos meus pés no chão, fui desenvolvendo o hábito de fazer graça, registrar sorrisos e celebrar a vida, apesar de tudo.

Nesta escola fui crescendo, desfazendo as tranças e entendendo que toda vez que oportunizo encontros, Deus saltita de felicidade no meu peito. Impossível esquecer este cenário, extensão da minha casa, da minha família. Meus pais escolheram muito bem por onde minha meninice e juventude deveriam passear, entre os ban-



Acervo Maria do Céu Formiga de Oliveira

Maria do Céu guarda até hoje o uniforme de fustão listado. Na foto, ele aparece com um livro de sua autoria, Remanso e outros Recantos

cos daqueles jardins, tocados por miosótis, entre aquelas senhoras amorosas que caminhavam tão embrulhadinhas que eu só identificava o rosto sem retoque e as mãos que afirmavam gestos. Freiras que me olhavam com ternura e me preparavam para os inesperados ventos frios que viriam um dia.

Trouxe deste tempo um pedaço do eterno. Trouxe amigas de infância, com quem divido sol e chuva até hoje, a inclinação para salmodiar meus dias, o olhar que busca o momento ótimo das pequenas coisas, um coração agradecido por tudo o que foi vivido e a certeza de que valeu a pena ter aprendido o milagre de olhar com outros olhos. Olhar com os olhos de Deus. **R**

(*) *Maria do Céu Formiga de Oliveira é ex-aluna do Externato Santo Antonio e poeta*



Ivani e Nelson em baile de carnaval no São Caetano Esporte Clube, em 1969, quando já namoravam

AMOR DE CARNAVAL

Nelson ALBUQUERQUE ()*

CONFETES E MARCHINHAS, SALÕES LOTADOS DE FOLIÕES, BRINCADEIRAS, DESEJOS REPENTINOS E FUGAZES. MAIS OU MENOS ASSIM É A DESCRIÇÃO DO CLIMA DE FANTASIA DOS ANTIGOS CARNAVAIS. OS SONHOS E ILUSÕES DE ARLEQUINS E COLOMBINAS SÃO OS PRINCIPAIS ELEMENTOS QUE FAZEM CRER QUE A PAIXÃO SURGIDA NESSAS FESTAS É DE SATISFAÇÃO MOMENTÂNEA, NUNCA DURADOURA. ESSA IDEIA DE AMOR PASSAGEIRO ATÉ SE CONFIRMARIA SE EXISTISSEM PESQUISAS SOBRE QUANTAS DAS RELAÇÕES NASCIDAS NA FEBRE CARNAVALESCA VÃO REALMENTE PARA FRENTE. MAS, MESMO SEM ESTUDOS, REVELA-SE NAS MÚSICAS: *AMOR DE CARNAVAL DESAPARECE NA FUMAÇA/ SAUDADE É COISA QUE DÁ E PASSA.*

No entanto, há sempre quem contrarie a maré. Em 2011, um casal de São Caetano do Sul completa 40 anos de casamento, resultado de um namoro iniciado no sábado de carnaval de 1963, no salão do São Caetano Esporte Clube, na Rua Perrella, no Bairro Fundação. “Começamos a namorar

já na primeira noite”, conta Nelson Albuquerque Oliveira, também conhecido por Titaco. E foi um encontro marcado. “Mesmo morando na mesma rua (Ceará), a gente só se conhecia de vista e começamos meio que paquerar. Um dia ele chegou para conversar e me convidou para ir ao baile da noite seguinte”, lembra Ivani Regina Braidó Oliveira.

Hoje Nelson está com 65 anos e Ivani, 63. Na época tinham 17 e 15, respectivamente. A pretendida ainda era muito jovem para sair de casa sozinha. “Tive que chamar a prima do meu pai, a Rosa Braidó, para nos acompanhar. Ela ficava sentada no mezanino assistindo ao baile, e nós pulando”, explica ela. Já os rapazes compareciam “sempre em turminha”. O carnaval de 1963 foi marcante – tanto pelo começo do namoro, como por ser o primeiro do qual eles participaram –, mas o casal não tem nenhum registro fotográfico. “Não tiramos foto, né?”, pergunta Ivani. “Acho que nem existia”, brinca Nelson.

No livro *Uma História de Campeões - Os 89 anos do São Caetano Esporte Clube - 1914 a 2003*, de Ademir Medici, consta que a decoração daquele carnaval foi feita por Oswaldo Carmona: “com a construção de um grande arco artístico defronte da velha sede da Rua Perrella”. Os cartazes foram patrocinados pelas Lojas Duton.

Segundo o casal, os namoricos eram comuns naquele ambiente de empolgação e repleto do tal calor da paixão. Mas a maioria ia mesmo para se divertir. “Ele comprava um saco de confetes, desses grandes, do tamanho de saco de farinha, e jogava em todo mundo, o baile inteirinho”, diz Ivani, apontando para o marido. “Eu bagunçava mesmo, mas nunca jogava na boca de ninguém”, lembra Nelson. Eles contam que reinavam a brincadeira e o respeito entre os foliões. A trilha, óbvio, eram as velhas e boas marchinhas. Quem não gosta? Insubstituíveis no coração, apesar de perderem muito espaço nas festas atuais.

Além do São Caetano Esporte Clube, outras agremiações esportivas promoviam bailes entre as décadas de 1960 e 1980, entre elas o Clube Comercial, o Clube Esportivo Rio Branco, o Cerâmica São Caetano Futebol Clube e o General Motors Esporte



Acervo Nelson Albuquerque Oliveira

Mesmo depois de casados, Ivani e Nelson (casal da direita) continuaram a frequentar os bailes de carnaval. Flagrante de 1985 no São Caetano Esporte Clube

Clube. Antes disso, no início do século 20, a cidade contava com a folia nas ruas centrais, com blocos e cordões. Um famoso folião do município foi Silvio Buso, mais conhecido como Caneca. O São Caetano Esporte Clube manteve seu carnaval na Rua Perrella até 1967, pois no ano seguinte a agremiação mudou de endereço. Curiosamente foi para a Rua Ceará (onde permanece até hoje), a mesma onde moravam Ivani e Nelson, então com cinco anos de namoro e bem mais próximos dos bailes.

No novo endereço, o casal também pulou vários carnavais. “Até ajudávamos a enfeitar o salão”, lembra Ivani. O local, porém, sofria com as enchentes. “Num dos anos quase não houve baile. Nossa turma passou o dia limpando, tirando barro e deixamos o salão brilhando, enfeitado com confete e muita serpentina”, conta Nelson.

O casal afirma que os salões eram frequentados, sobretudo, por famílias e amigos. Não havia muita gente usando fantasias, nem máscaras. Era na base da farra de cara limpa, animada e saudável. Problemas com brigas só surgiram quando introduziram as competições. “Inventaram os blocos e o concurso para saber qual era o mais animado. Aí aconteciam os quebra-quebras. Eram brigas só entre eles, mas a partir daí o carnaval foi acabando”, contam.

Festa e trabalho - Os bailes tinham hora para começar e terminar, das 22h até às 4h. Às vezes passava um pouco do horário. “Mas às 5h eu tinha de estar em casa, para tomar um banho e ir para o trabalho”, diz Ivani, que, na época, entrava às 6h

nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. “Comecei trabalhando nas meadeiras. Quando quebrava um fio, a gente emendava. Depois é que fui para o escritório. No total trabalhei lá por 11 anos”, conta.

Nelson também tinha de estar cedo no bar do irmão Artêmio Albuquerque Oliveira, também na Rua Ceará, esquina com a Maximiliano Lorenzini. Trabalhava como balconista e chapeiro. A maior parte dos clientes era de mecânicos da empresa Autobus e de migrantes nordestinos instalados na pensão da Dona Jovem, todos no Bairro Fundação. Anos depois, ele passou a ajudar a mãe na feira. Maria da Conceição Albuquerque Oliveira tinha uma barraca de flores entre a Igreja Matriz Sagrada Família e a Rua Rio Grande do Sul, no Bairro Centro. Após transportar a mercadoria e montar a barraca, ia fazer serviços de carro. Mais tarde, já casado, trabalhou na empresa Adria, no setor de vendas, durante 19 anos.

O namoro - Na década de 1960, ainda era usual o rapaz conversar com o pai da moça no início do namoro, para pedir a mão. Mas, antes disso, Ivani já avisou a mãe, Ermelinda Leoni Braido. “Estou namorando o Titaco”, disse. E ela estranhou: “Um japonês?” A pergunta equivocada é motivo de riso até hoje. Como a família já sabia da relação, Nelson (ou Titaco) foi prorrogando o papo com o sogro, Armando Batista Braido. Até que chegou o dia em que Ivani veio com o recado: “Meu pai quer falar com você”. Isso com cerca de cinco anos de namoro. “Cheguei lá e todos sumiram, só ficamos ele e eu na cozinha”, conta Nelson. E logo a primeira pergunta

Em 24 de abril de 1971, Ivani e Nelson casaram-se em cerimônia realizada na Igreja São Caetano, no Bairro Fundação

O casal em foto de 9 de maio de 2011: um amor de carnaval que resistiu ao tempo

foi: “Vocês vão casar quando?”. “Falei que estava trabalhando, ia juntar dinheiro e casar”, lembra ele. O casamento saiu quatro anos depois. Eles ficaram com uma casa de Maria da Conceição, na mesma rua, e a reformaram.

Era um namoro típico daquela época. Eles se encontravam às terças, quintas, sábados e domingos, no portão da casa dela. Quando Ivani passou a sair às 22h da Matarazzo, Nelson ia buscá-la. “Era aquele cheiro de ácido”, recordam. Gostavam também de ir aos cinemas Vitória, Max e Lido.

Durante um período de cerca de seis meses, eles namoraram por carta. Nelson viajou com a mãe para Portugal, para passear e conhecer o vilarejo de onde vieram seus pais, a freguesia de Sezures, no município de Penalva do Castelo. Eles ainda guardam as cartas. “Se atrasava um dia, eu já ficava ansiosa”, conta ela. E o marido recorda que passava quase todos os dias pela sapataria da aldeia, onde as cartas eram entregues.

O casamento - No dia 24 de abril de 1971, às 18h, Ivani e Nelson se casaram na Igreja São Caetano, no Bairro Fundação, com cerimônia feita pelo padre José. Um forte e inesperado frio chegou naquele dia. “O vestido era de mangas curtas e a costureira, Ivone, fez às pressas umas mangas compridas por baixo”, conta ela. O carro que levou a noiva à igreja foi um Landau LTD. “Foi emprestado pelo dono da Autobus, João Tanabe, e dirigido por um motorista da frota”, lembra Nelson. A festa foi na casa de Maria da Conceição. Hoje, eles ainda moram no Bairro Fundação, mas na Rua Herculano de Freitas, têm dois filhos e dois netos.



Acervo/Nelson Albuquerque Oliveira



Nelson, ao ver as fotos antigas, ainda se recorda da história do buquê: “Ela (a noiva) tremia tanto que as pétalas foram caindo pelo caminho, chegou quase sem buquê no altar”. No casamento não houve música nem clima de carnaval, mas as pétalas que caíram no tapete, como confetes no salão, fizeram sua singela homenagem ao casal de foliões que resistiu ao tempo. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
MEDICI, A. *Uma História de Campeões - Os 89 anos do São Caetano Esporte Clube - 1914 a 2003*. São Paulo: Neograf, 2003.

(*) **Nelson Albuquerque** é jornalista e redator publicitário. Trabalhou no *Jornal Vida*, no *Correio do ABC*, no *Jornal de São Caetano* e foi repórter e editor de *Cultura do Diário do Grande ABC*. Atualmente presta assessoria e serviços de comunicação a agências de publicidade e órgãos de imprensa. É membro do Conselho Editorial da revista *Raízes*

A AMIZADE ENTRE DOIS PRIMOS

Oscar GARBELOTTO (*)



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Arthur Garbelotto foi um grande nome do teatro em São Caetano e um dos mais assíduos correspondentes com Gentil



Arquivo Oscar Garbelotto

Gentil Lorenzini: paixão pelo cinema em São Caetano

Arthur Garbelotto e Gentil Lorenzini eram primos. O primeiro, filho de Antonio Garbelotto e Anna Scartozzoni; o segundo, de Maximiliano Lorenzini e Maria Garbelotto. Apesar da diferença de idade – Arthur nascera em 1904 e Gentil em 1914 - eram muito amigos. Gentil admirava o primo e acompanhava suas atuações no teatro do São Caetano Esporte Clube (SEEC), desde muito jovem. Afinal, seu pai havia construído e inaugurado,

em 1922, um ótimo salão na Rua 28 de julho, no Bairro Fundação – bem ao lado de sua ampla casa – que servia como sede do clube de coração. Lá podia acompanhar ensaios e as peças teatrais frequentes do clube.

Outra paixão que os ligava era o cinema. Maximiliano já mantinha, desde 1924, o badalado Cine Central, na Rua Perrella, ponto de encontro em São Caetano. Iniciou-se nesse ramo, após comprá-lo

São José dos Campos 17-6-39.

Caro Primo Arthur.

Saúde.

Como é de esperar esta cartinha terá encontrado forte e robusto como todos os que te são caro.

É de justiça que venho com esta simples mas simpcha carta agradecer-te as 15 farras finhas de Opal Bier que me entregaste aqui no Sanatório.

Para te ser franco, caro Arthur, vou ter uma ideia feia. Com as 15 farras finhas que me deste enfordei para fazer e fazer o honroso apelido de "pan d'agua", pois que o meu quarto parece um tabique chinês, em vez de quarto de Sanatório. As farras finhas estão raias aqui, mande dizer se você as quer que as mande de avião ou de estrada plana.

Aqui, no clima adorável faz um frio europeu.

E para você ter uma ideia exacta do que seja o inverno aqui basta te dizer que a água não se derrete. As colinas de longe estão todas cobertas de neve. O Rio Paraíba é um vasto lago de gelo. Os habitantes daqui estão todos sobre os skis, as vezes até sendo que estão na Europa, na Suíça, por exemplo. Você não faz ideia como é lindo ver cair a neve, parece algodão cobrindo lentamente por sobre a terra... Como é lindo o clima europeu...

Com Arthur amig que dar lembranças a Sr. e Sr.ª família e aos meus amig da América.

Se você tiver ocasião de encontrar o "papai" de um forte abraço a elle por mim.

Lembranças a todos.

Abraços
Gentil

Repare a letra e veja que batuta que sou na penma. (sic)

de Attilio Santarelli. Tal foi o sucesso do novo empreendimento que envolveu toda a família. Gentil, com seu entusiasmo juvenil diante do novo entretenimento que despontava no mundo, era um dos mais participativos. O cinema, moderno para a época, era dotado de grande plateia e de quatro camarotes – denominados frisas – em local privilegiado da sala de espetáculos. E era neste espaço reservado que Gentil recebia seus parentes e amigos, com muita alegria, para assistir aos grandes artistas da tela. Arthur, sua esposa Thereza e seus filhos, eram convidados habituais de Gentil, de seus irmãos e de seu pai Maximiliano.

O gosto pela arte e pela cultura era ponto comum da grande amizade que unia os primos. Enquanto Arthur aprimorava sua arte no teatro, assistindo a óperas, operetas e outros espetáculos de companhias italianas que se apresentavam em São Paulo e participando ativamente do corpo cênico do São Caetano Esporte Clube, onde sempre desempenhou papéis de destaque, Gentil acompanhava de perto tais manifestações culturais do primo. E, por sua vez, interessava-se intensamente pela arte cinematográfica, tornando-se profundo conhecedor de tudo que acontecia nas telas. O Cine Central, orgulho da família, recebia os sancaetanenses de braços abertos. Era espaço privilegiado, frequentado pelas famílias locais. Ali, encontravam sempre a alegria do jovem Gentil.

A feliz amizade familiar, no entanto, sofreu brusca fatalidade. A temível tuberculose – doença incurável na época – atingiu o amável Gentil. O único recurso era tentar o tratamento em sanatório, em lugares de clima frio e ares mais puros. E Gentil, afastado do seio da família, foi para a cidade de São José dos Campos, interior de São Paulo, local dos sanatórios da época.

O isolamento, as lembranças, as amizades e as saudades de todos que cercavam Gentil eram supridas, quando muito, pelas cartas e cartões. Nada, porém, que pudesse substituir a vida alegre e plena de cultura do jovem. O primo Arthur era um dos mais assíduos correspondentes e desses encontros saudosistas, restou uma carta, carinhosamente guardada por Arthur e sua esposa Thereza. Resposta bem-humorada de Gentil às brincadeiras do alegre e extrovertido primo Arthur. A carta, em letra firme e harmônica, datada de 17 de junho de 1939, merece ser lida. Traz em suas linhas a grande emoção de um jovem, pleno de vida, contida pelo insidioso mal...

Anos se passaram sem que a cura se apresentasse. Mesmo distante, Gentil acompanhava o cinema que tanto amava e as tratativas da família para dar um imenso passo rumo à construção de um novo e moderno equipamento cultural em São Caetano. O projeto audacioso, a beleza da nova sala e a grandiosidade do prédio a ser construído no coração da cidade foram detalhes acompanhados com imenso contentamento.

Em 8 de setembro de 1942, aos 28 anos, Gentil faleceu sem presenciar a inauguração do Cine Max, imponente e moderna sala de espetáculos no mesmo nível dos grandes cinemas da capital. Em seus sonhos mais belos, por certo, o Cine Central, e o que seria após o Cine Max – o primeiro edifício a marcar definitivamente a vocação da cidade – mereceram lugar de destaque.

Na bela e festiva noite de inauguração, em outubro de 1944, o primo Arthur e sua família estavam presentes. Ao apagar das luzes dando início ao filme na grande tela, de imediato lembrou-se do primo Gentil e, um sorriso saudoso marcou seu rosto. Talvez não por acaso o filme que inaugurou o Cine Max ostentou seu título: ***Sonhando de Olhos Abertos.***



(*) **Oscar Garbelotto** é advogado e professor fundador do Instituto Municipal de Ensino Superior (atual Universidade Municipal de São Caetano do Sul), instituição a qual presidiu. Foi chefe de gabinete, diretor de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e presidente da Fundação Pró-Memória

OS 60 ANOS DO ROTARY EM SÃO CAETANO DO SUL

Urames Pires dos SANTOS ()*

O Rotary Club São Caetano do Sul está completando, em 2011, 60 anos de intensas atividades voltadas inteiramente à prestação de serviços à comunidade, sejam eles sociais, educacionais e culturais. A instituição reúne indivíduos de diferentes atividades profissionais representativas da sociedade, sem distinções étnicas, de crenças e ideologias, adotando a ética e o companheirismo como valores essenciais para fomentar e estimular o ideal de servir.

Sua origem em São Caetano do Sul, bem como em toda a região do ABC, remonta ao ano de 1936. Tudo começou com uma visita à cidade do fundador do Rotary Internacional, Paul Percy Harris. Na ocasião, foi plantado um cedro nos jardins da residência do engenheiro Armando de Arruda Pereira, então diretor da Cerâmica São Caetano, na confluência das ruas Eduardo Prado e Primeiro de Maio. Durante esta visita, Harris teria notado o potencial de desenvolvimento de toda a região do Grande ABC e um ambiente propício às atividades do Rotary.

Em 1940, Armando de Arruda Pereira assume a presidência do Rotary Internacional, sendo então o primeiro brasileiro a desempenhar a função. Nove anos depois, o Rotary Club de São Paulo, presidido por Adalberto Bueno Neto, funda o Rotary Club de Santo André. Os primeiros passos para a fundação de uma unidade em São Caetano do Sul foram dados por João Evangelista de Paiva Azevedo, em 1951, quando presidia o clube na cidade vizinha.

Desde logo, contou-se com o irrestrito apoio de Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito da cidade, cujo prestígio se constituiu numa alavanca para o êxito do empreendimento proposto. Pessoas representativas da comunidade se reuniram por diversas vezes no gabinete da prefeitura, e ali estruturaram a formação do novo clube, orientados por Adalberto Bueno Neto, Herbert de Arruda Pereira, Francisco Garcia Bastos, Jorge Beretta e Vicente Martins Junior, rotarianos de São Paulo e de Santo André.

A primeira reunião oficial do Rotary Club São Caetano do Sul foi realizada no dia 19 de maio de 1951, coroada por um jantar festivo na sede do General Motors Esporte Clube. Na ocasião, foram considerados sócios fundadores: Alberto Wilhelmsen, Alfredo Rodrigues, Anacleto Campanella, Aníbal Cantos, Antonio Caparroz Guevara, Armando Marcon, Benito Campoi, Biagio Cersosimo, Celso Marchesan, Geraldo Cambaúva, Girz Kogan, Helio Migliori, Isaac Goldberg, Jordano P. S. Vincenzi, João Millo Ferrari, José Luiz Fláquer Neto, José Varella, Lauro Garcia, Manoel Claudio Novaes, Mário Porfírio Rodrigues, Olindo Quaglia, Oswaldo Falchero e Ricardo Falchero. O médico José Luiz Fláquer Neto foi eleito presidente.

É fácil imaginar a importância da implantação de uma célula rotária na cidade, em uma época em que São Caetano acabara de adquirir sua independência político-administrativa e se multiplicavam

dificuldades sociais e econômicas. Era um campo fértil para a atuação do Rotary, principalmente nas áreas dos serviços à comunidade.

Nos primeiros anos de atuação, ressaltamos sua ajuda a instituições já existentes como a Sociedade Hospitalar São Caetano, o Hospital da Beneficência Portuguesa, a creche do Instituto Nossa Senhora da Glória, a Associação Santa Luzia de Amparo aos Cegos, o Asilo Irmã Tereza à Velhice Desamparada, e tantas outras. Nesse período, foram realizados concursos de Robustez Infantil, distribuição de cestas de natal e enxovais para recém-nascidos, com o objetivo de beneficiar famílias de baixa renda.

Em 1953, o Rotary Club São Caetano do Sul incrementa e participa ativamente da fundação da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância (Apami) e da construção do Posto de Puericultura Aracy Torres Campanella (homenagem à presidente da entidade, esposa do rotariano Anacleto Campanella, então prefeito da cidade). Atualmente, o Rotary São Caetano ainda participa da entrega de enxovais a recém-nascidos, por meio da Apami.

No âmbito cultural, é promovida a criação de uma biblioteca pública que, em 6 de dezembro de 1954, passou a se chamar Paul Harris, em homenagem ao fundador do Rotary Internacional. Em novembro de 1952, o clube de São Caetano é padrinho do primeiro Rotary de São Bernardo do Campo. De 1953 a 1954, o Rotary Club São Caetano do Sul assume um papel essencial na fundação da Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC), contribuindo para a solução do grave problema de comunicação que ocorria naquela época.

Com a intenção de deixar marcada a atuação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, da qual participaram diversos sul-sancaetanos, o Rotary da cidade, em comum acordo com o prefeito, manda construir o Monumento aos Expedicionários, na confluência da Avenida Goiás com a Rua Alegre, inaugurado em 8 de maio de 1955.

Para celebrar a memória da atuação de Armando de Arruda Pereira no setor político, social e empresarial da região, o Rotary manda edificar uma herma (escultura de busto em que as costas e os



ombros são cortados por planos verticais) do ilustre personagem. Doadada à municipalidade, a estátua foi inaugurada em 12 de novembro de 1956, na confluência das ruas Baraldi e Manoel Coelho. Atualmente está no saguão principal da unidade de São Caetano do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), que tem o nome do homenageado.

Movido pela necessidade de resolver diversos problemas enfrentados pela indústria local, o Rotary consegue, por meio do intenso trabalho do rotariano Christovam Miguel Sanches, a instalação de uma delegacia do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp) em São Caetano, em 29 de março de 1957. Em julho desse mesmo ano, o Rotary patrocina a edição do livro *São Caetano do Sul em IV Séculos de História*, escrito por José de Souza Martins, hoje professor emérito da Universidade de São Paulo. Também nessa época, foram patrocinadas exposições de artes plásticas e fotografia, bem como campanhas de educação do trânsito nas escolas do município.



Jantar festivo de instalação oficial do Rotary Club São Caetano do Sul, realizado no salão do General Motors Esporte Clube, no dia 19 de maio de 1951. No início do banquete, a bandeira foi hasteada por Aerobaldo de Oliveira Lima, governador do distrito 119. Na ocasião, José Luiz Fláquer Neto, presidente do Rotary São Caetano do Sul, recebeu a Carta de Admissão ao Rotary Internacional

O encaminhamento da juventude sempre foi uma das preocupações do Rotary. Já em 1954, organizava o Clube Panamericano com alunos do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, graças à colaboração do professor Vicente Bastos, diretor da escola. Dando maior amplitude ao movimento cívico, cria o Orbis Clube, em 1956. Mais tarde, seguindo os padrões internacionais, surgem o Rotaract, em 1969, e o Interact, em 1974, ambos direcionados aos jovens, com os mesmos objetivos éticos do Rotary. O escotismo, o bandeirantismo e a guarda infante-juvenil sempre receberam o incentivo e o apoio dos rotarianos.

O Rotary realiza todos os serviços assistenciais prestados à comunidade através da ajuda das esposas dos seus membros. Até 1962, os trabalhos eram coordenados pela mulher do presidente do clube. Seguindo o exemplo de outros clubes rotários, foi criada, em 21 de maio de 1962, a Casa da Amizade, instalada provisoriamente em uma sala do Edifício Vitória, no Bairro Centro. Sua organizadora

e primeira presidente foi Irma Christiane Humbert Bottas, contando com a colaboração de Maria José Durán, esposa do médico rotariano Manoel Gutierrez Durán.

Visando a uma maior abrangência de suas atividades, o Rotary Club São Caetano do Sul cede parte de seu território para a formação de novas células rotárias. Surgem, assim, o Rotary Club São Caetano do Sul-Oeste, em 1º de fevereiro de 1967, e o Rotary Club São Caetano do Sul-Leste, em 30 de setembro de 1972.

Em virtude dos consideráveis serviços realizados na cidade, bem como pelos seus méritos pessoais, Manoel Gutierrez Durán, do Rotary São Caetano, foi indicado e aprovado pelo Rotary Internacional como governador do distrito para o período de 1960 a 1961. Posteriormente, ele foi designado como responsável por um programa de saúde desenvolvido pelo Rotary em toda a América Latina. Em 1998, a prefeitura municipal homenageia o governador do Rotary dando seu nome a uma praça

na Avenida Presidente Kennedy, esquina com a rua Piratininga.

De 1971 a 1974, a Casa da Amizade e os Rotary Clubs de São Caetano se dedicaram a erguer, na Rua Justino Paixão, a nova sede do Núcleo de Convivência Menino Jesus, um abrigo para menores mantido pela Diocese de Santo André. De 1976 a 1977, a Casa da Amizade constrói sua própria sede, na Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano, nº 1253, em terreno cedido por comodato pela prefeitura municipal. No local, passam a funcionar cursos profissionalizantes e uma creche que recebeu o nome de Lar Iracema Flores Vincenzi, em homenagem a uma falecida associada, pelos relevantes serviços prestados. Em 1976, a Casa da Amizade foi declarada de utilidade pública pela câmara municipal. A entidade mantém o Núcleo de Desenvolvimento Infantil Leormínia Veiga Falchero, cujo objetivo é promover o atendimento de crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem e problemas psicológicos.

A possibilidade de um trabalho conjunto dos clubes rotários da cidade e a conveniência de unificar projetos maiores para a comunidade deram origem à Fundação dos Rotarianos de São Caetano do Sul. No dia 19 de maio de 1981, foram aprovados os seus estatutos e eleitos os membros de seu conselho deliberativo, presidido por Manoel Gutierrez Durán. Em 22 de junho do mesmo ano, foi eleito o Conselho de Curadores, sob a presidência de João Caparroz Ruiz. O primeiro grande trabalho da Fundação foi a criação do Colégio Eduardo Gomes, instalado, provisoriamente, na sede do Instituto Municipal de Ensino Superior (Imes), em 15 de fevereiro de 1982. Idealizado com base no Colégio Rio Branco, de São Paulo, passou a fornecer elevado nível de ensino aos jovens de São Caetano. Seu primeiro diretor foi o professor Milton Andrade. A escola foi, posteriormente, transferida para o edifício da Faculdade Paulista de Serviço Social, na Rua Visconde de Inhaúma, Bairro Oswaldo Cruz. Atualmente, está em sede própria, construída pelos rotarianos na Rua Major Carlo Del Prete, nº 1120. Há 13 anos o Rotary mantém um programa de bolsas, adotando um aluno carente e patrocinando seu estudo desde o nível

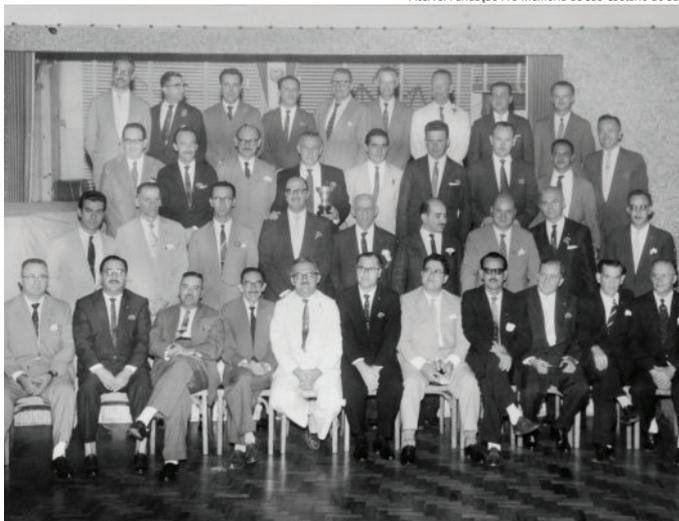
fundamental até o ensino médio. Na área de educação à distância, mantém parceria com o Senai. Em 13 de abril de 1987, o Rotary Club São Caetano do Sul-Leste divide sua área de trabalho com novo clube: o Rotary Club de São Caetano do Sul-Olímpico.

No setor da saúde, o Rotary Club São Caetano do Sul sempre participou de campanhas de vacinação, oftalmológicas, de prevenção do câncer ginecológico e contra a Aids. Nos três últimos anos, tem mantido um posto de vacinação contra a paralisia infantil no Colégio Eduardo Gomes. No âmbito internacional, os quatro clubes rotários de São Caetano participaram intensamente da Campanha Pólio Plus, visando à erradicação da poliomielite e outras endemias. No início de 2006, em homenagem ao rotariano Dr. Abib João Kirche, primeiro médico da cidade a fazer a prevenção do câncer, foi instituído um prêmio que leva o seu nome. A premiação é conferida anualmente ao melhor trabalho (texto, desenho ou folder) sobre o assunto, desenvolvido por alunos dos ensinos fundamental e médio. O programa é realizado em parceria com as secretarias municipais de Educação e Saúde, e conta com a colaboração da Associação Paulista de Medicina de São Caetano do Sul.

Desde 1998, a instituição participa do McDia Feliz, evento beneficente promovido pelo Instituto Ronald McDonald, da rede de lanchonetes McDonald's, todos os anos no mês de agosto, em que todo o recurso arrecadado com a venda de um tipo de sanduíche é revertido para instituições de apoio e combate ao câncer infanto-juvenil de todo país. No ABC, toda a arrecadação da venda dos lanches é repassada para obras assistenciais na região. O meio ambiente também recebe atenção dos rotarianos, como nos movimentos antipoluição do ar e dos córregos, pelo aumento da arborização e limpeza da Represa Billings.

A cobertura financeira para as obras de assistência do Rotary e da Casa da Amizade tem sido feita pela promoção de diversos eventos de caráter público. A Feira das Nações, realizada durante muitos anos nas décadas de 1960 a 1980, destacou-se pela grande repercussão social. Com o mesmo obje-

Acervol Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



tivo, desde 1992, os rotarianos e suas esposas trabalham na Festa Italiana, organizada pela prefeitura, e que acontece nos finais de semana do mês de agosto, no Bairro Fundação. Atualmente, um interessante projeto de utilidade pública do Rotary Club é o do Banco de Empréstimo Hospitalar, que promove o empréstimo de cadeiras de roda e camas hospitalares aos necessitados. Ainda no campo do serviço social, há também o programa de entrega de cestas básicas, leite em pó e fraldas ao Abrigo do Idoso Grupo Luz. A participação do Rotary na comunidade sul-sancaetanense seguiu a mesma curva evolutiva das condições econômicas e sociais do município, procurando adequar seu trabalho às necessidades mais prementes da coletividade.

O intercâmbio internacional de jovens promovido pelo clube tem permitido uma excelente troca de conhecimentos cul-

Acervol Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Reunião dos rotarianos por ocasião do 11º aniversário de fundação do Rotary Club São Caetano do Sul, em 1962. Vemos, da esquerda para a direita, de baixo para cima: Osvaldo Falchero, José Jayme Tavares Soares, Manoel Gutierrez Durán, José Rodrigues Reis, José Oscar da Silva Bottas, Jordano Vincenzi, Mário Porfírio Rodrigues, João Di Conti, Anton Willo, Antonio Caparroz Guevara, João Milo Ferrari, (?), Antonio de Melo Neto, Sebastião Sampaio de Assis, Sami José Curi, Ângelo Raphael Pellegrino, Falajara Namur, Carmile Barile, João Dal'Mas, Edward Adami, Antonio Camarero Sobrinho, Nelson Sotto Maior, (?), Filomeno Silvestre, (?), Odilon de Souza Mello, Girsz Kogan, Adhemar Pinto, Keigo Toyoda, Silvio Fernandez, (?), Jayme da Costa Patrão, (?), Armando Marcon, Rafael Miguel Sanches, (?), Argemiro Barros de Araújo e Christóvam Miguel Sanches

Acervol Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Entrega de enxovais para recém-nascidos de famílias de baixa renda de São Caetano do Sul, realizada em 1953, no Clube Comercial, no Edifício Vitória. Vemos, à esquerda, a primeira-dama Aracy Torres Campanella, Macária Rodrigues, Maria José Durán e Yone Fláquer, ao lado das mães presenteadas

Em 1953, o Rotary participa da fundação da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância (Apami), entidade que fornece proteção e assistência à maternidade e a infância em geral. Na foto, Arcília Cambaúva, Íris Dall'Antonia, Lourdes Russo Capuzzo e Odette Paez. Foto da década de 1970

Acervo/Rotary Club São Caetano do Sul



Inauguração da Praça Manoel Gutierrez Durán, localizada na Avenida Presidente Kennedy, no Bairro Barcelona, em 1998. Em pé, da esquerda para a direita, os rotários: Domingos Sávio Rogério, Lázaro Bagaldo, Vanderlei Moreira dos Santos, Orestes Carlos Sciarretta Carualho, Luiz Antonio Riena, Antonio José Rodrigues, João Apolinário, Rogério Marcos, Mosavi Aparecida Ribeiro, Sonia Milani Marcos, (?), José Benedito Ramos Prado, Dario Roger Perli, João De Conti. Abaixados: Laércio Feiteira, Nasrallah Rahal, Silvio Roberto Daidone, João Eduardo Galvão Leal e José Armando Lopes

Colégio Eduardo Gomes, fruto da criação da Fundação dos Rotarianos de São Caetano do Sul, que possibilitou o trabalho conjunto dos Rotarys existentes no município. O primeiro grande trabalho da Fundação foi o colégio, instalado no dia 15 de fevereiro de 1982, no edifício do Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul. Posteriormente, essa escola foi transferida para o edifício da Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul e hoje, em prédio próprio, está instalada na Rua Major Carlo Del Prete. Foto da década de 2000

Acervo/Rotary Club São Caetano do Sul



Jantar de comemoração do cinquentenário do Rotary Club São Caetano do Sul, realizado no dia 18 de maio de 2001. Da esquerda para a direita, Oswaldo Falchero, José Alfredo Pretoni, Paulo Gualter Gonzaga, Henrique Camilo de Lellis, Sebastião Marques Zanforlin, Regina Célia Lellis, Samir Khoury e Silvio Roberto Daidone

turais entre a juventude da cidade e a de outros países. Fazem parte das atividades do Rotary os projetos para formação de novas lideranças, orientação vocacional e para o desenvolvimento comunitário. São ainda mantidos os programas Cegueira Inevitável, Grupo de Estudos para Profissionais (em diversos países do mundo), Projeto Ecológico Preserve o Planeta Terra, além de ações voluntárias nas áreas de alfabetização e segurança.

Nestas seis décadas, o Rotary Club São Caetano do Sul foi administrado por 56 presidentes. A atual, Mosavi Aparecida Ribeiro, foi, em 1998, a primeira mulher a assumir a presidência de uma unidade em todo ABC. Ao contar em poucas palavras as atividades do Rotary Club São Caetano do Sul nestes 60 anos, procuramos nos ater aos fatos pertinentes ao município, sem que fosse personalizada a atuação de cada clube ou de cada rotariano, porque todos o fizeram com um único objetivo: o de servir. **R**

Acervo/Rotary Club São Caetano do Sul



() Urames Pires dos Santos, engenheiro da Cerâmica São Caetano de 1946 a 1971, é colaborador da revista Raízes. Foi vereador em São Caetano do Sul, nas legislações de 1953 e 1957*

Uma Revelação
para seu PALADAR



...e que grande
ECONOMIA!

Experimente esta nova delicia, que logo conquistará a preferência de sua família!

MARGARITE é produzida com as mais finas gorduras vegetais, leite, lecitina e concen-

trado vitamínico A e D, com um teor de 10.000 unidades de vitamina A por quilo! Experimente MARGARITE para substituir a manteiga no preparo de sanduíches, bolos, salgadinhos, frituras... é saborosa! E note: MARGARITE custa menos do que a manteiga!



custa menos do que a manteiga!



"A Margarina é igual em digestibilidade e calorías aos outros alimentos graxos. A Margarina substitui a manteiga na dieta comum, sem qualquer desvantagem nutritiva."

De acordo com um depoimento da American Medical Association!



AS MAIS FINAS GORDURAS VEGETAIS, LEITE, LECITINA E CONCENTRADO VITAMÍNICO A e D.

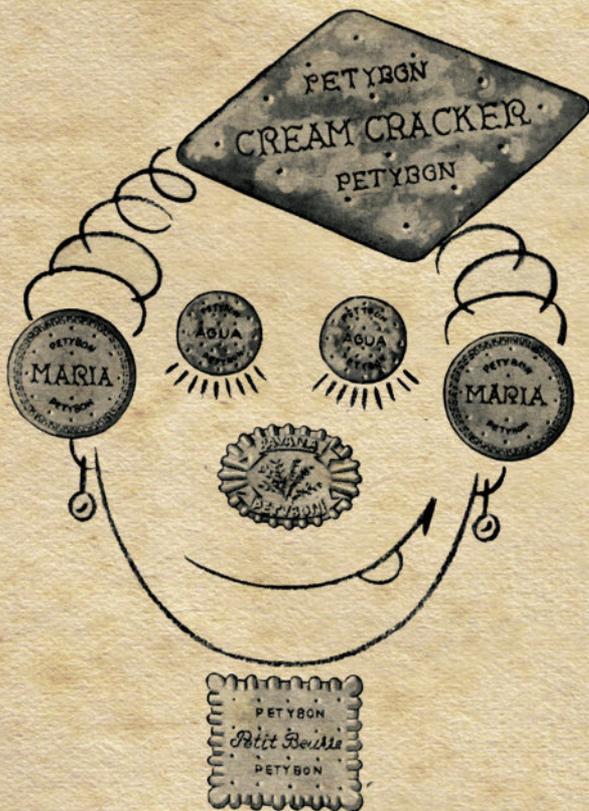


Um Produto I. R. F. M.



Todos repetem

MARGARITE ... e bom apetite!



EU GOSTO SÓ
DE
BISCOITOS

Petybon

Biscoitos Petybon -
Jornal de São Caetano,
26 de Julho de 1952

UM PRODUTO MATARAZZO

ESCOLA ESTADUAL ALFREDO BURKART: meio século em São Caetano do Sul

Neste ano de 2011 a Escola Estadual Alfredo Burkart completa 50 anos de existência. É com muita alegria que seus docentes e alunos preparam as comemorações do grande evento. Ao parabenizá-los pela significativa data, a revista *Raízes* cumpre prazerosamente seu dever de saudar este ícone da nossa educação.

Tudo começou no ano de 1961. São Caetano do Sul adquiria ares de cidade autônoma. A população crescendo, os bairros se definindo e novas escolas surgindo. Neste ambiente, durante o governo do prefeito Oswaldo Samuel Massei, foi criado, pela Lei Estadual nº 6036, de 4 de janeiro de 1961,

o Ginásio Estadual de Vila Gerty. Situava-se na Rua Nelly Pellegrino, nº 954, em um prédio cedido pela prefeitura municipal.

Somente quatro anos depois, em 27 de dezembro de 1965, foi inaugurado o atual prédio, na Rua Boa Vista, nº 200, com amplas instalações, grandes salas, quadra de esportes, laboratório de ciências físicas e biológicas, com cursos de ensino fundamental e médio. Pertence à Diretoria de Ensino de São Bernardo do Campo, que representa a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e funciona em três períodos: manhã, tarde e noite. Os cursos da manhã e da noite são de nível médio e o ensino fundamental se restringe ao turno vespertino. Passados quase 20 anos, a Lei Estadual nº 2312, de 28 de março de 1980, deu a denominação de Alfredo Burkart à Escola Estadual de Primeiro Grau de Vila Gerty, por indicação do então deputado estadual de São Caetano do Sul, Osmar Ribeiro da Fonseca. A indicação se baseou na admiração que a população da cidade manifestava pelo jovem professor Alfredo, nascido em 1º de fevereiro de 1929, em Capivari, filho de Miguel Burkart e Maria Barnabé Burkart.

Alfredo Burkart formou-se em sua



*Retrato de Alfredo Burkart,
um exemplo de entusiasmo
e dedicação*

cidade natal, no ano de 1952. Ingressou no magistério em 1958 e veio trabalhar no antigo Grupo Escolar de Vila Olímpica (Sylvio Romero), no Bairro Olímpico, em São Caetano do Sul. Passou por outros locais, até conseguir se efetivar nessa escola, como professor. Radicou-se aqui por força da atividade de professor e casou-se, em 1957, com Miltes Villares, também professora. Desta união nasceram os filhos: Inaiá Heloisa, Claudio, Alfredo e Paulo Roberto.

Diplomou-se em Pedagogia e assumiu a direção da Escola Estadual de Primeiro Grau da Vila Olímpica, onde se destacou pela correção, pelo entusiasmo e pela dedicação aos alunos. Faleceu em 7 de junho de 1978, aos 49 anos, em plena atividade, deixando a população consternada.

Atualmente, a escola conta com cerca de 900 alunos distribuídos nos períodos da manhã, tarde e noite. Pela manhã, são 12 salas de ensino médio; à tarde, dez turmas de ensino fundamental; e à noite, cinco de ensino médio. A atual equipe de direção é formada por Paulina Janete Ber (diretora), Marcos Antonio Gonçalves (vice-diretor), Valéria Regina Ferrante (coordenadora do ensino fundamental) e Edmilson José dos Santos (coordenador do ensino médio).

LISTA DOS PRIMEIROS PROFESSORES (1962)

Antônio Ianovali Neto (Português)
 Benedito Natal Roberti (Latim)
 José Deleo Junior (Francês)
 Tiekio Fusiy (Inglês)
 Umbelino Alves Conta (Matemática)
 Noel Gadelho de Almeida (História)
 Oswaldo Altran Martins (Geografia)
 Luís Gonzaga Neves Melo (Trabalhos manuais)
 Elvira Fernandes Ribeiro (Trabalhos manuais)
 Luiz Gonzaga Neves Melo (Desenho)
 Áurea Garcia Bahia (Educação física)
 Milton Alcântara Oliveira (Educação física)
 Hélio Pereira Bahia (diretor)



Grupo de professores do período da manhã. Da esquerda para a direita: Maria Cândida Menezes, Maria do Carmo Pereira Servidoni, Rita de Cássia Carlovich Nunes, Marcia Regina Roda Guilherme, Célia Maria de Almeida, Angélica Anastácia Lourenção de Andrade, Sonia Regina Castelan, Mara Cristina Ekstein de Santana, Adriana Aparecida Pereira, Selma Marconi Ferrari, Márcio Alexandre Mendes, Filomena Novaes Zanetti, Sidnei Nardelli, Zuleide Aparecida de Camillo, Paulina Janete Ber (diretora), Maria Regina Celeste dos Santos Pedroso e Edmilson José dos Santos (coordenador do ensino médio)



Grupo de professores do período da tarde. Da esquerda para a direita: Roberto Aparecido Moreira Felix, Valéria Regina Ferrante (coordenadora do ensino fundamental), Tânia Aparecida Nunes Ribeiro, Cristina Alde Prilip, Leonildes Bonifácio, Andrea de Freitas Stopa, Sonia Bigliuzzi Dea, Maria Cândida Menezes, Marco Aurélio Cirino Barroso, Antonia Soares, de Souza, Ana Lúcia Duenhas Dechechi, José Luís Portioli, Lucy Bellomi Rúbio Fernandez, Tatiana Kozamekinas, Maria Cristina Ekstein de Santana e Paulina Janete Ber



Equipe de funcionários da escola. Da esquerda para a direita: Lucia Menezes da Silva, Edmilson José dos Santos, Aparecida Ramires Salvador, Aurora Vendrame, Ana Margarida Andrade de Souza, Paulina Janete Ber, Maria Irani Crisostomo Francatto, André Rosseti, Elizete dos Santos Rosseti, Valéria Regina Ferrante, Sílvia Fortunato Scalzaretto, Maria Aurora de Oliveira Silva e Maria Zilda Moreno

Homenagem de uma professora Valéria Regina Ferrante, coordenadora do ensino fundamental da Escola Estadual Alfredo Burkart, fez uma homenagem à escola por ocasião do cinquentenário. Reproduzimos aqui, o texto de sua autoria:

Burkart – 50 anos

Nossa escola nasceu na década de 60. De lá pra cá muita coisa mudou. Muitas pessoas já passaram por aqui. Cada uma delas ajudou a formar nossa história. Cada turma, cada professor, funcionário que por aqui passou. Todos nos ajudaram a entender o verdadeiro sentido da palavra: "construir".

Nesses 50 anos, nós construímos muitas histórias. Em algumas, fomos os protagonistas, em outras, apenas espectadores e, em muitas delas, fomos peças-chave na mudança de curso no destino de várias pessoas. Não podemos esquecer que, por muitas vezes, a nossa vida na escola se misturou a nossa vida pessoal, mexeu com nossos sentimentos, nos fez chorar, sofrer, sorrir e nos emocionar de uma forma única, como apenas aqueles que lidam com a formação de pessoas podem entender.

É difícil acreditar que já passaram 50 anos. Apenas quando olhamos para nossos livros envelhecidos na biblioteca, para a máquina de escrever na secretaria e até mesmo para o mimeógrafo na sala dos professores é que nos conscientizamos da importância do nosso trabalho, que atravessou décadas, rompeu a barreira da tecnologia e sobrevive nas palavras de nossos mestres e no aprendizado de nossos alunos, que fazem com que nos reinventemos a cada dia, diante da responsabilidade que assumimos em formar novos cidadãos, que também irão transformar realidades, na esperança de um futuro melhor e mais digno para todos.

Em cada ano de vida, tivemos a oportunidade de receber em nossa escola novos rostos, que trouxeram novos pontos de vista e novos modos de pensar e, isso foi fundamental e determinante para nosso crescimento e desenvolvimento.

É essa certeza que nos alimenta a alma, que alenta nossos corações e que motiva nossa celebração para essa data tão especial, não apenas para nossa comunidade escolar, mas também para nossa cidade, tão embuída em fazer da educação uma prioridade em nossas vidas.

Assim, é com muito orgulho e muito carinho que damos parabéns a todos que contribuíram, de forma direta ou indireta, para a realização desse sonho.

Valéria Ferrante
Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental

UMA TRAJETÓRIA DE CONSCIENTIZAÇÃO E SOLIDARIEDADE

Priscila GORZONI (*)



Padre Rubens celebrando missa na Igreja da Vila Palmares

“RUBENS, UM HOMEM EM TUDO IGUAL AOS OUTROS HOMENS. COM TODAS AS FRAQUEZAS DOS OUTROS HOMENS, MAS CHAMADO POR JESUS CRISTO, CHAMADO POR DEUS PARA SER PADRE E ESTAR A SERVIÇO DOS HOMENS NO SACERDÓCIO DE CRISTO.”

TRECHO RETIRADO DO APÓSTOLO SÃO PAULO E ESCRITO NO CONVITE DE ORDENAÇÃO DE PADRE RUBENS

No dia 22 de junho de 1938, data próxima à comemoração de São João, nascia, na cidade de Santos, Emílio Rubens Chasseraux. Seu nome de batismo, homenagem à avó falecida duas horas antes de vir ao mundo, Emília, diz muito sobre sua personalidade e missão que assumiria. Emílio, do latim, quer dizer “bom filho”, Rubéns, do hebraico, é “aquele que fala bem”, e “Chasseraux”, em francês, significa “pequeno caçador”. Este homem tem uma trajetória

de vida extraordinária, abnegado e dedicado ao amor e à caridade, como foi São Francisco.

Era manhã de uma quarta-feira, quando fui conversar com padre Rubens, que trabalhava junto das irmãs Clarissas no Hospital São Caetano. Lá, após um intervalo, ele pediu que eu fosse encontrá-lo à tarde na capela do hospital, quando aconteceria a missa da “benção da garganta”. Foi o que fiz. Assisti à missa e depois fui com ele, de carona,

em um fusca azul celeste, para a Vila Palmares, em Santo André. Chegando, descobri porque seria impossível contar um pouco de sua história sem falar de sua origem e de sua obra.

Ao entrar na Paróquia Nossa Senhora das Dores, onde padre Rubens atuou cerca de 47 anos, fui conduzida por todas as partes, enquanto ele mostrava minuciosamente de onde havia retirado cada bocado daquela edificação. As paredes da entrada evocam mosaicos bizantinos. Tijolos e azulejos coloridos também trazem à lembrança as obras da cripta da Igreja da Sagrada Família de Barcelona, obra do arquiteto e artista catalão Gaudí. A beleza do santuário é um espelho do tempo e do trabalho dispensados em benefício de seu rebanho. “Tudo o que temos aqui na igreja foi retirado de demolição”, afirma o padre, que organizou um mutirão para trabalhar em edifícios que seriam postos abaixo em São Caetano. Em troca da mão de obra, recebiam o sobejo de materiais, entre blocos, madeiras e metais. “Há partes provenientes do Banco de São Caetano e da Capela Nossa Senhora da Glória (na Rua Amazonas), que também foi demolida. Tudo ia ser jogado fora e nós trouxemos para cá. Essa via sacra foi montada com retalhos de madeira, o crucifixo grande do centro foi feito com ferro moldado”, explica. O local onde a igreja foi edificada era antes um grande lixão. Padre Rubens, nome marcante na história da Vila Palmares, atuou na região desde esse período, construiu a paróquia num ponto alto da vila, e agiu como representante da comunidade. Antes da construção do templo, “as missas e catecismos eram feitos embaixo de árvores”, conta o sacerdote. “Eu dormia nesse terreno, dentro de um engradado, ao relento”, relembra. Em 1964, aquela área era via de acesso para as boiadas e para quem vinha do Ipiranga e de São Caetano. “Os andantes passavam por mim”, complementa. “Era comum eu acordar entre ratos e cobras, e mesmo ficar gravemente doente, como aconteceu muitas vezes. Fiquei desacordado por dias no Hospital Santa Maria Goretti, com ordens expressas de não voltar a Palmares, mas voltei, com apenas 37 quilos. Nunca tive medo de nada”,



Foto Priscila Gorzoni

Padre Rubens e sua assistente em frente aos trabalhos de artesanato desenvolvidos pelos moradores da comunidade



Foto Priscila Gorzoni

Padre Rubens junto do Cristo de ferro construído pelos moradores de Vila Palmares

relata. Passados três anos, a vida de padre Rubens melhorou um pouco. Do engradado adaptado em leiteo, mudou-se para um barraco dentro da humilde vila. O espaço era pequeno, acomodava apenas uma caixa com o sacrário, onde guardava as hóstias. Contudo, lá também as circunstâncias eram bem difíceis. Por baixo do barraco, passava o esgoto e

ao lado dele havia um chiqueiro. “Colocava a minha cama encostada à parede e ouvia a noite inteira os porcos se esfregando nela. Então, muitas vezes eu dizia: Jesus nasceu em uma estrebaria!”, lembra. Mas, novamente, em decorrência das condições de insalubridade, o religioso chegou a contrair muitas infecções e doenças. A despeito das adversidades, continuou sua missão ignorando muitas vezes as recomendações médicas.

Tomado pelo idealismo, decidiu pregar a palavra de Cristo, aconselhar e amparar os pobres e marginalizados, como fez São Francisco de Assis, santo preferido de padre Rubens. Segundo a lenda, tomando ao pé da letra o que “o crucifixo de São Damião lhe ordenara”, São Francisco iniciou sua vida de devoção, mendicância e peregrinação, na simplicidade da pobreza, iniciando sua obra como pedreiro, ajudando a reconstruir igrejas em ruínas nos arredores de Assis. A exemplo do místico italiano, padre Rubens trabalhava na coleta de lixo, como servente de pedreiro e em outras atividades. “Nunca recebia um centavo da igreja, então tinha de colocar a mão na massa. Por sorte, eu ganhava muitas coisas, inclusive as roupas que usava. Até hoje nunca entrei em uma loja para comprar roupas. Não preciso, posso usar o que ganho e também doá-las ao povo”, declara. Mas nada se compara à alegria de levar solidariedade às pessoas em tempos natalinos. Costumava preparar várias festas pra moradores de rua e marginalizados. Uma vez organizou um jantar para os lixeiros, o que o deixou bastante feliz com o resultado. Especialmente, quando um homem lhe disse que todos os anos se revoltava naquela época, por ter que ficar pegando o lixo dos outros. Era o primeiro natal em que estava feliz. “Em outras ocasiões, fiz um jantar para portadores do vírus HIV e também para migrantes nordestinos solitários. Para mim, o verdadeiro natal é estar perto das pessoas pobres”, conclui.

Da infância a ordenação – Nascido em uma família humilde, moradora de uma favela de Santos, padre Rubens foi o único dos filhos que conseguiu se escolarizar, ainda assim a muito custo. O

pai, embora tivesse apenas até a terceira série, era apreciador de leitura, por isso estava sempre bem informado. “Senti na pele a pobreza”. Foi, muitas vezes, vítima de preconceito nos lugares onde estudou, até mesmo nos colégios religiosos. Passando por muitas privações, aos 10 anos, deixou as brincadeiras de criança para trabalhar e ajudar no sustento do lar. Nas ruas, engraxava sapatos. Um ano mais tarde, em 15 de fevereiro de 1951, aos 11 anos, entrou para o seminário. A decisão surgiu quando, em dada ocasião, alguns “rapazes de batina” foram a Piratininga, cidade onde morava, e convidaram a molecada para jogar futebol. Os jovens ainda não eram padres, estavam se preparando para o sacerdócio. Então o garoto Emílio Rubens se encantou pela ideia. Em busca do seu sonho, partiu para o seminário em Botucatu.

Duro foi despedir-se do pai. Era a primeira vez que ficava sozinho e longe da família. Naquela primeira noite, padre Rubens sentiu muito medo. Na capela, com todas as luzes apagadas, começou então o retiro de cinco dias em silêncio absoluto. Os dias não eram fáceis. Era exigido um comportamento exemplar. Ali também se deu conta dos preconceitos. Os mais pobres precisavam estar constantemente provando merecimento. Embora não pagassem pelos estudos, trabalhavam nas horas dos recreios para compensar seus gastos. Após três anos no seminário, padre Rubens, cansado e desanimado, em uma de suas voltas para casa, disse ao pai que desejava abandonar o seminário, mas não teve coragem de comunicar sua decisão aos seus superiores.

Aos 23 anos, veio a São Paulo cursar Teologia. Suas convicções tinham se confirmado paralelamente aos estudos no seminário. “A primeira situação que me levou à decisão de ser padre foi uma experiência que tive na favela do Vergueiro, em São Paulo. Naquela época, em 1958, só havia quatro favelas na cidade e essa era considerada a maior e mais violenta. Lá conheci Adinabel, um dos moradores que, em princípio, foi agressivo com minha presença. Mas, por fim, passou a ser um dos mais fiéis seguidores.” A segunda convicção se firmou em virtude de uma

visita que fez a uma área de prostituição, onde conversou com uma das mulheres. “Pude entender que algumas pessoas vivem essa vida, mas têm valor dentro de si. São incompreendidas e condenadas. Nunca aceitei essa ideia de chamar uma mulher de prostituta. Cheguei a discutir com o delegado por causa disso. Se Jesus não as condenou, quem somos nós para fazer isso?”, afirma. A última situação que o levou à missão do sacerdócio foi a convivência com as crianças moradoras de rua. “Vivi com elas durante um tempo. Ouvi histórias terríveis que, muitas vezes, me fizeram tomar suas dores”, assegura.

Questionava e criticava constantemente a postura do clero. Isso passou a ser visto como insubordinação pelos superiores, que o expulsaram do curso após quatro anos. Faltava ainda um ano para ser ordenado, mas em seu íntimo sabia que não queria desistir. “Depois de voltar ao seminário para buscar minhas coisas, o que foi bem complicado, já que não permitiram a minha entrada, vim para Santo André. Fui aceito pelo Bispo Dom Jorge que tinha as ideias bem parecidas com as minhas. Por isso, me deu a chance de terminar esse último ano e finalmente poder me ordenar”. Para aceitá-lo, Dom Jorge fez duas únicas exigências: que estudasse e rezasse muito. Finalmente, formou-se diocesano.

“Eu já conhecia as favelas da região do ABC e queria vir para a Palmares, mesmo sem Dom Jorge concordar. Passado um tempo, trouxe os meus pais. Levei minha família para morar em um barraco no alto do morro entre as vilas Pires e Luzita. Era um cômodo sem luz e água, onde viviam 11 pessoas”, lembra. Nessa época, padre Rubens ainda não estava ordenado. “Foi então que todos os dias eu ia à Praça do Carmo, levava os livros e lá ficava estudando, em meio a molecada de rua. Alternava horas de estudo e de trabalho, lavando carros e engraxando sapatos para sobreviver”, diz. Na semana na qual completou 25 anos, foi ordenado. “Para o dia da ordenação precisava arrumar um padrinho e uma madrinha. Não tive dúvidas, escolhi um garoto de rua, meu amigo, e uma mulher pobre. Como não tinha batina, nem paramentos, outros padres me

emprestaram”, recorda. Sem dinheiro para mandar fazer os convites para a ordenação, comprou cartolina, pegou emprestada a máquina de datilografar do amigo, padre José, da Igreja Santa Terezinha, e nos cartões escreveu um texto do apóstolo São Paulo. “Terminada a ordenação, corri para festejar com os meus amigos meninos de rua. Eles me pagaram um lanche em um bar na Rua Senador Fláquer e uma sessão de cinema no Teatro Carlos Gomes. Foi a melhor celebração que poderia ter”, relembra.



AcervoPadre Rubens

Padre Rubens batiza mais uma criança. Foto da década de 1970



AcervoPadre Rubens

Imagem da ampliação da paróquia na Vila Palmares

Obras assistenciais e caridade – Padre Rubens realizou, por 42 anos, um belíssimo trabalho de voluntariado no Hospital São Caetano, instituição privada que atendia pelo INSS. Lá celebrava missas e, às segundas, quartas e sextas-feiras, estava junto dos enfermos e dos familiares, dando apoio, consolo e ânimo. Tomava conhecimento de cada história, visitava quarto a quarto. Organizou uma rede de solidariedade, que angariava remédios e alimentos para as famílias carentes.

Em Palmares, construiu um ambulatório médico, com consultório, laboratório e farmácia. Arrecadava as medicações com os amigos. O local dispunha de geriatras, pediatras e clínicos gerais, totalizando 16 médicos voluntários em atendimento.

Na paróquia, eram preparados almoços para os moradores de rua. De 80 a 100 pessoas eram alimentadas todos os dias. Para terem um leito, eram encaminhados a albergues. Também havia reuniões para recuperação de dependentes químicos, que contavam com acompanhamento médico e psicológico.

Urbanização e perseguição política - Em Santo André e em São Caetano do Sul, padre Rubens deixou sua marca. Há mais de 45 anos adotou a divisa entre os dois municípios como o local onde construiu sua moradia e sua igreja. Levou anos para a comunidade conquistar seu direito à habitação. Padre Rubens mobilizou e organizou cerca de 160 famílias para pleitearem junto ao poder público a regularização de posse dos terrenos e a urbanização da Vila Palmares, iniciativa que lhe rendeu muita fama. “Fizemos um trabalho pioneiro de urbanização de favela. Como nunca fui a favor de violência, nos organizamos para comprar os terrenos de Palmares sem precisar tirar o leite das crianças. Pagávamos o que podíamos. Compramos os terrenos juntos, como uma cooperativa, e construíamos as casas com materiais retirados de demolição. Substituímos os barracos por moradias de alvenaria. Aceitávamos trabalhar e receber como pagamento azulejos e tijolos que seriam jogados fora. Por fim, fundamos a

Sociedade Civil Quilombo dos Palmares. Então passamos ser chamados em outras favelas para fazer o mesmo trabalho”, relata. Em momentos críticos, os moradores tinham de defender suas casas dos oficiais de justiça. “As nossas armas eram as bíblias, cânticos religiosos e as crianças, orientadas a subir nos móveis para que não os levassem embora. Com essa resistência conseguimos manter todas as favelas do ABC durante os anos de 1964 e 1985”, ressalta.

Suas atitudes em defesa dos pobres também lhe renderam incompreensões tanto por parte dos militares como pelo alto escalão dos religiosos. Uma das lutas foi por transformar em creche o casarão abandonado do bairro, antiga sede da fazenda Boa Vista. “Todos os dias vinham aqui mulheres pedir a minha ajuda. Então, um dia resolvi marcar uma reunião com todas elas para discutirmos os problemas. O maior deles era que as mães de Palmares não podiam trabalhar por não terem onde deixar os filhos. Como ajuda, ofereci a minha casa. De início, havia 13 crianças, chegando a 60. Nesse mesmo espaço fizemos uma escola para domésticas e passei a ajudá-las a arranjar emprego. Mas o espaço foi ficando pequeno. Depois de muita briga com a prefeitura, conseguimos a casa, e transformamos o local na creche João XXIII, que há mais de 40 anos abriga crianças”, relata. O educandário foi logo registrado nos órgãos competentes, contando com apoio pedagógico de profissionais e oferecendo ensino infantil e alimentação às crianças. Também passaram a ser realizados cursos de alfabetização, pintura em tecido e corte e costura para as mulheres. As peças produzidas eram vendidas em bazares beneficentes e o dinheiro revertido para as artesãs.

Em 1964, padre Rubens costumava reunir os moradores de Palmares e às terças-feiras se dirigiam ao gabinete do prefeito com o intuito de reivindicar melhorias para a vila. “Veja, não faltavam motivos para nos perseguir. Vivíamos cercados por militares”, comenta, até porque eram feitas na paróquia do padre Rubens reuniões que deram origem ao popular partido formado por intelectuais de esquerda junto às bases sindicais operárias na década

de 1980. “Chegamos a receber a visita de grandes personalidades como Paulo Freire e Miguel Arrais”, recorda.

O pároco sofreu severas perseguições, foi preso por cinco vezes. Seu engajamento visava edificar a palavra de Cristo, levando consciência e cidadania aos mais pobres, munindo-os de armas para lutar por seus direitos mais básicos, como habitação, saúde, trabalho, alimentação e educação. Seu trabalho junto à comunidade era frequentemente associado ao comunismo. “Fui preso pela primeira vez no dia 2 de maio de 1968. Depois novamente em 1969, 1970 e 1971. Mas como eles não tinham provas, era sempre liberado. Certa vez, em uma de minhas missas eu recitei um trecho do texto de Isaías, e os policiais gravaram”, conta. O texto do profeta Isaías, Capítulo 5, Versículo 8, extraído da Bíblia Sagrada diz, “Ai, daqueles que juntam casa com casa e emendam campo a campo até que não sobre mais espaço e sejam os únicos a habitarem o país”. “Dito e feito. Não demorou muito e lá estava um carro de polícia na porta da igreja. Fiquei jogado em uma cela do DOPS de São Paulo por dois dias quando o delegado me chamou e me interrogou. Qual não foi sua surpresa ao descobrir que se tratava mesmo de um trecho da bíblia. Para disfarçar me enchei de desculpas e até pagou o táxi”, relembra o episódio.



Padre Rubens ao lado de sua mãe na celebração de um de seus aniversários

Hoje com 73 anos, o querido padre de Palmeares não administra mais a paróquia, mas ainda vive na comunidade que ajudou a melhorar. Defensor da liberdade de espírito, da alegria, da vida comunitária, sua face “revolucionária” compreende a decisão de pregar junto ao povo, encarando as desventuras do mundo, bem como escolher os pobres como modelos de superação e dignidade. Padre Rubens Chasseraux deixa a marca de sua fé e de seu labor em tempos de consumo desenfreado, hedonismo e descaso com o próximo. Um homem tão necessário e fora de época como foi Francisco de Assis. **R**

(*) Priscila Gorzoni é jornalista, formada em Ciências Sociais, com especialização em Fundamentos em Arte e Cultura, pela Universidade Estadual Paulista. Escreve para várias publicações. É autora dos livros *Os benzedores que benzem com as mãos*, da editora UCG, *Os animais que estiveram nas guerras*, da editora Matrix e *Abre as Portas para os Santos Reis*, editado pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

JOSÉ DE AGOSTINHO: 103 anos de uma vida exemplar e feliz

Yolanda ASCENCIO (*)



Acerval José de Agostinho

José de Agostinho no final da década de 1930, quando trabalhou como motorista

José de Agostinho, filho dos imigrantes italianos Vincenzo D'Agostini e Maria Carreri D'Agostini, nasceu na Fazenda Nova Java, em Rio das Pedras, interior de São Paulo, no dia 8 de março de 1908. Quando tinha três anos, sua família mudou-se para a cidade de Santa Cruz das Palmeiras, onde o menino José passou a infância e também a adolescência, trabalhando com os dez irmãos na lavoura de café.

Nos fins de semana, José gostava de passear com os amigos na pracinha da cidade. E foi neste local que, aos 15 anos, conheceu Rita Aparecida Zanon. Tornaram-se amigos e depois de três anos começaram a namorar. Mais três anos de namoro e, no dia 16 de dezembro de 1929, casaram-se. No

dia seguinte ao casamento, embarcaram em uma maria-fumaça e vieram para São Paulo em busca de uma vida nova.

Não imaginavam, porém, as dificuldades que teriam de enfrentar numa terra desconhecida. O novo casal instalou-se no Bairro do Ipiranga, na capital de São Paulo. O primeiro emprego de José foi na demolição de prédios para a construção da Praça Clóvis. Em 1931, José de Agostinho trabalhou durante um ano na Cerâmica Sacomã. Nesse período nasceu a primeira filha do casal: Maria Imaculada.

Em 1932, José prestou alguns serviços no setor de obras da Prefeitura de São Paulo. Sempre em busca de melhores dias, o casal conseguiu em-

prego (um durante o dia e o outro durante a noite) na fábrica de tecidos Fiação, Tece-lagem e Estamparia Jafet. Trabalhando em horários alternados (isso durou quatro anos e dois meses) o casal podia cuidar da filha Maria Imaculada. Em 1936, José de Agostinho começou a trabalhar na Light São Paulo (The São Paulo Tramway, Light and Power Company) como motorneiro, dirigindo bondes (camarão e aberto). Na empresa, permaneceu por 31 anos e seis dias, até se aposentar, em 15 de março de 1967.

O casal José de Agostinho e Rita teve seis filhos: Maria Imaculada (já falecida), Luiz José, Neide Rita, Vilma Aparecida, Yolanda Aparecida e Ivani Regina. Em 1950, antes do nascimento de Ivani Regina, a família mudou-se para São Caetano do Sul, instalando-se na Rua Olinda (atual Rua Tenente Antonio João). Nosso personagem mora até hoje no mesmo local, com a filha Neide Rita. A vida foi passando e os seis filhos de José de Agostinho deram-lhe 14 netos e 14 bisnetos. Sua esposa, Rita, faleceu em 1993.

Depois desta história, recheada de tantos acontecimentos, o entrevistado ainda nos contou que sempre gostou de pescar, cuidar das plantas, ir à praia, viajar e contar histórias. Disse também que é católico, palmeirense, adora tomar um cálice de vinho e comer um bombom todos os dias. Tem muita saudade da esposa e quase chorou ao dizer que não pôde estudar. Frequentou a escola por apenas dois anos, mas todos os seus filhos, netos e bisnetos estudaram ou ainda frequentam a escola.

Mas José de Agostinho é um autodidata, pois, por conta própria, aprendeu a ler e a escrever. Até hoje, lê o jornal diariamente e nos mostrou um de seus livros preferidos: *Pareça mais Jovem... Viva mais Tempo*, do autor americano Gayelord Hauser, do qual destacamos um trecho: “Esque-



Acervo José de Agostinho

O casal José de Agostinho e Rita, em 17 de abril de 1985, em frente de sua residência na Rua Tenente Antonio João

ça a idade agora, deixe este livro de lado por um instante e diga a si mesmo: Eu (seu nome), aqui sentado, poderei viver até cem anos. Diga alto! Ouça sua própria voz! Repita!”. “E assim estou aqui”, concluiu ele. “Feliz e cheio de vida, com uma boa memória e com 103 anos muito bem vividos”. **R**

José de Agostinho e família, em sua festa de 100 anos, no dia 8 de março de 2008

Acervo José de Agostinho



*** José de Agostinho foi homenageado no projeto *Cidadão da História*, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e a Fundação Pró-Memória, dentro do programa *Bairro a Bairro*, no dia 29 de abril de 2011, como um dos moradores mais antigos do Bairro Cerâmica.

(*) *Yolanda Ascencio* é professora, pedagoga, advogada, escritora e colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Foto do casamento de José Fiorotti e Verônica Ferrari em 19 de julho de 1952

Arquivo José Fiorotti

JOSÉ FIOROTTI: 82 anos em São Caetano

Chamado de príncipe dos municípios, São Caetano do Sul deve seu progresso à sua gente, que de muito outrora veio de terras distantes em busca de ganhar a América, prosperar. E, hoje, quem quer lembrar? Aos jovens ou aos velhos, a quem devemos nosso legado? Quem é desejoso dessa memória histórica? O que somos hoje, muito se deve a quem nos precedeu. Neste artigo, vamos prestigiar a memória viva por meio da história de um ilustre morador da cidade, que carrega o lastro dos fundadores de São Caetano quando este era ainda somente Núcleo Colonial, majoritariamente formado por imigrantes vindos da Itália.

Nosso homenageado é José Fiorotti. Nascido em São Caetano do Sul, em 11 de fevereiro de 1929, é filho de Francisco Fiorotti e de Angela De Martini Fiorotti. Oriundos de Udine, Treviso, na Itália, chegaram ao Brasil pelo vapor *Fortunata Raggio*, em 1879*. Da mesma família também veio Luiz, um dos nove irmãos de Francisco. Os avós de José eram Lourenço Picolli e Augusta De Martini (por parte materna); e Giuseppe Fiorotti e Santa Sandrin (parte paterna). As duas famílias, naturais de Treviso, tinham como meio de subsistência a agricultura.



Acervo José Fiorotti

José Fiorotti em foto recente: saudades do sítio da família Fiorotti

Francisco adquiriu um grande terreno que se estendia da atual Rua Boa Vista até a Rua Capivari. Nessas terras, o pai de José, lenhador e produtor de carvão, formou também um grande sítio, onde criava gado e cultivava café e árvores frutíferas.

Francisco e Angela tiveram dez filhos, sendo oito mulheres e dois homens: Santa, Augusta, Rosa, Itália, Carmela, Laura, Aparecida, Irma, Bruno e José. Segundo José, seu pai vendeu a metade da propriedade e dividiu o restante das terras que se estendiam da Rua Boa Vista à Rua Maringá, em dez lotes, doando um para cada filho. Os lotes de frente para a Boa Vista foram destinados aos homens: Bruno e José. Com a divisão das terras, os herdeiros foram construindo suas casas e o sítio da família Fiorotti desapareceu.

José fez o antigo curso primário na escola Príncipe de Gales, de 1937 a 1941. Já adolescente, começou a trabalhar nas Indústrias Aliberti e co-

nheceu Verônica Ferrari, com quem se casou, em 19 de julho de 1952. Sua esposa também fez apenas o curso primário no Segundo Grupo Escolar Monte Alegre. Após o casamento, a jovem Verônica se dedicou inteiramente aos cuidados da casa, enquanto o marido trabalhava na Cerâmica Tupã. Quando conseguiu sua carta de motorista, José passou a prestar serviços com ambulância e, em seguida, como caminhoneiro, trabalho que desenvolveu por vários anos. Mas muito cansado da vida de viagens, começou a procurar um trabalho mais tranquilo. Em 1962, foi contratado pela Ford do Brasil, como prestista. Lá permaneceu por 18 anos, até se aposentar

José Fiorotti entre suas duas filhas, Marta e Regina, em 24 de dezembro de 2000



Acervo José Fiorotti

em 1981. O casal José e Verônica teve duas filhas: Marta e Regina. José Fiorotti fala com orgulho das filhas que lhe deram três netos: Bárbara, Renata e Juliano.

José Fiorotti, saudoso, fala de suas lembranças. Católico, frequentou a catequese na Paróquia Nossa Senhora da Candelária. Gostava de assistir à missa na Paróquia Sagrada Família e, atualmente, quando tem disposição, vai à Paróquia Nossa Senhora das Graças. Ele confessa sentir muita saudade da esposa Verônica, falecida em 17 de outubro de 1996.

Hoje, com 82 anos e com problemas de saúde, José Fiorotti mora sozinho na mesma casa onde nasceu, mas conta com total apoio das filhas. Ele também faz questão de dizer que é torcedor fervoroso do time de futebol paulista Corinthians. Gosta muito de cuidar do jardim e de ficar horas no portão para conversar com todos os passantes dispostos a uma boa prosa, pois é muito conhecido por ali. Finalmente confidencia que, apesar de tantas reformas pelas quais aquele lugar passou, ele se recorda saudoso da coqueira, do seleiro e do pomar que encantaram sua infância no sítio dos Fiorotti. **R**

*Os pais de José Fiorotti:
Francisco Fiorotti e
Angela De Martini
Fiorotti*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MARTINS, José de Souza. *Diário de Fim de Século – Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 1998.

_____. *Subúrbio – Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República*. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2002.

Famílias Ilustres e Tradicionais de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, v. I, p. 51, 52, set. 1992.

* *Data averiguada e creditada segundo a Lista de Distribuição e Redistribuição dos Lotes do Núcleo Colonial de São Caetano e da Lista Oficial dos Colonos de São Caetano, documentação respectivamente presente nos livros “Subúrbio – Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República” e “Diário de Fim de Século – Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX”, ambos de autoria do historiador José de Souza Martins.*

(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)



AGORA

DÊ

O PRESENTE

CERTO



SHEER



LOOK

(diga XIR LUK)

FRIGIDAIRE - FUTURAMA

7

modelos
FRIGIDAIRE
FUTURAMA
à sua
escolha!

Bela... Jeitosa... Econômica!

a sua disposição em

IRMÃOS *DEL Rey* & CIA. LTDA.

UM PRODUTO DA
**GENERAL MOTORS
DO BRASIL S.A.**

SANTO ANDRÉ
R. GENERAL GLICÉRIO, 61

SÃO BERNARDO DO CAMPO
R. MARECHAL DEODORO, 110

SÃO CARLOS DO SUL
RUA BARALDI, 312

Irmãos Del Rey e Cia. Ltda
- Jornal de São Caetano,
30 de Janeiro de 1960

LUIZ MANTOVANI

Um dirigente em prol do esporte

Cristina ORTEGA ()*

Filho dos imigrantes italianos João Mantovani e Mônica Martibianco, Luiz Mantovani era o mais velho dentre seus três irmãos. Nasceu em Pedreira, interior do Estado de São Paulo, no dia 7 de agosto de 1908. Com três anos de idade, veio para São Caetano, em 1911. Aqui começaria a luta desta família italiana, que se estabeleceu no Bairro da Fundação, morando, primeiramente, na Rua Perrella, depois na Praça Ermelino Matarazzo e, finalmente, na Rua Athaliba Leonel (onde Luiz viveu até seu falecimento).

Com apenas 12 anos, Luiz Mantovani fundou o time juvenil do São Caetano Esporte Clube

Luiz Mantovani, o Patrono dos Esportes de São Caetano do Sul, em foto de 1939

Acevol Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



(SCEC), manifestando, precocemente, o que seria mais tarde: dirigente e jogador de futebol. Mas o trabalho e a necessidade de ajudar a família estavam acima dos anseios esportivos. Assim, com 18 anos ainda incompletos, começou a trabalhar em uma das unidades das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, no Bairro da Água Branca, em São Paulo. Começou no setor de fabricação de velas e ali ficou até se aposentar. Toda sua atividade esportiva ficou relegada aos horários noturnos e aos finais de semana.

Devido às suas qualidades de excepcional atleta, passou logo para o segundo quadro do SCEC, vindo, posteriormente, a integrar a equipe principal. Como bom lateral-direito que era, fez parte dos times da Associação Atlética Matarazzo, em São Paulo, e do Clube Atlético Brasil, em 1936, jogando com João Scaglia, Francisco Fiorotti, Francisco Marinotti, Antonio Paolillo, Antonio Biaggio, Oswaldinho, Albano Moraes, José Correia, Rubens Daré, João (Alemão) e Leonardo.

Além de praticar o futebol, Mantovani passou a jogar bola ao cesto, sempre no SCEC, vindo também a ser representante do clube junto à Federação Paulista de Bola ao Cesto. E foi durante uma festa no São Caetano Esporte Clube, que conheceu sua esposa Miquelina Paolillo. O casamento aconteceu no dia 23 de janeiro de 1936. Da união, nasceram os filhos João, Moacir e Marino.

A criação da Liga Sancaetanense de Futebol - Luiz Mantovani foi o representante do São Caetano

interno da Liga, mas, sabe-se que a primeira sede da entidade foi na Rua João Pessoa, nº 58, no prédio de propriedade da família Musumeci, em cima da Torre-fação e Moagem do Café São Caetano). Anos após sua criação, a Liga foi transferida para o andar térreo do Paço Municipal, ficando em instalações improvisadas. Até que foi inaugurado, em 1964, o Palácio dos Esportes, onde o grupo passou a ter instalações adequadas e salas para todos os departamentos.

O primeiro presidente da Liga Esportiva de



Acevol Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Esporte Clube na Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea). Com o nome ligado ao esporte local, e principalmente ao futebol, ao lado de Humberto Ceccato e Pascoalino Assunção, de Santo André, começou a coordenar o esporte amador na cidade. Contava com o apoio dos clubes e da própria prefeitura. Assim, em 4 de março de 1949, os três fundam a Liga de Esportes de São Caetano do Sul (Lescs), filiada à Federação Paulista de Futebol. A finalidade da Liga era difundir, dirigir, representar e aperfeiçoar a prática do futebol dentro do município, bem como realizar anualmente campeonatos, competições e torneios entre seus filiados. A sede, localizada em um prédio cedido pelo então prefeito Anacleto Campanella, foi denominada Casa dos Esportes, e era localizada na Rua Rio Grande do Sul, nº 191, no Bairro Centro (conforme consta no regulamento

Jogadores de futebol do Clube Atlético Brasil, em 1936. Foram identificados: João Scaglia, Francisco Fiorotti, Francisco Marinotti, Antonio Paolillo, Antonio Biaggio, Oswaldinho, Albano Moraes, José Correia, Luiz Mantovani, Rubens Daré, João (Alemão) e Leonardo

São Caetano do Sul foi Luiz Mantovani. Sua presença e intervenção constantes, sua ponderação e espírito conciliador, foram sempre decisivos, levando-o a permanecer nesta função durante 12 anos. Posteriormente, a Liga Esportiva passou a denominar-se Liga Sancaetanense de Futebol. A partir de 1949, o esporte desenvolveu-se de maneira vertiginosa em São Caetano do Sul.

Por meio de uma experiência insuperável e de uma capacidade de trabalho espantosa e, principalmente, um amor incondicional ao esporte, Mantovani defendeu com idealismo todos os postulados esportivos. Desde a fundação da Liga, em 1949, até



Arquivo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

seu falecimento, em 1967, exerceu sempre o cargo de presidente ou vice-presidente. Em 1962, os esportistas da cidade, unanimemente, o elegeram Patrono dos Esportes de São Caetano do Sul, título esse homologado pela prefeitura. No dia 28 de julho de 1968, em homenagem a um dos impulsionadores do progresso esportivo de São Caetano, o então prefeito Hermógenes Walter Braido inaugurou o Estádio Distrital Luiz Mantovani, no Bairro Fundação. Hoje, a área do estádio foi incorporada ao São Caetano Esporte Clube.

Com seu característico chapéu, que denotava seu estado espírito (quando nervoso, seu chapéu ficava de lado!), Mantovani mantinha a calma e seu temperamento conciliador estava sempre presente nas lides. Em disputas de campeonatos, quando jogavam times como Vila Alpina, Vila Bela, São

Luiz Mantovani e sua esposa Miquelina Paolillo Mantovani, em um evento social, na década de 1960



Acervo/João Mantovani

São Caetano Esporte Clube, campeão de sua série em 1950. Entre os dirigentes, o capitão Mosca (de uniforme), representante do time. O terceiro, da esquerda para a direita, é Luiz Mantovani, e, ao seu lado, Humberto Ceccato. Depois do jogador, vemos Pedro José Lorenzini, tesoureiro do SCEC e Hermógenes Walter Braido

Caetano Esporte Clube, América do Sul Futebol Clube, São Cristóvão Futebol Clube, havia muita animosidade entre os jogadores e suas torcidas. Nesses momentos, Mantovani pedia apoio da cavalaria da Força Pública de São Paulo para fiscalizar o entorno do estádio, para evitar que houvesse invasões da torcida ao campo.

O legado de Luiz Mantovani está incorporado ao atual futebol de São Caetano do Sul. Sua vida, inteiramente dedicada ao esporte, e repleta de entusiasmo, idealismo e lealdade, o transformou em uma figura obrigatória na história de São Caetano do Sul, como um dos maiores esportistas da cidade e o responsável pelo desenvolvimento do esporte local.

Luiz Mantovani faleceu aos 59 anos de idade, no dia 25 de setembro de 1967. Seus filhos, João e Marino Mantovani, juntamente com as netas Marta Luiza Mantovani, Márcia Regina Mantovani Balbi, Maristela Mantovani e Fernanda Mantovani, continuam levando avante o nome do Patrono dos Esportes, que sempre será perpetuado pelo valoroso trabalho que prestou ao esporte em São Caetano do Sul. **R**

**** Informações prestadas por João Mantovani**

Cristina Ortega é advogada, pedagoga e pesquisadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Reginaldo e seus cuidados
com sua donzela - uma má-
quina modelo Rolleiflex



O RETRATO DE UM FOTÓGRAFO

Reginaldo, também é Antônio - tudo por causa do santo! -, é certamente uma das pratas da casa, aliás prata tem tudo a ver com sua profissão. Fez muitos cliques, é autor de inúmeros retratos ao longo de uma vida e dedicado à fotografia. Mas desta vez ele que é o retratado desta edição de *Raízes*.

Antônio Reginaldo Canhoni nasceu em São Caetano do Sul, em 13 de junho de 1947, filho de Germano Canhoni e de Rosa Galdini Canhoni. Gradou-se em Jornalismo no Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernardo do Campo, em 1982, e formou-se fotógrafo pelo Serviço Nacional da Aprendizagem Comercial (Senac), em São Paulo, em 1975. Trabalha na Fundação Pró-Memória desde 1995. A fotografia é sua paixão. Porém sempre advertiu que nunca se deixou levar por preocupações demasiadas em direcionar toda sua energia na construção da carreira, pois a vida é muito curta para levar isso muito a sério.

Antes de trabalhar com fotografia, teve ocupações bem curiosas. Foi ajudante de açougueiro, aprendiz de ajustador mecânico, vendedor de enciclopédia, atividade em que não obteve muito êxito, não conseguiu vender sequer um único volume. Também foi representante de vendas de pastilhas para revestimento, e, após oito meses gastando muita sola de sapato, conseguiu vender seis metros para uma construtora. Com a comissão, comprou um par de calçados. Trabalhou no departamento de recursos huma-

nos de uma multinacional e de uma pequena empresa. Como fotógrafo, trabalhou em um jornal de bairro do Tatuapé, na capital, em uma revista industrial, na função de assistente de um fotógrafo publicitário e foi sócio em um estúdio fotográfico.

Na Fundação Pró-Memória, Reginaldo está entre os funcionários mais antigos (a instituição foi criada em 1991). Conhece como ninguém as atividades e projetos, é participativo e um colaborador prestimoso. Atualmente já conta com ferramentas de trabalho mais atualizadas (máquinas digitais), mas, na década passada (saudosos tempos), revelava e ampliava suas fotografias em laboratório montado nas dependências da Pró-Memória. Além de ser o responsável pelo registro de todos os eventos e acontecimentos que integram a programação cultural da entidade, Reginaldo é também um notável montador de exposições, atuando nas mostras de arte, na Pinacoteca Municipal, e também nos pro-

O fotógrafo da Fundação Pró-Memória em momento de trabalho, registrando a abertura de uma exposição na Pinacoteca Municipal. Foto de 2011



Creditado: Alberto Tassanini

jetos que envolvem fotografias, em outros espaços expositivos. Consegue dispor as obras com precisão e cuidado invejáveis.

Seu outro amor é o cinema, do qual é um exímio conhecedor. Por volta de 1972, ingressou em um curso livre de cinema no Museu de Arte de São Paulo (MASP), período em que também surgia a mostra de cinema da cidade. Assistiu a muitos filmes no museu paulistano que formaram seu repertório. De 1974 a 1975, fez o curso de cinema na Fundação Álvares Penteado (Faap), em São Paulo, que à época, tinha a direção do cineasta Rodolfo Nanni. Lá, teve como colegas de turma Alex Flemming, poeta, fotógrafo, artista plástico multimídia, e Francisco Conte, cineasta, pesquisador e professor, que participou do movimento Super Oito, na década de 1970. Reginaldo chegou a fazer fotografias de cena para os filmes de Conte. Com ele se reuniu muitas vezes em um bar no centro da capital conhecido pela freguesia boêmia como “Redondo”, para tomar café e discutir o assunto. Gosta de filmes do pós-Segunda Guerra Mundial, do neorealismo italiano, sobretudo dos trabalhos de Roberto Rossellini, como *Roma*, *Cittá Aperta* (*Roma, Cidade Aberta*), e de Luchino Visconti, com *Il Leopardo* (*O Leopardo*). É fã do cineasta japonês Akira Kurosawa, cujos filmes prediletos são *Rash mon* (*Às Portas do Inferno*), *Hacuchi* (*O Idiota*) e *Nora Inu* (*Cão Danado*). Está sempre a lembrar os clássicos de quando existiam as grandes salas que exibiam as películas para um amplo público, cines que ele muito freqüentou. Sabe de cor o elenco e o enredo de cada história fílmica, embora reclame de sua memória quando ela teima em traí-lo.

No dia a dia profissional, a sua memória não se melindra tanto. Reginaldo é sempre consultado quando os colegas da pesquisa iconográfica sofrem em tentar resgatar referências perdidas de algumas fotos do acervo que contam a história da cidade e de seus personagens.

Contudo, seus predicativos não param por aí. Gosta de música brasileira e de navegar, não pela internet, mas pelos mares. Marinheiro do olhar, sempre atento, navega captando o inusitado das cenas. É grande apreciador dos chamados “poetas maldi-



Flagrante da 1ª Caminhada Histórica, evento promovido pela Fundação Pró-Memória em 7 de abril de 2002, registrado em fotografia de Antonio Reginaldo Canhoni

tos”, como Jack Kerouac. Viaja na literatura *beat*, coisa dos tempos de garotão. Reginaldo estudou um pouco de italiano para poder entender a língua de seus antepassados - os dois avós Antonios, Galdini e Cagnoni, vieram da *Bella Itália*. Ultimamente deixou-se levar pela leitura da revista Piauí. Recordar-se dos bons tempos das matérias da revista Realidade, que primava por um excelente fotojornalismo. Muitas das imagens publicadas no periódico marcaram sua memória. Possuía todos os números da revista. Certa vez, doou sua coleção da publicação *O Pasquim* para a instituição onde trabalha.

Saudosista, recorda-se do tempo em que para ser um bom fotógrafo era necessário dominar técnicas, saber explorar os recursos das máquinas, ser tomado pelo espírito do artesão no laboratório fotográfico. Apesar da transformação das máquinas, segundo ele, o ser fotógrafo ainda passa por saber educar o olhar, saber enxergar além das lentes. É ter excelência ao desenhar com a luz. Uma forte referência para Reginaldo é Endre Ern Friedmann, mais conhecido como o fotógrafo de guerras Robert Capa, cuja marca se faz pelo humanismo conferido às cenas que registrou. E cura sua nostalgia, guardando com zelo sua donzela, uma máquina modelo Rolleiflex. Todavia, seu sonho de consumo é uma alemã, toda retrô, do tipo Leika.

Reginaldo, como seus colegas bem sabem, é dotado de uma paciência quase infundável. Sem-

pre sereno e bem-humorado. Não raro faz suas anedotas nas conversas durante o *break* da tarde quando arrebanha os colegas na cozinha para comer as frutinhas que com muito carinho compra e traz para o trabalho.

Sua família, hoje, é sua mãe. Não quis se casar. Muitas vezes bate um arrependimento. Outras, nem tanto. Bons foram os tempos de namorado. Teve namoradas lindíssimas, segundo o que ele conta! Afinal o amor é cego! E cegueira para um fotógrafo é a pior das maldições! Para muitas moças, foi destemido e se declarou. Para outras, tão formosas, a coragem não bastou.

Contido, modesto, se recusa a participar de exposições, à revelia do desejo de seus colegas de métier. Argumenta que suas fotografias já foram - e ainda são - divulgadas durante os vários anos de



Crédito/Antonio Reginaldo Canhoni

atividade na Prefeitura Municipal de São Caetano e na Fundação Pró-Memória. (Mas não desistiremos de ver uma mostra de suas fotos!)

Quanto ao futuro? Pouco importa. Faz suas as palavras do poeta Vinícius de Moraes: "Gostaria de morrer de repente, não mais que de repente, de repente como um clique, e se possível de morte bem natural".



(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

Retratos de antigas construções de São Caetano do Sul, feitas por Reginaldo, em 1996



Crédito/Antonio Reginaldo Canhoni

RINALDO GISSONI: homem da ciência e das artes

Gioconda LABECCA (*)

Rinaldo Gissoni, o fundador da Academia de Letras da Grande São Paulo, nasceu no dia 16 de abril de 1916. Filho do engenheiro e arquiteto Mário Gissoni e de Filomena Gissoni, era formado veterinário, desenhista, projetista, advogado e escritor. Muito se pode dizer deste homem empreendedor que se propôs a trabalhar em prol da Literatura, no aprimoramento e purismo da Língua Portuguesa, demonstrando um grande interesse pela nossa cultura.

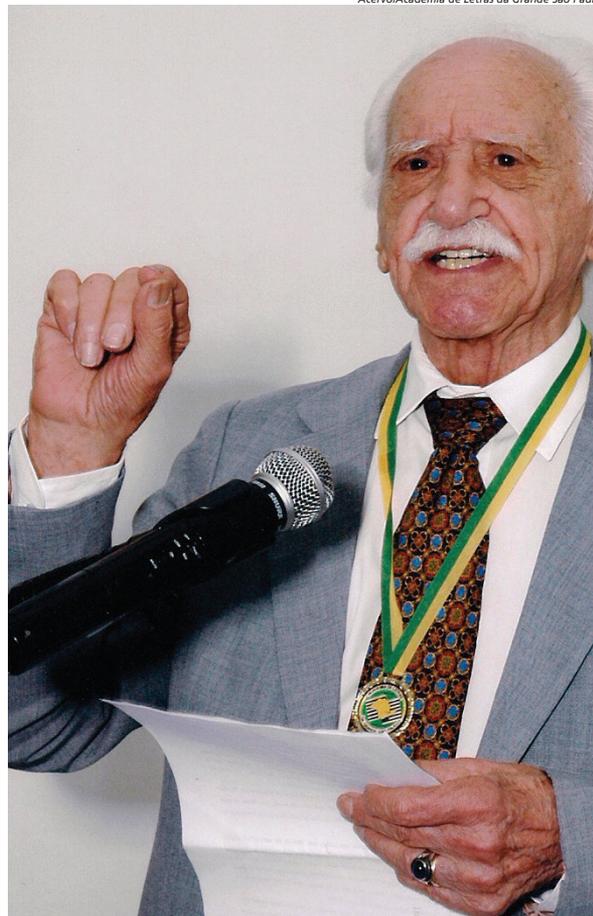
Dentro de um grande ensejo de divulgar nossos intelectuais e dar-lhes espaços para difundirem seus trabalhos, fundou a Academia de Letras da Grande São Paulo, em 1981, em São Bernardo do Campo. Em 1988, foi implantada em São Caetano do Sul, passando a funcionar nas dependências do Teatro Municipal Santos Dumont. Desde 2002, funciona no Complexo Educacional de Ensino Fundamental, localizado na Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255, no Bairro Santa Paula (mesmo prédio onde se localiza a sede da Fundação Pró-Memória).

Poeta de escol, suas poesias são delicadas, sentimentais e românticas. Seus contos agradam ao mais exigente crítico literário, tal a sua vivência e espontaneidade. Em sua carreira na escrita, publicou os livros: *Brunas* (poesia), *Pedestal Inacabado* (romance), *Dimensões Humanas* (contos), *Os Mistérios da Montanha* (contos), *O Enigma Rosângela* (novela), *Irisações Finais* (poesia), *Braços Abertos* (romance), *O Elemento Ram* (romance policial) e *Além das Trevas* (contos). Toda a sua vida foi marcada de grandes avanços na Literatura.

Gissoni teve brilhante atuação como desenhista da Companhia Siderúrgica Nacional, prestou serviços na zona de guerra Nordeste/Este, como chefe de

formações veterinárias, recebendo medalha e diploma pela sua cooperação e serviços brilhantes prestados aos esforços de guerra do Brasil. Trabalhou por muitos anos como chefe de inspeção federal. Ingressou por concurso no Ministério da Agricultura. Deu grande parte da sua vida trabalhando para o Brasil.

Acervo/Academia de Letras da Grande São Paulo



Rinaldo Gissoni em foto de 10 de dezembro de 2010, no lançamento da Revista Tamises 7



Era um homem de bem, esposo exemplar e pai dedicado. Com a esposa Antonietta Puttini viveu por 67 anos. Os cinco filhos Maria Guaraciaba, Maria Guaraciema, Mário Ubirajara, Rinaldo Ubiratan e Celso Irapuan foram educados dentro do esquema rígido da moral. Durante 28 anos, dedicou-se intensamente à Academia de Letras da Grande São Paulo.

No dia 16 de abril de 2010, quando completou 94 anos, foi homenageado pela Academia, que inaugurou um retrato pintado a óleo pelo pintor e acadêmico Mário Del Rey. Rinaldo Gissoni faleceu em 6 de novembro do mesmo ano, deixando um grande vazio na Academia de Letras da Grande São Paulo. **R**

Foto geral dos acadêmicos presentes à homenagem prestada ao fundador da Academia de Letras da Grande São Paulo, o poeta e escritor Rinaldo Gissoni, realizada no dia 16 de abril de 2010. Da esquerda para a direita, sentados: Rinaldo Gissoni, Marina Rolin, Maria Zulema Cébrian e Gioconda Labecca (presidente). Em pé, da esquerda para a direita: Eva Bueno Marques, Mário Porfírio Rodrigues, Cláudio Braco, José Ramos Vitorino, Mário Del Rey, Hildebrando Pafundi, João Bosco dos Santos, Celso de Almeida Cini, José Roberto E. Xavier e Daniel B. Contro

Entrega do quadro ao poeta e escritor Rinaldo Gissoni. Na foto, Mário Del Rey, acadêmico e autor da tela, Gioconda Labecca, presidente da Academia de Letras e Rinaldo Gissoni, vice-presidente e homenageado

Arquivo/Academia de Letras da Grande São Paulo

Parabéns

A Rinaldo Gissoni

Parabéns, Parabéns, envio agora
meu caro amigo, de bom coração...
Pela data que hoje comemora
cheia de luz, prazer, satisfação.

Se eu tivesse comigo voz canora,
cantaria plena de convicção
a alegria toda que me aflora
localizada no meu coração.

Não possuo requintes de linguagem,
nem pompas vãs para enfeitar imagem
destes versos sinceros que lhe fiz...

A Deus, pedi-lhe uma ventura infinda,
constituída nesta data linda:
- Que passe um natalício bem Feliz!

*Poesia feita por Gioconda Labecca por ocasião
do aniversário de 94 anos de Rinaldo Gissoni*

(*) Gioconda Labecca é poeta, escritora e presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo



RINALDO GISSONI

por Eva Bueno Marques

A acadêmica Eva Bueno Marques escreveu o prefácio do livro *Além das Trevas*, último trabalho de Rinaldo Gissoni, lançado em maio de 2010, que reúne uma série de contos de sua autoria.

Luz acesa. Está sempre em vigília a vida literária do consagrado escritor Rinaldo Gissoni, notável poeta, autor de belíssimos sonetos, romancista respeitável, contista de qualidade. Para nosso deleite, nesta oportunidade, ele nos presenteia com mais uma de suas criações que atende ao seu rigor literário: trata-se de *Além das Trevas* que nos traz substanciosos contos.

Através de pormenores notáveis que insere em sua prosa delicada e sutil, Rinaldo Gissoni solta todas as amarras e nos convida a visitar um mundo de realidades inesperadas. Suas tramas atraem o leitor e o convidam sempre a participar da história, ao modo de Pirandello e Machado de Assis, acompanhando, torcendo, opinando e, ao mesmo tempo, buscando as soluções que o desenrolar do conto pode apresentar.

A liberdade e a propriedade com que manipula a arte literária, através de sua viva imaginação que vai tecendo os meandros de seus contos, numa medida absolutamente certa, vão desenhando paisagens profundas do ser humano, tão complexas e imprevisíveis como soe ser a vida em sua plenitude.

O contista coloca paixões e intrigas em cada situação e consegue tal autenticidade em seus textos que estamos certos de tê-los visto em plenitude em nossa vida cotidiana. Traz ao nosso alcance as pequenas felicidades, as grandes tragédias, as decepções permanentes, as conquistas ideais e as dúvidas constantes, de forma que se entranhem perfeitamente em nossa mente e são assimiladas por compreensão.

Nestes contos primorosos, o vocabulário é abrangente, o jogo de palavras é apropriado, as imagens são elaboradas com justo critério e os desfechos nos conduzem à dimensão da moral e dos bons costumes, tão distante dos hábitos ho-

diernos em que a liberdade humana é confundida com a liberalidade e libertinagem.

Criatura humana exemplar, vida transparente, lisura nas atitudes e retidão no caráter, o autor transparece nas soluções de seus contos. Comprovamos isso quando ele imprime sua marca no que escreve, dando mostras de sua boa índole. Observem o trecho do conto *O Manto Azul*: "...os atos bons são recompensados pela benevolência divina... sejamos bons e pacientes, mostremos o nosso ângulo claro e não o ângulo obscuro, quer dizer a característica da sinceridade e não as linhas sinuosas da falsidade de Judas Iscariotes".

Do conto *O Galo Presunçoso*, colhemos: "A ferrugem corrói a matéria, mas a mentira corrói a consciência". No conto *Homenagem post mortem*, o autor filosofa sobre a memória do tempo: "O tempo, no correr dos dias, tudo oculta e tudo revela. Ah! O tempo! Às vezes é um repositório de segredos, qual confessor renitente e fiel; às vezes, nem bem registra e já se faz em guardião inconfiável, execrável, intrigante".

Versos poéticos enfeitam o conto *Um Crime (Quase) Perfeito*: "És um amor, um sonho, uma doçura...Se eu fosse rei daria, por um beijo, meu reino, meus tesouros. Oh, ventura!". Ainda com poesia, a serenidade no conto *Chuva e Trevas na Serra do Manacá* nos traz outra de suas marcas: "Em tudo, agora, havia paz: na terra molhada, nas folhagens quietas, no canto das aves saudando a bonança. Amanhecia".

Assim é todo o livro de Rinaldo Gissoni; em cada um de seus contos, os exatos pontos: a singeleza das imagens, a riqueza de cada pormenor, revelando-nos a certeza de que sua pena continuará firme em seu punho certo, para nossa alegria e, principalmente, confirmando o que o autor nos diz na introdução de sua obra: "Não escrevo para mim. Escrevo para os meus concidadãos de todas as idades. E quanto mais penso neles, mais cresce em mim o desejo de ser honesto de espírito, de consciência e de coração". Este pensamento é verdadeiramente um clarão que ilumina. E, por isso, entendemos que, para Rinaldo Gissoni, são muito apropriados os versos de Osmar Barbosa: "Como é bom deixar a luz acesa, para as que Vêm das trevas da incerteza".

Eva Bueno Marques
Academia de Letras da Grande São Paulo

Anúncio publicado pela cerzideira Maria Garcia em várias edições do Jornal de São Caetano na década de 1950



MARIA GARCIA: a história de uma cerzideira

Leonilda VERTICCHIO (*)

*“SE TODOS OS PEQUENOS
PEDAÇOS DE LINHA E DE FIOS
QUE PASSAM PELOS SEUS
DEDOS FOSSEM EMENDADOS,
POR CERTO DARIAM A VOLTA
NO PLANETA TERRA...”*

*“HOVE UM TEMPO, NO
PASSADO, QUE NÃO EXISTIAM
CALÇAS JEANS.”*

Houve um tempo em que São Caetano do Sul tinha menos habitantes, porém, as famílias tinham muitos filhos, e eram formadas por outros parentes vindos do interior, como avós, tios e primos. Pequena e simples, a cidade era muito alegre, muito festeira, muito unida. Todos os moradores se conheciam e se encontravam nas missas da Igreja Matriz Sagrada Família ou da Igreja São Caetano, nos bailes dos clubes São Caetano, Monte Alegre e do Guarani. Havia ainda os cinemas, as quermesses, os circos e parquinhos, que se revezavam o ano todo. Ninguém precisava sair da cidade para se divertir.

Entre os jovens, por estarem sempre juntos, surgiam muitos namoros e, com certeza, centenas



A família de Maria Garcia: da esquerda para a direita, a irmã Adoración, o esposo José Berenguel, o irmão José, Maria Garcia e a irmã Catalina. Sentada, a matriarca Genessa com a primeira neta Emilia no colo. Foto de março de 1926

de casamentos. Todos com muita festa, nas grandes casas da noiva ou do noivo. Muitos se casavam porque os rapazes solteiros corriam o risco de ir para a guerra (Segunda Guerra Mundial). Nestas festas, era exigido para os homens, de qualquer idade, o traje completo: calça, paletó, camisa social e gravata. Não

era adequado que rapazes fossem a festas familiares, como casamentos, batizados e aniversários, sem a vestimenta. O paletó podia até ser de cor diferente da calça, mas camisa e gravata eram obrigatórias, até mesmo para a entrada nos cinemas.

Eu me lembro que, no início da década de 1940, mesmo com os pais trabalhando, a situação econômica era instável e os filhos tinham de ajudar no sustento da casa. Muitos meninos engraxavam sapatos nas ruas e as meninas ocupavam-se em casas de família. Os homens da casa dificilmente compravam um terno ou duas calças por ano. As roupas masculinas ainda eram feitas por costureiras, que utilizavam tecidos mais grossos como o brim, mais adequado para as roupas de trabalho. Os ternos e calças sociais eram confeccionados em casimira, um tecido que mistura lã e sarja.

Nesta época, apesar da guerra e do racionamento de alimentos, a vida social não sofreu alterações na cidade. Casamentos, batizados e noivados aconteciam com frequência. As moças e senhoras estavam sempre na moda, elegantes e bem vestidas, com os cabelos copiados de filmes norte-americanos. Já com os homens era diferente. Como utilizavam constantemente seus ternos e calças sociais, o surgimento de cortes, desfiados, rasgos e descosturas era comum. De tanto serem passados a ferro, os vincos das calças partiam nos joelhos. Nas camisas, as mangas desgastavam-se e os cotovelos puíam.

Nestas ocasiões, todos procuravam por Maria Garcia, dona de mãos hábeis e olhos atentos, que salvavam a aparência dos senhores e rapazes. Ela havia escolhido a arte mais difícil e delicada da costura. Era cerzideira. Cerzir é uma costura feita à mão, em que, para fechar um rasgo, é tirado um fio da própria peça a ser consertada. O fio fica invisível e na roupa não se percebe nada. O trabalho é perfeito.

Certamente o que mais Maria Garcia recebia pra cerzir deviam ser as calças, pois era tempo de muitos cachorrinhos circulando nas ruas. Isso sem contar as “corridas” que os pais das moças davam nos moços pelas janelas. As casas quase não tinham muros, mas cercas de plantas, que enroscavam nas mangas dos paletós e nas barras das calças. Talvez



Arquivo família Berenguel

Quatro gerações da família da cerzideira, em foto de 1999: da esquerda para a direita, a neta Marisa, a filha Emília e Maria Garcia. No chão, a bisneta Cintia com a tataraneta Isabella

por ter cerzido tantas barras e pernas de calças rasgadas, o anúncio da cerzideira mostrava um cãozinho mordendo a calça de um rapaz.

Mas as roupas femininas também recebiam o cuidado e o capricho da profissional. O difícil era cerzir as meias de seda com o fio corrido. Mas Maria as salvava, pois seu uso era quase que obrigatório para moças e senhoras.

Maria Garcia nasceu na Espanha, no dia 6 de setembro de 1904, na bela e importante cidade de Murcia. Perdeu o pai quando tinha apenas sete anos e já nessa idade começou a ajudar a mãe no sustento da casa. Com a responsabilidade de criar quatro meninas e um menino, a matriarca, Genessa, deixou sua terra e partiu rumo ao Brasil, um mundo novo e desconhecido para a família.

Com a mãe vieram as filhas Catalina, Maria (então com 17 anos), Adoración e o filho José. A primeira filha, Ana Maria, ficara na Espanha, pois já estava casada com Juan Pedro. Quando chegaram a São Paulo, Genessa e os filhos foram levados para um núcleo de trabalhadores na terra, chamado Sarutaya, localizado em Piraju, interior de São Paulo. No local, além das esperanças quase perdidas, a desilusão quanto ao trabalho na roça, muito pesado e difícil, causava a Genessa uma saudade muito dolorida.

Em Piraju, Maria casou-se com José Berenguel, imigrante espanhol. Já casados vieram para São Caetano do Sul, morar com a mãe de José, Emília Berenguel. Mas, depois de certo tempo, voltaram para o interior de São Paulo. Os primeiros filhos do

casal, Emília, Genessa, Veríssimo, Noêmia e Adoración, nasceram em Piraju. Antonio, o filho mais novo, nasceu no Bairro da Mooca, na capital. A filha Genessa faleceu aos 12 anos.

Mas logo o casal e os cinco filhos voltaram para São Caetano e passaram a morar em uma casa na Rua Prudente de Moraes. Maria cuidava dos filhos e começou a fazer serviços de cerzideira. Com o tempo, seu trabalho se tornou conhecido, necessário e perfeito. Por muitos anos suas mãos tiraram fios das próprias peças que costurava, consertaram tantas centenas de rasgos, cortes, e tecidos esgarçados, que, se fossem somados, dariam com certeza uma volta no planeta, talvez até mais de uma.

Na cidade, Maria e José viram os filhos crescerem, estudarem e casarem, morando sempre na mesma rua, na mesma casa. No ano de 1953, uma notícia veio para alegrar uma saudade de 32 anos. Sua irmã Ana Maria, o cunhado Juan Pedro, acompanhados de filhos e netos, vieram para São Caetano. Uma felicidade imensa para toda a família, em um belo reencontro.

Emília, filha de Maria, casou-se com Domingos. O filho Veríssimo com Dirce, Adoración com Sétimo, Noêmia com João, e Antonio com Odila. Essas uniões formaram uma grande família. Hoje são 13 netos, 19 bisnetos e 11 tataranetos. E, certamente, a herança familiar deixada pela cerzideira Maria e seu esposo José continuará bela, forte e corajosa, como eles.

Depois de muitos anos, a casa da Rua Prudente de Moraes ficou sem sua dona. No dia 16 de outubro de 1999, Maria Garcia faleceu, porém deixou com a família e com todas as pessoas que a conheceram, sua presença alegre, carinhosa, bondosa e amiga. Presença e lembrança inesquecíveis. **R**

****Depoimento do casal Antonio e Odila Berenguel e de Emília Berenguel Pugliese**

(*)Leonilda Verticchio é memorialista

João Suzuki, *MAGIA* n°3, 1991,
técnica mista sobre papel

Acervo/Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul

JOÃO SUZUKI: delicadeza e intensidade nipo-brasileira

Neusa Schilaro SCALÉA (*)

Acervo/ Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



João Suzuki na vernissage da mostra *Diálogos: O Artista e sua obra, o artista e seu tempo*, na Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul, em 18 de novembro de 2002

ESTAS CRÔNICAS TÊM POR FINALIDADE COMENTAR E DIVULGAR O ACERVO DA PINACOTECA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (MANTIDA PELA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL), ENFOCANDO ARTISTAS QUE TÊM SUAS OBRAS PRESERVADAS E CATALOGADAS NO ACERVO DA INSTITUIÇÃO, QUE, EMBORA NÃO SE DESTAQUE PELO GRANDE NÚMERO DE TRABALHOS, É NOTÁVEL POR CONTAR COM IMPORTANTES EXEMPLARES DA PRODUÇÃO DE ARTISTAS BRASILEIROS, A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO 20.

Precioso acervo contemporâneo: a Pinacoteca de São Caetano do Sul

Massao Ohno, o principal editor de gigantes da poesia brasileira, como Hilda Hilst e Roberto Piva, por volta da década de 1950, desejava produzir bons livros e dar visibilidade a jovens autores, corajosos e repletos de novas ideias. Ansiava abrir caminhos para representantes de uma vanguarda, atrevida como todas e bonita como poucas. A editora Massao Ohno, instalada em uma pequena oficina na Rua Vergueiro, no Bairro da Liberdade, pretendia editar “jovens poetas, dramaturgos e contistas”, por meio de um projeto gráfico inédito. Incorporou a seus livros trabalhos de Millôr, Jaguar, Arcângelo Ianelli, Aldemir Martins, Manabu Mabe e João Suzuki, dentre outros artistas, em capas ou ilustrações, promovendo intenso diálogo entre a Literatura e as Artes Visuais.

Posso lembrar que, nos idos gloriosos dos anos de 1960, a capa de um livro, espantosa pela beleza e elegância, tomou-me completamente os sentidos. O título, *Antologia dos Novíssimos*, era uma empreitada de Ohno. Trazia, entre os versos de Claudio Willer, Álvaro Alves de Faria, Carlos Felipe Moisés, Eduardo Alves da Costa e Eunice Arruda, uma poesia que sequer eu podia compreender muito bem. Mas aquela capa jamais me deixaria em paz com outras publicações que apareceram naquele meu mundo, então acanhado, de ávida leitora. Ainda hoje, este livro ocupa um lugar especial nas prateleiras de minha biblioteca. A editora não se manteve por muito tempo - época deveras complexa - mas deixou o exemplo da busca e do arrojo de um grupo de intelectuais paulistanos, do qual fazia parte um grande artista, o próprio autor da capa que tanto me encantou. E é justamente quem pretendemos homenagear neste artigo: o saudoso João Suzuki.

Suzuki nasceu no dia 9 de fevereiro de 1935, na fazenda São Joaquim, em Mirandópolis, interior do Estado de São Paulo, onde se formou a colônia de japoneses conhecida como Núcleo Aliança. Seus pais, os imigrantes Shiguero e Kasaku Suzuki, eram origi-

nários da província de Yamanashi, e desembarcaram no porto de Santos no final de 1934, com o filho Paulo. Quando chegou ao Brasil, Shiguero estava grávida. João nasceu poucos meses depois. Posteriormente, nasceram mais seis filhos, dos quais apenas quatro sobreviveram: Tereza, Raul, Darcy e Dirce. Kasaku veio ao Brasil na condição de agricultor, para atender às exigências do governo brasileiro, contudo, era contador de formação. Naqueles primeiros anos, todos da família trabalhavam, plantando e colhendo os frutos da nova terra adotada. Habilidade construtor, o pai de João Suzuki foi atraído pelas obras rodoviárias da região, participando da construção de uma ponte na cidade de Pereira Barreto. Os Suzukis conheceram de perto o preconceito contra nipônicos, em virtude da Segunda Guerra Mundial. Então, pensando no futuro dos filhos, em maiores possibilidades de estudo, mudaram-se para a capital paulista, em 1946. João passou a frequentar a Escola Taisho (hoje, onde se situam o Bunkyo, ou, Associação Brasileira de Cultura Japonesa, e o Museu Histórico da Imigração Japonesa), na Rua São Joaquim, no Bairro da Liberdade. Em 1951, a família transferiu-se para Santo André. João Suzuki já chamava a atenção de seus mestres pela qualidade de seus desenhos, e aconselhado por eles, em 1952, ingressou no curso de desenho e pintura do professor João Rossi, na Associação Paulista de Belas Artes, em São Paulo. Descobriu-se aí sua verdadeira vocação, as Artes Plásticas. Chegou a frequentar, na Fundação Armando Álvares Penteado, o curso de gravura, ministrado por Trindade Leal.

Suas aptidões logo ganharam destaque, e, em 1953, já frequentava o grupo Seibi-Kai (Associação dos Artistas Plásticos da Colônia Japonesa), onde encontrou outros artistas de origem nipônica. Lá, Suzuki estabeleceu amizade com artistas que vieram ao Brasil no pós-guerra, alguns já com extensa bagagem artística internacional, como Yoshiya Takaoka e Kichi-zaemon Takahashi. Já havia recebido prêmios e participado de vários salões de arte e da VI Bienal Internacional de São Paulo, quando, em 1960, casou-se com Thika Ota. Daí em diante, sua rotina passou a ser de muito trabalho, exposições e, principalmente, muitas pesquisas, em crescente desenvolvimento profissional.

No texto de apresentação do catálogo de uma mostra individual de Suzuki, realizada na Associação Cristã de Moços de São Paulo, em maio de 1961, Lourival Gomes Machado nos apresenta o artista: “É seu lugar ao sol, nos vastos territórios da Arte, que João K. Suzuki pleiteia com esta exposição. E já o merece só por apresentar-se assim, franca e sinceramente, como simples candidato num meio e num tempo em que tantos, já nos primeiros passos, querem inculcar-se como geniozinhos prontos e acabados, isto é, fora do alcance de qualquer julgamento. Muito mais, porém, pode-se alegar em favor de sua pretensão, como mostram seus trabalhos num amplo registro de seu aprendizado, quase inteiramente autodidata, de sua luta solitária pela conquista de valores universais, sem renúncia das próprias convicções.”

No texto publicado na revista *Visão*, de 24 de abril de 1979, sobre uma mostra realizada na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, Alberto Beutenmuller adverte sobre a potencialidade poética do artista: “Suzuki não faz mais telas como todo mundo. Cria seus projetos ocupando todo espaço de uma nova tela - o espaço ovóide. Seu traço tornou-se exuberante, excessivamente angustiante, criando figuras quase realistas que se misturam a um cipoal de pinceladas gestuais e satânicas, lembrando-nos dos sempre citados Bosch, Brueghel, ou de William Blake e de Lautreamont, em seus famosos *Contos de Maldoror*. Suzuki está no auge de sua força sensível, conseguindo ordenar – caoticamente - elementos da nova figuração, signos orientais, abstrações informais e cenas da ficção científica.”

Acervo/Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul

João Suzuki,
CORI/REDE/
IRA/COBRAN/
ÇA, 2002, óleo
sobre madeira



No trecho do comentário de J.B.D’Horta, para o *Jornal da Tarde*, publicado em 1º de outubro de 1968, fala-se sobre o artista nipo-brasileiro: “Sempre que Suzuki se permite mergulhar num universo puramente abstrato, alcança resultados verdadeiramente impressionantes: momentos de grande beleza e intensa força dramática.” Em setembro de 1969, João sofreu um duro golpe. Homem sensível e correto, foi vítima de injustiças ao ser acusado de participar de um grupo de ativistas contrários ao governo militar. Foi preso por policiais do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) na frente de sua casa, na presença de seu filho, Márcio, ainda criança. Sofreu agressões físicas e psicológicas e tais injustiças deixaram marcas nada fáceis de se apagar. Esse episódio fez com que o artista se tornasse uma pessoa reclusa e melancólica, distante das exposições e das atividades artísticas. Depois de um período de recolhimento, a família e os amigos verdadeiros o estimularam a voltar a produzir.

Cyro Del Nero escreveu no catálogo da exposição *Cotidiano/Arte: O Consumo*, realizada no Instituto Cultural Itaú, em São Paulo, em 1999: “Por intermédio dos desfiles de moda dos anos 60, no auditório de desfiles da Rhodia – Indústria Química e Têxtil, toda uma geração aprendeu técnicas e critérios de ser e vender: a surpresa que foi, para os artistas plásticos, a procura de seus desenhos para serem utilizados em estamparia e, depois, transformados em tecidos para vestidos, era inédita na história das artes plásticas no Brasil, quando até então a venda não era para o consumo público, mas para as espessas paredes dos museus ou colecionadores. Assim, Aldemir Martins, Milton Da Costa, Antônio Bandeira, Djanira (...), Suzuki (...) tiveram seus desenhos e pinturas a serviço de uma transformação social do consumo de moda.”

Sobre seu trabalho, Suzuki falou em entrevista ao *Diário do Grande ABC*, em 1986: “Na verdade, a obra realizada dentro de um quadrado, de



João Suzuki,
Menino dentro
de mim que não
quer ver a pomba
morta, 1966,
técnica mista

um retângulo, estava me incomodando. Cheguei à forma ovalada naturalmente. Através da madeira, creio. Muitos pedaços que recolhi tinham essa forma. Gostei dela, pois eliminou os enquadramentos, os ângulos de 90 graus. Com os ovóides passei a fazer uma obra como se eu estivesse vendo as coisas de frente e não através de uma janela.”

Em um momento histórico, em que uma ditadura militar tomou o poder e indiscriminadamente passou a censurar a criatividade de muitos artistas, quando o centro das atenções eram as capitais, as cidades do ABC, na periferia de São Paulo, premiaram e expuseram obras com grande liberdade estética e social. Atraindo, assim, nomes com ampla liberdade estética e com muita vontade de expressão, sem a ameaça contundente de patrulhamento. E, por isso, formou-se um valioso acervo de obras vindas de ateliês bastante importantes. Os salões de arte contemporânea realizados em São Caetano do Sul, nas décadas de 1960 e 1970, ofereciam prêmios adequados, espaço expositivo simples, mas de grande repercussão, principalmente entre os estudantes e demais jovens inquietos por novas perspectivas nas artes.

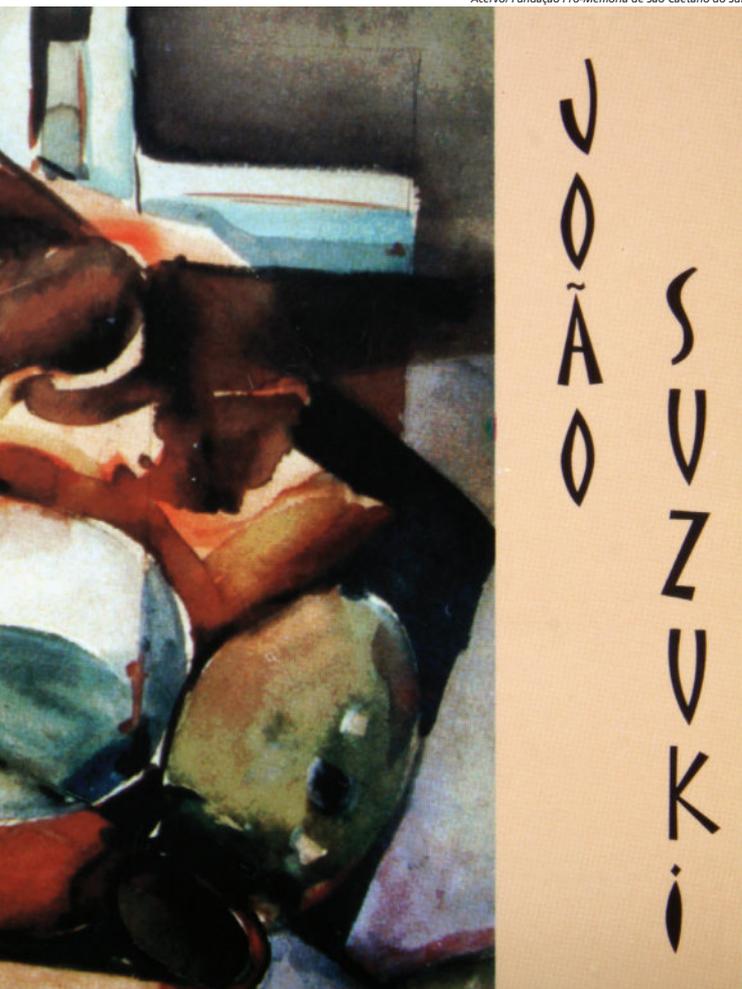
O trabalho de João Suzuki ingressou no acervo da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul em decorrência, não só de sua presença no ABC (tinha ateliê e residência estabelecidos em Santo André) ou do seu engajamento aos esforços para trazer grandes nomes para o público apreciador de arte da região, colaborando com os esforços de nomes como Milton Andrade e José Armando Pereira da Silva, mas também pela universalidade de seu trabalho, da qualidade de sua fatura, da postura respeitosa e da alma desprovida de orgulho ou empáfia.

A obra *Menino dentro de mim que não quer ver a pomba morta*, de 1966, deu a Suzuki o prêmio de segundo lugar na categoria de arte gráfica no 1º Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul, em 1967. Em 2003, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, dentro do Projeto Diálogos, realizou uma grande exposição apresentando trabalhos do início da carreira dos artistas participantes destes salões e sua produção atual. Na ocasião, o acervo da Pinacoteca Municipal foi enriquecido com



Acervo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul





Convite da exposição *Diálogos: O Artista e sua obra, o artista e seu tempo*, promovida pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. A obra de Suzuki reproduzida é *Composição*, de 1956

Público a prestigiar o trabalho de Suzuki na vernissage da exposição *Diálogos: O Artista e sua obra, o artista e seu tempo*, na Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul, em 18 de novembro de 2002

duas produções recentes, generosamente doadas por João Suzuki, *Magia N°3*, de 1991, e *COR/REDE/IRA/COBRANÇA*, de 2002. Como ocorria sempre dentro do projeto, uma equipe da instituição visitou o ateliê do artista, para uma entrevista. Referências e fotos de Suzuki passaram a fazer parte do acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória.

Em 2007, foi lançado, pela editora santo-andreense Alpharrabio, o livro *João Suzuki: a travessia do sonho*, organizado por José Armando Pereira da Silva e com a apresentação de Enock Sacramento. O trabalho, de inestimável valor – e de onde colhemos os trechos dos textos aqui reproduzidos – é uma antologia na qual os leitores interessados podem acompanhar a trajetória artística e de vida de João Suzuki, artista que dominava diferentes técnicas e materiais, sempre com delicadeza e intensidade. Em 2008, João Suzuki compareceu pessoalmente à abertura da mostra comemorativa do aniversário da imigração japonesa, 10 Artistas Nipo-Brasileiros, no SESC São Caetano.

Infelizmente, em 7 de outubro de 2010, o artista, acometido por um enfarto, faleceu. Mas, certamente, deixou como legado não só seus trabalhos, como também um grande exemplo de vida dedicada à arte. Ficam aí, para ativar as cores do onírico e da nostalgia, alguns versos do *Poema à paisagem de Suzuki*, de Álvaro Alves de Faria, publicado no *João Suzuki: a travessia do sonho*:

É feita de lápis afiada ponta
 Cortando o que há de sombra,
 a paisagem mais nítida
 do que caminho e se encerra
 e transforma o instante em palavra
 e não esquece de tecer o já tecido semblante.
 (...) A palavra mais branca,
 do pássaro e da raiz,
 açúcar do que resta da lágrima,
 vai além, o traço (...).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 3 Gerações de artistas nipo-brasileiros. Apresentação de Walter Zanini. São Paulo: Galeria Arte Global, 1978.
 CAVALCANTI, Carlos; AYALA, Walmir (Org.). *Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos*. Apresentação de Maria Alice Barroso. Brasília: MEC/INL, 1973-1980
 JOÃO Suzuki: *desenho e pintura*. Apresentação de Enock Sacramento. São Bernardo do Campo: Teatro Caclida Becker, 1986.
 PONTUAL, Roberto. *Dicionário das Artes Plásticas no Brasil*. Apresentação de Antônio Houaiss. Textos de Mário Barata Et Al. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
 LOURENÇO Ciza França; BELLUZZO Ana M. In: Projeto releitura. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1983.
 SILVA, Armando Pereira da; SACRAMENTO, Enock. *João Suzuki – Travessia do Sonho*. Santo André, SP: Edições Alpharrabio, 2007.

(*) *Neusa Schilaro Scaléa* é fotógrafa formada pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e museóloga especializada em museus de arte

Josefina e Luiza Marchesan, em foto do final da década de 1910

Arquivo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Esta foto de 1910 nos remete à primeira fase da moda no Brasil, produzida por meio de livretos franceses. Foi o costureiro Paul Poiret (1879-1944) quem precursoramente "liberta" a figura feminina do espartilho, mas Coco Chanel (1883-1971) levou a fama. No período da Primeira Guerra Mundial, a mulher assume um novo papel, para isso precisa de roupas mais práticas. As saias começam a ser cortadas e aparece um novo comprimento, até a canela. Desenvolveu-se uma linha de vestuário fortemente inspirada em uniformes. Como vemos na imagem, os vestidos possuem linhas retas e os detalhes lembram flâmulas militares. Em 1916, Chanel cria os primeiros vestidos em jêrsei, considerado até então tecido para roupas de baixo. Com o fim da guerra, os tempos ficam mais leves, e o divertimento passa a dar o tom.



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Essa fotografia nos mostra como o vestuário nos anos 40 foi muito afetado pelo racionamento de matéria-prima devido a Segunda Guerra Mundial. Não havia tecidos extras disponíveis, então as saias eram retas ou com pregas finas e as blusas sem babados ou acabamentos extras. As roupas tinham uma silhueta mais natural, pois não havia material suficiente para sustentar silhuetas incrementadas. Ainda como pode ser observado nesta fotografia, a simplicidade no vestir sugeriu penteados criativos, apesar da existência de poucos salões de beleza na época, simbolizando um aspecto importante na transformação da moda. Muitas mulheres tinham os cabelos até os ombros, penteados com uma grande quantidade de ondas e presos com grampos.

Grupo de moças do Bairro Fundação, em foto de 1946. Da esquerda para a direita: Lucilla e Odete Cavassani, Cristina e Rosinha Perrella, Eda, Odília e Neide Cavassani, Brasilina Barile, Heloiza e Ivone Cavassani

Suzeti Rocha é professora de moda, pós-graduada em História da Arte e especialista em História da Moda



Arquivo Fundação Prefeitura de São Caetano do Sul

Brincadeira de crianças com móveis e bonecas na casa de Sumie Toyoda, localizada na Rua Amazonas, nº 720. Da esquerda para a direita: Marta de Souza, (?), Sumie Toyoda, Ruth de Souza, Davi de Souza e Daniel de Souza (sentado)

O COTIDIANO DAS CRIANÇAS EM SÃO CAETANO NO INÍCIO DO SÉCULO 20

Eliane MIMESSE ()*

Esse estudo traz contribuições para a construção de uma história do cotidiano das crianças. Foram focados os pequenos moradores que viveram na colônia italiana de São Caetano do Sul, nos anos iniciais do século 20. As famílias de imigrantes que se deslocaram para o Brasil vieram normalmente acompanhadas de seus filhos. São raros os documentos que tratam da chegada de imigrantes desacompanhados. Essa atitude decorre do convívio pleno das crianças com as mais diversas situações vivenciadas por seus pais. Felizmente, muitas delas adaptaram-se às novas condições de vida, e puderam trazer, por seus depoimentos, lembranças inesquecíveis de suas infâncias, a fim de contribuir com o resgate e a preservação da memória histórica.

O debate teórico existente sobre qual seria o tempo de permanência da infância nos conduz a grandes variáveis, de acordo com o desenvolvimento e as mudanças sociais. De modo que, desde tem-

pos imemoriáveis, foram amplas as discussões no meio acadêmico sobre quando seria o término deste período da vida. Assim, as opiniões concordam em convergir para a idade dos sete anos como marco da infância. Essa era a idade da razão, a mesma em que ocorria o ingresso legal na escolarização institucionalizada, e o momento no qual surgiam os primeiros indícios concretos de mudanças biológicas, aqui marcadas pelas alterações na arcada dentária.

A época da maioridade, instituída imediatamente após a infância, foi estabelecida como que em consenso pelos estudiosos, entre os 12 e os 14 anos. De acordo com Leite (2006) deve-se cuidar quando se tratam destes termos, por a infância não ser uma fase biológica da vida, mas simplesmente um conceito construído cultural e historicamente. Portanto, o termo criança remete ao século 19, como nos informou Leite (2006, p.20), e era usado como "uma derivação das que eram criadas pelos que lhes deram origem.

Era o que se chamavam crias da casa, de responsabilidade – nem sempre assumida inteira ou parcialmente – da família consanguínea ou da vizinhança”. O cuidado dispensado às crianças seguia outros padrões e valores, diametralmente opostos às crenças existentes na atualidade, salvo raríssimas exceções, para nosso pesar.

Os depoimentos transcritos das entrevistas e as lembranças desses sujeitos sobre períodos de suas infâncias remetem-nos a identificar qual seria o espaço de tempo que se iniciaram suas recordações. Assim sendo, as crianças focadas nesse estudo são as que não eram mais dependentes dos adultos. Elas tinham idade suficiente para desempenhar pequenas tarefas domésticas, alguns trabalhos mais simples na agricultura, e ir à escola. Todas essas ações sem a presença de uma pessoa adulta.

Dentre os acontecimentos cotidianos, pode-se referenciar o convívio com as decorrências da mortalidade; a questão da contratação das amas-de-leite, no caso das mães que perderam seus filhos no período da amamentação; o trabalho doméstico das crianças para ocupar o lugar de um irmão mais velho que faleceu; e a propagação das moléstias que transcorriam na baixa frequência às escolas. Entretanto, mesmo assim, ainda existia a possibilidade de as crianças se divertirem, brincando com os amigos em frente de suas casas.

As crianças conviviam com as doenças e a mortalidade, não era raro que tivessem perdido um ou mais irmãos no nascimento, ou antes desses completarem um ano de idade. Existia uma política de saneamento implantada no Estado de São Paulo, com o objetivo de evitar a propagação da malária e da varíola (As primeiras campanhas de saúde pública datam do final do século 19). Muitas das crianças morriam e os pais nem sabiam qual era o motivo real, pois nessa época não havia médicos residentes na localidade de São Caetano. Em alguns dos depoimentos analisados, verificou-se que as causas das mortes eram as mais diversas. Temos como exemplo o acontecido com o irmão mais velho de Joana Fiorotti Zanini, que morreu depois de levar um golpe de um burro na cabeça. Nesse mesmo depoimento, ela relata ainda que outro irmão faleceu com sarampo, uma semana após a chegada da família ao país.

Encontraram-se vários relatos descrevendo que todas as famílias eram numerosas. Nesse sentido, a inexistência da assistência médica institucionalizada em São Caetano contribuía para o aumento das taxas de mortalidade e de moléstias. Algumas pessoas assumiram as funções de benzedoiras e parteiras. Essas últimas eram senhoras que ajudavam as mulheres durante o nascimento do bebê, e faziam o possível para que a mãe e a criança sobrevivessem.

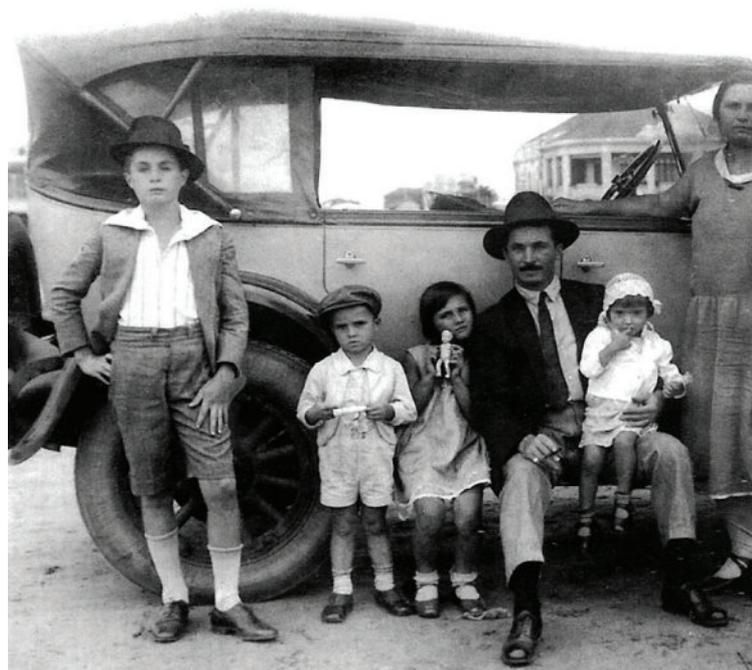


Crianças não identificadas posam para foto junto de caprinos em frente de uma residência da Rua Engenheiro Rebouças, antiga Rua Paraguaia

Em São Caetano, na época estudada, não havia nenhuma parteira. As mulheres grávidas com condições de saúde para se locomover tinham de atravessar o Rio Tamanduateí, em São Paulo, ou a parteira era chamada e trazida de charrete para fazer o parto. Conforme Joana Fiorotti Zanini, sua mãe “foi à casa da parteira, que tinha um quarto de propósito para as mulheres conhecidas”.

A morte prematura de filhos recém-nascidos possibilitava que essas mães assumissem um novo tipo de trabalho, considerado relevante para a sociedade da época, o de amas-de-leite. Essa prática de amamentar os filhos dos mais abastados existia no Brasil desde os primeiros tempos da colonização portuguesa. Havia críticas a esta postura feminina da elite, mas as italianas eram consideradas saudáveis a tal ponto de poderem assumir o mesmo posto da mãe no quesito da amamentação. Joana Fiorotti Zanini relatou que sua mãe foi ama-de-leite quando perdeu um de seus filhos. “Não sei se ele nasceu morto ou se ele morreu logo depois que nasceu. Sei que ela tinha muito leite. E naquele tempo os ricos não amamentavam os filhos, tinha uma ama em casa”.

A grande luta instituída por médicos e outros especialistas quanto ao uso das amas-de-leite decorria de que algumas mães optavam pelo salário que receberiam pelo trabalho, e deixavam de amamentar seus próprios filhos. Tal fato incorria na subnutrição e contribuía com o aumento das taxas de mortalidade infantil. Mas isso fazia parte do cotidiano e era aceito como algo corriqueiro, dentro dos padrões de comportamento aceitos e seguidos por todos. Com esse alto índice, não existia uma preocupação ampla por parte das famílias com o imediato registro oficial dos nascimentos. As crianças eram batizadas na igreja, em São Caetano, e quando o pai da família tivesse tempo disponível se deslocava até o Tabelionato, que se localizava em São Paulo, para registrá-las. Essa ação poderia ocorrer no mês seguinte ou tempos após o nascimento.



Acervo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Professora Maria José Morato e alunos da Primeira Escola Mista de São Caetano do Sul posam para foto, no largo do início da Rua Mariano Pamplona, no Bairro Fundação, em 1916

Acervo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Crianças da família Morelato reunidas com os pais e a outro parente junto ao carro. Sentado, de chapéu, Eugênio Primo Morelato, o menino, à esquerda, é Antonio Marino Morelato, à direita está a esposa Regina Paziani Morelato

No entanto, os nomes das crianças batizadas, e conseqüentemente registradas no Livro de Batismos da Igreja São Caetano, nem sempre eram os mesmos pelos quais haviam sido registradas no Tabelionato de Registro Civil. Isto foi o que ocorreu com Verino Segundo Ferrari, que somente soube que seu nome era Verino quando solicitou sua certidão de nascimento para o alistamento militar. Nesse caso, o tempo entre seu nascimento e seu registro no órgão oficial foi quase que imediato, mas o nome da criança registrada no Tabelionato era diferente do nome do registro de batismo constante na igreja. O uso do nome Segundo indicava que existiu outra pessoa na família com esse nome, nesse caso um tio. Desse modo, Verino era o segundo de uma mesma família a adotar esse nome.

Esse assunto evoca, também, a reflexão sobre a inabilidade dos funcionários dos tabelionatos na época. Grande parcela dos equívocos nas grafias com relação a nomes e sobrenomes de estrangeiros era pela má compreensão da pronúncia desses imigrantes. Destarte, os funcionários dos órgãos de registro civil não sabiam como escrever corretamente, sendo que, muitas vezes, pela dificuldade do idioma, eles acabavam por registrar o que consideravam estar correto, ou mesmo com uma ordenação equivocada, registravam o sobrenome como se fosse nome, e vice-versa.



Crianças trabalhadoras junto aos operários da olaria de Benedito Moretti, em São Caetano do Sul, em 1910

Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Mas, para contribuir com essa complexidade dos registros de nascimentos, é necessário explicitar que em algumas regiões da Europa, nessa época, a prática quando da assinatura de documentos de qualquer natureza, era a de se escrever primeiro o sobrenome e depois o nome. A importância do sobrenome para uma pessoa era por esse expressar sua linhagem, remontava sua origem e poderia vincular esse indivíduo a determinadas localidades ou regiões. Como exemplo para essa situação, temos a listagem dos moradores de São Caetano, que assinaram em 1883 um abaixo-assinado. A página, segundo Mimesse (2010, p.155), apresentava as assinaturas nesse formato. Algumas das 41 assinaturas são aqui reproduzidas: “Braido, Giuseppi; Garbelotto, Antonio; Baraldi, Primo Secondo; Visentin, Pietro; Roveri, Filippo; De Nardi, Celeste”.

Alguns comentários podem ser feitos sobre os alimentos consumidos pelas crianças nessa época. Foi enfatizado nos depoimentos o consumo quase que diário de polenta e de vinho. No depoimento de Joana Fiorotti Zanini, encontrou-se a afirmação de que “mamãe fazia a polenta todas as noites”. Essa refeição era acompanhada de vinho, porque – ainda segundo Joana: “quando eu era pequena tinha sempre um jarro de vinho na mesa (...). As crianças também bebiam e não fazia mal. Era vinho bom, vinho

puro. Aquele que era vinho bom era para beber.” Outro item na alimentação lembrado com carinho foi a elaboração de biscoitos com formato de animais. De acordo com Singerfrido Cavassani sua avó sempre fazia pães e biscoitos com a aparência “de coelhinhos, cobrinhas e carneirinhos”, para agradar as crianças.

Constatou-se que os pequenos participavam das mais variadas atividades em conjunto com suas famílias. Muitas vezes, as crianças desempenhavam papéis importantes no trabalho doméstico, dentro das casas e na pequena lavoura de subsistência mantida pelos seus pais. Neste caso, a escolarização não era primordial na vida das crianças, tornou-se apenas mais um dos afazeres do cotidiano. Mas, apesar das dificuldades diárias, elas conseguiram sobreviver, brincaram e receberam afeto de seus familiares. É interessante indicar neste momento que, apesar de todos os obstáculos vividos por essas crianças, todos os depoimentos registraram alegria e nostalgia quando as lembranças da infância foram abordadas. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LEITE, M. L. M. “A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem”. In: FREITAS, M. C. de. (Org.) *História Social da Infância no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
 MIMESSE, E. *A educação e os imigrantes Italianos: da escola de Primeiras Letras ao Grupo Escolar*. 2. ed. São Paulo: Iglu, 2010.
 PARDAL, M. V. de C. “O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista”. In: VASCONCELLOS, V. M. R. de. (Org.) *Educação da infância: história e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 51-72.

(* **Eliane Mimesse** é doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professora na Universidade Tuiuti do Paraná

IMIGRANTES GERMÂNICOS EM SÃO CAETANO DO SUL? JA, VOLL!

A história esquecida da Johannes Keller Schule

Mariana LINS (*)

Quando se fala em São Caetano do Sul, uma das primeiras referências que nos vem a mente é seu passado repleto de imigrantes italianos. Realmente, a influência é forte e, até hoje, por exemplo, a Festa Italiana é uma das mais populares na cidade. Mas está enganado quem acha que São Caetano foi uma terra de oportunidades somente para os vindos da Itália. De alemães a húngaros, de lituanos a austríacos - falantes da língua alemã em geral também contribuíram com sua história. Quem passeia hoje pelas ruas do Bairro Santa Paula não imagina, mas pode ter pistas de como era a região em 1930. O Clube Teuto (como era conhecida a Sociedade Cultural Esportiva Teuto-Brasileira, hoje União Cultural de São Caetano do Sul) ainda está lá, onde foi originalmente construído - na esquina das ruas Wenceslau Brás e Piauí. E, não por acaso, também nesse cruzamento ficam dois outros prédios carregados da cultura germânica: a Chopperia e Restaurante Franz, de culinária típica, e a academia de ginástica Scherk, cuja dona, Maria Scherk, uma descendente de imigrantes germânicos, foi estudante de antiga escola teuta na cidade.

E essa escola onde estudou Maria é precisamente o tema central desta história. A Johannes Keller Schule (schule significa escola, em alemão) já não existe mais. Mas sua lembrança ficou nas mentes e corações das pessoas envolvidas com ela - e dos seus filhos, e dos filhos dos seus filhos.

182 anos de imigrantes germânicos em São Paulo - A primeira leva de imigrantes germânicos desembarcou em Santos no dia 13 de dezembro de 1827. No Sul do país, o fluxo migratório de alemães ocorrera alguns anos antes. Entre homens, mulheres e crianças, eram 226 pessoas que, a princípio, ficaram na região de Santo Amaro. Mas a partir de junho de 1829, grande parte desse grupo aceitou explorar terras oferecidas pelo Império - e essa é a razão pela qual a comunidade de descendentes de alemães comemora 182 anos da imigração alemã para São Paulo em 2011.

Porém, não somente alemães para cá vieram. Entre iugoslavos, romenos, lituanos e húngaros, havia muitos que falavam o idioma - e, por terem a língua em comum, um laço de identidade estava criado. Estes povos também são conhecidos como suábios, os *Donauschwaben*. No século 18, a imperatriz austríaca Maria Thereza deslocou a população de língua alemã que habitava as regiões ribeirinhas do Danúbio para povoar o Império. E, devido a conflitos que ocorreram desde então, o desenho político-geográfico da Europa foi por muitas vezes alterado e o povo suábio se espalhou cada vez mais por regiões distintas da Europa. Mas apesar de estarem em países diferentes, os suábios continuaram a ter em comum costumes e tradições, além de um dialeto da Língua Alemã, falado há séculos.

O surgimento das escolas alemãs no Brasil - E o que esse vínculo tão forte entre os imigrantes suábios no Brasil com a Língua Alemã tem a ver com a comunidade e a escola em São Caetano do Sul? Ora, tudo! Se preservar o idioma é uma das maneiras mais fortes de manter esse laço com as origens, criar escolas onde se ensine alemão é uma ótima solução. E assim foi: os registros das primeiras escolas fundadas pela comunidade imigrante teuta datam da década de 1870.

Mestre em História, Andrea Helena Petry, em sua dissertação sobre as relações diplomáticas alemãs, encontrou diversos documentos que comprovam até mesmo o interesse do governo alemão em manter escolas no exterior. Havia um controle sobre o que acontecia nas escolas, e o governo promovia a capacitação de professores e realizava o intercâmbio entre profissionais da educação dos dois países.

Finalmente, a escola alemã em São Caetano do Sul: Johannes Keller Schule! - A recuperação dessa história ocorreu graças aos diversos documentos sobre a escola que estão arquivados no Instituto Martius Staden, em São Paulo. A maior parte do que se sabe hoje, porém, se deve à narração feita pelos imigrantes e descendentes que vivenciaram os anos de atividade da escola. Homens e mulheres, moradores do ABC que lá estudaram, ou tiveram um parente que frequentou a escola, ou cujos pais ajudaram a fundar a instituição: Gertrudes Dal Pos, Frida Schmidt, Pedro Josefino Pilo, Marta Wachtler, Antônio Laefort Filho e Miguel Zvonimir.

Era uma vez, há 82 anos... - Em 26 de agosto de 1929, foi fundada a Sociedade Cultural Esportiva Teuto-Brasileira, com primeira sede na esquina das ruas Piauí e Wenceslau Brás. A iniciativa deu-se por conta da colaboração entre Paulo Kraus e Stefan Bachert, visando propiciar à comunidade um espaço para a prática de futebol, bailes e espetáculos teatrais. No dia 13 de fevereiro de 1930, Georg Girenz, promoveu uma reunião entre a comunidade e fundou a Associação Cultural e Recreativa. Inicialmente, a intenção era fazer concorrência ao Clube Teuto, por conta de uma rivalidade existente entre Kraus e Girenz.

Os relatos afirmam que a comunidade entendeu que uma escola seria de mais importância que dois clubes rivais entre si. Assim, a Associação Cultural e Recreativa foi transformada em Associação Escolar Teuto-Brasileira de São Caetano. Então entra em cena um suíço chamado Johannes Keller, outrora diretor da Escola Alemã de Vila Mariana. Ele foi apresentado à comunidade alemã em São Caetano do Sul por intermédio de Gerhard Wagner. Keller conseguiu um empréstimo junto a Antônio Zerrenner, acionista majoritário da Cia. Antártica Paulista e, com isso, rea-



Turma de meninos da Johannes Keller Schule, por volta de 1935

lizou a compra da sede da escola, na Rua Wenceslau Brás, 3-5, então Vila Paula. O responsável por mobilizar a escola também foi Johannes Keller. Assim, em 1933, ele foi homenageado e a escola passou a ter seu nome.

A Johannes Keller Schule iniciou suas atividades em 1930 com Hermann Andreas Linhart, imigrante de Graz, na Áustria, como diretor e professor de Alemão. Gröbel, brasileiro descendente de alemães, era o professor de Português. Outros professores citados pelos entrevistados são Arno Sommer e Johanna Wrede, conhecida como Frau Hanna. E os documentos apontam ainda outros nomes: Marianne Hanel, Iurgen Joaquim Martin Wrede e Fritz Glaser. A escola manteve-se bem organizada desde a sua fundação. Dentre os documentos que podem ser encontrados no Instituto Martius Staden, estão relatórios sobre o ano letivo, todos assinados por Linhart, diretor da escola. Segundo os relatórios, do total de alunos em 1937, 3 eram alemães, 10 iugoslavos, 6 romênios, 1 húngaro, 1 tcheco, 1 lituano e 144 brasileiros (estes últimos todos de etnia alemã).

Os documentos apontam também que, além dos próprios moradores de São Caetano, crianças das vilas Alpina, Ema e Santa Clara se aproveitavam da proximidade com a escola para nela também estudar. De modo geral, constata-se que, em todos os anos, as turmas de alunos eram compostas, majoritariamente, por meninos. Já o total de alunos variava muito. Com o passar dos anos, houve uma redução significativa no número de matrículas, fato que pode ser explicado pela dificuldade enfrentada pela comuni-



Arquivo/Mirra Wachter

dade em pagar as mensalidades da escola.

A fala de Frida Schmidt, costureira aposentada, moradora de São Caetano do Sul, dá um exemplo claro de como era a situação dos alunos: “A escola alemã era paga, naquele tempo. Dez mil réis por mês. A escola não era só para alemães. Até havia duas alunas, eu me lembro muito bem, que eram brasileiras, mas elas queriam muito aprender o alemão. Então elas estavam frequentando a escola. Aí, quando cheguei ao quarto ano, meu pai falou: ‘Eu não posso mais pagar a escola. Você tem que ir trabalhar. Aprender um ofício.’”

Por conta de dificuldades econômicas, logo no começo da década de 1930, a Associação limitou sua atuação à escola, ficando a recreação e esportes por conta do Clube Teuto. Outra colaboração financeira vinha do grupo teatral dos Excursionistas de Vila Mariana (*Wanderbund*). Na grade curricular, estavam as línguas portuguesa e alemã, Matemática, História e Geografia, além de aulas de canto, Educação Física e trabalhos manuais, ministradas à tarde. Usava-se uniforme e, percebe-se na fala dos entrevistados, uma forte presença do senso de disciplina.

Novamente, a fala de Frida Schmidt descreve um pouco o cotidiano dos alunos da escola: “Tínhamos aula o dia todo. De manhã, de português ou alemão. À tarde, ginástica e trabalhos manuais. Mas eu só fiz quatro anos, apesar de a escola durar oito anos. Equivalia ao ginásio (ensino fundamental) de hoje. Uma escola muito, muito boa.”

A atuação nazista na escola - Outro episódio da história da Johannes Keller Schule está relacionado à atuação do partido nazista na escola. A partir de 1933, é possível encontrar correspondências trocadas entre a instituição e a célula do Partido Nacional Socialista Alemão (*NSDAP - Nationalsozialistischen Deutschen Arbeiterpartei*) em São Paulo. As escolas alemãs em geral, inclusive

a Johannes Keller, eram inspecionadas por funcionários do partido que, nestas ocasiões, também faziam discursos à comunidade e exibiam filmes sobre a Alemanha. Além disso, havia um grupo de escoteiros de cunho político na escola cuja atuação era semelhante à da Juventude Hitlerista.

Também ex-aluno da escola, o aposentado morador de Santo André, Pedro Josefino Pilo, elucida algumas práticas e denota uma característica aparentemente comum aos descendentes de imigrantes germânicos na cidade – a apatia política: “Não tinha ‘Bom dia’ ou ‘Guten Morgen’, como fala o alemão. Tinha que ser ‘Heil Hitler!’”. Eu fui umas duas vezes só [no encontro dos escoteiros], porque gente do segundo ano não podia ir, e eu estava no segundo ano. Podia só do terceiro, quarto ano e quinto ano. Política não ia no meio, mas eles ensinavam bem! A única coisa que eles diziam é ‘O escoteiro tem que ser forte’. Em alemão eles falavam assim ‘*Flink wie ein flink Hund, hart wie ein hart Stein*’, que é ‘veloz como um cachorro veloz, duro como uma pedra dura’. Não pode amolecer.”

Outra importante fonte histórica, um documento de autoria de Nicolau Schunk, que fora tesoureiro da escola, acrescenta que o então presidente, Johannes Keller, teria pedido demissão à época em que o Partido Nazista começou a tentar controlar as atividades na instituição. Hermann Linhart, o diretor, por sua vez, era destinatário de muitas correspondências enviadas pelo NSDAP, o que o coloca como elemento fundamental na comunicação da escola e a ideologia nazista. Contudo, não se pode afirmar categoricamente que Linhart partilhava desta mesma ideologia, mas apenas colocá-lo como peça atuante.

Uma vida cultural agitada - O contexto político da época influenciou, sim, as atividades da escola. Mas nem tudo esteve envolvido com nazismo. Na verdade, os documentos e narrativas contam muito mais episódios livres dessa influência que o contrário. No período entre 1930 e 1938, há impressos que apontam que a escola realizava, aproximadamente, um evento por mês. Trata-se, principalmente, de peças de teatro, apresentações de bandas, coros e orquestras, festas de encerramento de semestre ou ano letivo, festas de natal e ano novo.

Os pais, a comunidade em geral e mesmo os alunos, depois de crescidos, continuavam a ter intensa vida social, já que festas eram regularmente promovidas no Clube Teuto – ou no Restaurante Zepelin, que, à época, ficava na Rua General Osório. Pedro Pilo se recorda dessas festas: “Ah, tinha muita música alemã. Tinha brasileira também, o samba... Mas principalmente valsa e polca alemãs”. Já a moradora aposentada de Santo André, Gertrudes Dal Pos, cita as comidas e bebidas: “Sempre existia o chucrute com as salsichas brancas, os defumados. Inclusive havia entre os homens uma combinação de que quando chegassem lá, eles jantavam, pra depois eles poderem beber. As comidas estavam prontas e, havia também sopa de ervilha. E o que não podia faltar era o chopp! E tinha que ser de colarinho. Por isso as mulheres faziam questão que os homens jantassem antes de começar a beber.”

Oito anos depois, o fim - Em 11 de setembro de 1938, realizou-se uma assembleia geral extraordinária com objetivo de transformar a Associação Escolar Teuto-Brasileira de São Caetano em Associação Alemã de Cultura de São Caetano. Estavam presentes Gauleiter, o diretor da escola, à época, e 33 sócios representantes dos pais de 180 alunos.

Por conta do decreto lei nº 383, de abril de 1938, que regulamentava as sociedades civis, sociais, esportivas e afins, as organizações de comunidades de imigrantes e seus descendentes estavam impossibilitadas de serem dirigidas por estrangeiros. E essas mudanças ocorreram em âmbito nacional – confor-

me o então presidente da República, Getúlio Vargas, instaurou o Estado Novo, passou a vigorar uma ideologia nacionalista. Como explica a professora doutora em História, Priscila Perazzo, de certa forma, até 1938 esse nacionalismo até se parecia muito com o praticado na Alemanha; buscava-se o desenvolvimento de uma nação forte, bela, poderosa. Porém, na concepção do Estado Novo, era preciso também que o país fosse genuinamente brasileiro, de modo que todo estrangeirismo passou a ser visto como uma ameaça, um perigo à nação brasileira. Imigrantes e seus descendentes passaram até mesmo a serem perseguidos.

Desta forma, a Johannes Keller necessitava passar por uma reforma administrativa. Mas não houve um consenso na associação e, afinal, a escola encerrou as atividades em 18 de dezembro de 1938. Por fim, talvez não haja maneira melhor de expressar o sentimento das personagens da história da Johannes Keller Schule. O documento organizado por Nicolau Schunk, como que se explicando, como que se despedindo, traz essas palavras: “Esta é parte da história da vida social e cultural dos de Língua Alemã que aqui, nesta importante cidade de São Caetano do Sul de hoje, vieram e tentaram contribuir com sua cultura e trabalho para o futuro dos que aqui viveram e vivem. Se mais não conseguiram, não foi por culpa da maioria, que aqui queriam viver em paz com tudo e todos, segundo o princípio de respeito às leis do país que os receberam como hóspedes. Seus descendentes integrados agora neste cadinho das nações contribuem para a grandeza desta também sua pátria.” **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERRARI, N. *Teuto Brasileiro – um orgulho da colônia alemã*. Raízes, São Caetano do Sul, nº 26, p.111-113, dez. 2002.
 GREGORY, V. “Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira”. In: Brasil: 500 anos de povoamento. 2ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, p. 141 -157.
 JOVANOVIĆ, A. *Os Donauschwaben, uma comunidade de língua alemã em São Caetano*. Raízes, São Caetano do Sul, nº 9, p.11-18, jul.1993.
 PERAZZO, P. F. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.
 SIRIANI, Sílvia Cristina Lambert. *Uma São Paulo alemã: Vida cotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827 -1889)*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

(*) **Mariana Lins** é estudante de Jornalismo na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e assessora de comunicação na LVBA. Esta matéria é resultado da pesquisa “Comunicação e cultura na Johannes Keller Schule em São Caetano do Sul (década de 1930)”, realizada entre 2008 e 2010 por Mariana Lins, orientada pela Profª Dra. Priscila Ferreira Perazzo, pelo Núcleo de Pesquisas e Laboratório de Produções Midiáticas “Memórias do ABC” da USCS

A INFLUÊNCIA DOS ITALIANOS NA REGIÃO DO GRANDE ABC

Fábio Silva GOMES (*)

Quando observamos a constituição dos bairros da região do Grande ABC, notamos como é grande a concentração de descendentes de italianos nas sete cidades. Não é difícil perceber como a influência é maciça: os nomes estão aí, identificando ruas, praças, avenidas e prédios. Trata-se de uma localidade extremamente multicultural, já que recebeu, em épocas distintas, a migração e a imigração, tornando-se bastante peculiar.

Mas não somente na denominação é possível perceber os fortes traços da cultura italiana no ABC Paulista. Estima-se que vivam no Brasil cerca de 25 milhões de descendentes italianos, a maioria no Sul e Sudeste. Nossos costumes já estão permeados naquilo que foi trazido por eles, em grande parte: a culinária, as construções, a forma da fala. Na lista dos governantes das cidades, desde os tempos remotos, a presença de sobrenomes italianos é algo que não

passa despercebido também, por exemplo. Na lista de aprovados nas faculdades, idem. Um pouco diferente de regiões como o Rio de Janeiro que, embora também esteja no Sudeste, possui uma influência portuguesa mais expressiva.

A parte mais considerável da imigração para a região se deu entre 1870 e 1930. Juntaram-se a eles imigrantes e descendentes que também rumaram para o Brasil, mas antes do ABC tiveram como



Família e amigos no Porto de Santos recebendo Bruno e Baptista Bechelli que voltavam de um passeio à Itália. Foto de 1950

Acervol Família Bechelli

destino outras cidades paulistas ou outros estados. A condição regional era diferenciada: o colono pioneiro precisava plantar para subsistência, desmatar sua área para construir, fazer o carvão. Com o tempo, passou a dedicar-se a outras atividades, como o artesanato, o entalhe em madeira, a cerâmica e tantos outros. Os italianos, nos fins do século 19 e primórdios do 20, estudavam pouco, mas tinham uma sabedoria que escola nenhuma lhes podia proporcionar. Aqueles que tinham mais tino comercial, com o tempo, iam abrindo comércios, indústrias e oferecendo serviços. Estes serviços variavam desde o antigo ferreiro, o sapateiro, o alfaiate, até o motorista do ônibus que, tendo um ou dois carros na época, hoje ainda tem seu nome lembrado nas empresas familiares que prosperaram.

Até os anos 50, a maciça parte dos habitantes do ABC era formada por esses italianos e descendentes. O cenário mudou com a chegada das rodovias (Anchieta, em 1947, e Imigrantes, em 1970) e das indústrias multinacionais, sobretudo montadoras de veículos (diversas em São Bernardo do Campo e a General Motors em São Caetano do Sul). O interessante é que esses fatores, 50 anos depois, mudaram inclusive o perfil da classe média. Mas, miscigenado e atuante, o italiano ainda está presente.

Outro fator que evidencia a presença de famílias provenientes da Itália no ABC são as festas e as associações culturais. Os grupos organizados, várias vezes, não são unidos entre si - infelizmente - mas fazem valer aquilo que trouxeram de seu país de origem. Há grupos de vinicultores, comunidades mais ligadas à igreja católica, corais e associações de socorro mútuo, como eles chamavam, e que naquela ocasião tinham por objetivo prezar pelo bem-estar das famílias dos oriundi, distantes quase 10 mil quilômetros da Bella Itália. Essas associações, hoje, servem para difundir a cultura e a história aos descendentes que aqui ainda vivem, mostrando que todo esse legado não morreu.

Na culinária, o frango com polenta, o crostoli (tiras de massa frita açucaradas, também conhecidas por outros nomes), a pizza, o macarrão e o próprio vinho são sinais de que a cultura italiana também está presente em nossa mesa. Alguns pratos e iguarias, inclusive, homenageiam partes da Itália, como o presunto di parma e o molho bolonhesa (o qual se tem dúvidas se vem, realmente, da Bologna, mas a homenageia pelo nome). O caso particular do vinho - ou dos vinicultores, como já citado neste artigo - traria até um charme a mais para a região. O problema está num impasse de legislação - estadual e federal - que impede que o vinho seja feito artesanalmente e comercializado, ou que seja criada uma possível Rota do Vinho, por enquadrar o fermentado como bebida alcoólica e equipará-lo aos destilados, por exemplo, que soltam resíduos em sua formulação. Chile e outros países tratam o vinho como alimento, tarifam menos, são mais específicos na regulamentação, e nos mostram que o Brasil, em certos âmbitos, ainda é um país atrasado.

No que diz respeito à situação atual da relação da região com a Itália, encerro este artigo parabenizando a comunidade da região da Emilia Romagna, onde residem cerca de quatro milhões de pessoas em nove províncias. O *Servizio Politiche Europee e Relazioni Internazionale, Referente Area Paese Brasile* (Serviço de Política Europeia e Relações Internacionais, referente ao país Brasil), em parceria com a Prefeitura de São Bernardo do Campo (secretarias de Relações Internacionais e Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo) solicitou-me um estudo de mapeamento dos italianos daquela região na cidade de São Bernardo. O resultado das pesquisas e o meu aprendizado estão sendo surpreendentes. Numa próxima oportunidade, espero poder mostrar as conclusões do meu estudo. **R**

(*) **Fábio Silva Gomes** é jornalista e memorialista, autor de oito livros, sendo três da série *Origem das Famílias de São Bernardo do Campo*. Escreve para os jornais *LEIA São Bernardo* e *União do ABC* e apresenta o *Programa Bem Passado*, na TV ABCD

MUITO ALÉM DO VÉU: mulheres muçulmanas em São Bernardo do Campo

Patrícia Silva ARAÚJO (*)

O islã é hoje a religião em mais rápida expansão no mundo, com cerca de 1,3 bilhões de seguidores, representando aproximadamente 20% da população mundial (DEMANT, 2008: p. 37). Uma hipótese para esta expansão tão rápida e ampla pode ser a carência de normas de conduta mais rígidas no mundo contemporâneo, principalmente nos países do Ocidente. Hoje vivemos em uma época em que quase todos têm liberdade para fazer o que querem, sem seguir nenhum tipo de doutrina ou religião. Algumas pessoas sentem falta de algo para reger as suas vidas e dar um sentido ao que estão fazendo. É aí que outras religiões ganham mais adeptos, a exemplo do islã, para suprir a carência daqueles que não têm religião, ou daqueles que não encontram o que estão procurando na sua atual crença.

Rosângela França, secretária do Centro de Divulgação do Islã para a América Latina (CDIAL), que fica ao lado da Mesquita Abu Bakr Assadik, em São Bernardo

Crédito/Patrícia Silva Araújo



No Brasil, segundo o Censo de 2000, há cerca de 27.240 muçulmanos vivendo no país, mas a Federação Islâmica Brasileira acredita que o número seja bem maior, chegando a 1,5 milhões, sendo aproximadamente 10 mil o número de brasileiros convertidos (Istoé, 2007). No Estado de São Paulo, mais precisamente na região do Grande ABC, reside um grande número de muçulmanos. Estima-se que há em torno de 400 famílias, sobretudo em São Bernardo do Campo. A cidade possui uma mesquita (denominada Abu Bakr Assadik) e o Centro de Divulgação do Islã para a América Latina (CDIAL).

“Especialistas em islamismo no Brasil dizem que não existem dados confiáveis sobre a população muçulmana porque, no recenseamento, estes são agrupados numa categoria genérica chamada ‘outros’” (ZAIA, 2006: p. 160). Ou seja, é muito difícil obter informações concretas em relação aos números do Brasil, assim como de uma cidade. Mas, apesar do islamismo ser uma das religiões que mais conquista adeptos em todo o mundo, ainda ouvimos muito se falar em “choque de civilizações” entre o Islã e o Ocidente.

O islamismo é divulgado frequentemente pela mídia ocidental como uma religião do terror, do fanatismo e da intolerância, ou seja, que incentiva atividades terroristas, que oprime as mulheres e que provoca con-

flito entre países, sem contar o estímulo à imulação praticada por homens-bomba. É uma civilização que passou a ser temida e odiada por muitos ocidentais, principalmente após os atentados coordenados pela facção extremista islâmica *Al-Qaeda* às torres gêmeas do *World Trade Center*, em Nova Iorque, e ao Pentágono, em Arlington, Virgínia, nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001. Isso fez com que muitos muçulmanos fossem vítimas de preconceito em virtude do sentimento anti-islamismo que se espalhou pelo mundo.

Um dos principais focos de crítica da mídia Ocidental em relação aos países muçulmanos foi a questão do modo de tratar as mulheres. Propagou-se, a partir daí, a imagem da mulher submissa ao homem (seja ele o marido ou o pai), que não tem praticamente nenhum direito de expressão, independência e liberdade para agir, ficando limitada ao lar e à família. Esta sujeição seria imposta pelos dogmas religiosos, pelo patriarcado ou pela própria cultura regional.

Sabemos que o preconceito e a violência contra o gênero feminino existem em muitas culturas e religiões, inclusive no Brasil, não raro o grande número de mulheres que sofrem agressões físicas e emocionais, independente de crença. Todavia, no mundo muçulmano atual há diversas posturas em relação à mulher, que variam de uma sociedade para outra (AZIM, 2008).

Ao analisar o cotidiano das mulheres da comunidade islâmica de São Bernardo, percebe-se que elas procuram viver conforme a cultura em que estão inseridas, fazem e gostam das mesmas coisas que mulheres de outras crenças, mas, respeitam a tradição religiosa acima de tudo. Na adolescência, as garotas muçulmanas fazem as mesmas coisas e têm os mesmos desejos que as demais, contudo, com algumas restrições, como frequentar festas, locais onde haja o consumo de bebidas alcoólicas, em que ocorram as paqueras e namoros, tão comuns da idade. Elas possuem liberdade para decidir por conta própria o momento de começar o uso do *hijab*. Em São Bernardo, as mulheres o vestem quando se sentem prontas, muitas demoram a utilizar, outras nem adotam a prática. E não é pelo fato dos cabelos estarem cobertos



Fachada da Mesquita Abu Bakr Assadiq, localizada no Jardim das Américas, em São Bernardo do Campo

que deixam de ser vaidosas, costumam estar sempre bem maquiadas, abusam de véus de várias cores e tipos, frequentam o cabeleireiro, praticam esportes, vão ao shopping e ao cinema (RAVELLI, 2010).

“As pessoas acham que a gente usa o *hijab* por submissão ao marido, porque é uma coisa cultural. Não é nada disso. O véu é uma imposição de *Alah*, só que eu sempre falo que é um dogma de fé. Você tem que começar quando você está em conexão com Deus. Quando achar que é a hora certa, mas tem que correr atrás para sua hora chegar. Não é uma coisa imposta”, afirma Soha Mohamad Radwan Omar Osman Chabrawi, muçulmana que vive em São Bernardo.

Ao contrário do que muitos pensam, o Alcorão não proíbe diretamente a mulher de mostrar o rosto por completo. Os escritos sagrados determinam que, além da cabeça, o pescoço e o colo também devem ser cobertos, podendo deixar apenas as mãos e o rosto sem cobrir. Mulheres que se trajam deixando apenas os olhos ou nem isso em evidência, pode ser por opção própria, ou, na maioria das vezes, por imposição da cultura local, ou da política vigente, justificativas que se utilizam de argumentos religiosos com base em diversas interpretações do Alcorão.

O islamismo defende que a modéstia é essencial, evitando que as mulheres sejam vulgarizadas e molestadas, ou seja, o uso do véu e da indumentária é por proteção do corpo e de sua reputação. Uma muçulmana deve ser reconhecida pelo seu caráter e não pelas suas características físicas. Características essas que expõem a mulher, principalmente a mulher ocidental, de tal forma aos olhos dos homens, que conseqüentemente pode ser vista apenas como objeto sexual. Nas mesquitas do Brasil, o uso do véu é obrigatório, fora delas seu uso é incentivado, mas

não é imposto pela família, pelo marido ou pela sociedade. Portanto não é algo imposto, forçado, como a mídia ocidental tanto aborda.

Em São Bernardo do Campo, não se percebe muito preconceito em relação à comunidade, as pessoas já estão acostumadas com a presença de mulheres muçulmanas. Porém, em outras regiões, há muitos olhares questionadores.

Na tradição islâmica, a mulher não tem necessidade de trabalhar para a própria subsistência, pois segundo o Alcorão o homem é quem deve ser responsável por mantê-la e por sustentar a família. Em alguns países, como o Afeganistão, a mulher é proibida de sair de casa sem a ordem do marido, a ela é negado buscar o conhecimento, letramento, e de exercer uma profissão. Ao analisar o Alcorão, observa-se que a busca pelo conhecimento é um dever de todo muçulmano e muçulmana: “Deus elevará de diversos graus aqueles dentre vós que crêem e adquirem a ciência” (A DISCUSSÃO, 58:11). Em São Bernardo, a mulher muçulmana tem liberdade para estudar e seguir uma profissão, desde que seja a sua vontade. Muitas adolescentes têm planos de carreira e contam com o apoio dos pais. Mulheres casadas trabalham e até mesmo fazem curso universitário, quando do seu interesse.

Na cidade, também há muitos casos de mulheres convertidas ao islamismo, estas são chamadas de “revertidas”, pois acreditam que todos nascem muçulmanos, e, mesmo que professem outro credo, quando “iluminados” pela “verdadeira” fé, decidem se converter, voltando a ser muçulmanos, ou seja, revertendo-se. Não se pode dizer que todos os muçulmanos seguem rigidamente o texto religioso que o profeta Maomé propagou. Muitas vezes seguem, porém com interpretações diferenciadas. Em alguns países islâmicos, observa-se uma mistura de religião, cultura e política, onde podemos nos deparar com diversas formas de opressão às mulheres, fomentadas por políticas rígidas e fundamentalistas, que se apropriam do texto do livro sagrado, interpretando-o de acordo com os determinados interesses para sustentar seus atos.

Sem contar que há costumes em determinados países, hoje de maioria muçulmana, em que já

eram praticados antes do surgimento do islã, como é o caso da mutilação feminina em algumas tribos árabes e africanas, a exemplo da Somália. Para a concepção de um ocidental, a prática é entendida como um crime hediondo. Tal costume é difundido pela mídia como sendo essencialmente de origem islâmica. A imprensa tem um papel importante na propagação de informações que fazem principalmente os ocidentais olharem com repúdio para o mundo muçulmano.

O islã está inserido mundialmente em uma rede imensa de variedade cultural. O Brasil é uma nação que goza de uma variadíssima gama de diversidade cultural, dentro de um mesmo território, entretanto é um erro dizer que os brasileiros são receptivos quanto à cultura e religião islâmicas, lembrando que vivemos em um país laico, que partilha dos valores defendidos pelas potências ocidentais, sobretudo os Estados Unidos. Por isso, há preconceito sim por parte dos brasileiros, principalmente diante de uma das diferenças culturais, como o uso das pesadas vestimentas islâmicas em meio a um clima tropical.

Conforme observado em São Bernardo do Campo, a cidade parece ser tolerante em vista do grande número de habitantes muçulmanos. Não se nota muito preconceito, mas sem dúvidas, há questões que não são esclarecidas acerca do modo de vida islâmico, e há equívocos gerados através da mídia. Não basta olharmos as muçulmanas conforme os padrões de organização social e valores ocidentais, é necessário muito estudo, pesquisa, para sabermos o que de fato diz o islã, e como é colocado em prática aqui em contraste com uma cultura tão diversificada, onde as muçulmanas convivem em meio a uma sociedade em que as mulheres ganham cada vez mais espaço em prol da igualdade entre os sexos. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCORÃO. Português. *O Alcorão: livro sagrado do Islã*. Tradução de Mansur Challita. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010, p.489
- AZIM, S.A. *A Mulher no Islam: Mitos e a Realidade*. São Paulo: [s.n.], 2008, p. 66
- DEMANT, P. *O Mundo Muçulmano*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 429
- RAVELLI, J. *Cabeça coberta e mente aberta: sem extremismo*. Diário do Grande ABC, Santo André, p.4-6, 15 ago. 2010
- OS BRASILEIROS convertidos ao islã. Istoé, São Paulo, n. 1978, p. 54-56, set. 2007.
- ZALIA, M. C. *O véu não cobre pensamento: imigrantes muçulmanas em São Paulo*. 2006. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4230>. Acesso em: 8 mai. 2010.

(*) *Patrícia Silva Araújo é formada em História (Licenciatura) pela Universidade do Grande ABC (Uniacb). Atualmente é professora do ensino fundamental e médio da rede estadual de São Paulo*

João Tarcísio MARIANI (*)



Chicosalém

Num domingo ouvimos um sacerdote que falava sobre Jesus e suas andanças por Jerusalém. Chamou-nos a atenção a maneira como a cidade foi descrita, isto é, a visão de que Jerusalém, naquela época, era o centro de tudo o que acontecia de interessante e importante naquele pedaço do mundo.

Pelo centro de Jerusalém circulava a população da cidade e lá estavam presentes diversas atividades: comércio, artes, religiosidade, lazer, fofocas, etc. Por aquele centro passavam e passeavam todas as três classes existentes: pobre (servos), rica (senhores judeus) e poderosa (romanos).

De repente, nos surgiu a imagem de um local de São Caetano do Sul que poderia ser visto como a Jerusalém de nossa cidade, pelo menos, com farta gama de atividades tanto quanto com a presença de diferentes classes sociais. Ali, sendo bom observador, a gente consegue vislumbrar muitos e diferentes tipos de personagens como os do centro de Jerusalém, no tempo de Jesus. Basta olhar como as pessoas estão vestidas e já dá para inferir a que classe elas pertencem. Na verdade, ali cabem todas, sem restrições, uma vez que elas por si só se isolam e, ao mesmo tempo, convivem no mesmo espaço. Se Jerusalém era um oásis no meio daquele deserto, aqui também, em meio a tanta poluição, esse local é uma área onde se preservou o verde que São Caetano ainda tem.

As pessoas que frequentam o local também poderiam ser classificadas pelos pés, ou melhor, pelo tipo de calçado que ostentam. Tem descalço, de chinelo, de sandália havaiana, até chegar aos de tênis importado, daquele tão caro que o preço é em euro, para parecer melhor ou para humilhar mesmo.

Se no centro de Jerusalém havia mercados na porta do templo para vender animais a serem levados para o sacrifício, aqui nós temos alguns exemplares, especialmente, de aves cujos voos e cantos são uma graça e, às vezes, uma garça. E tem também sacrifício, mas dos fisioterapeutas que fazem *quick massage*, de preferência na turma da melhor idade, devido ao efeito da poluição que, como sabemos, enferruja tudo.

Lá em Jerusalém, com certeza, devia ter

algumas “figurinhas carimbadas” (será que essa expressão é tão velha assim?) ou tipos pitorescos, que é o que não falta nesse recanto de São Caetano. Aqui nós temos o nosso querido Chacrinha, cartão de visitas do local, e que lá fica por longos períodos, sempre alegrando com a sua presença os que ele, eloquentemente, cumprimenta, quer conheça ou não, e justificando o fato de estar sentado num dos bancos, com a explicação criativa de que ele está lá desde as 6 horas da manhã e já deu pelo menos umas 20 voltas na pista de cooper.

Tem a turma de corredores, os atletas profissionais e os pseudoprofissionais, estes últimos, como não poderia deixar de ser, “botando mais banca” do que os primeiros. Também existem os grupos de ginástica, muito animados, onde a idade dos participantes é disfarçada pela música tipo “bate-estaca” que acompanha os exercícios. Em nosso espaço pode não ter o templo, como em Jerusalém, mas tem um pessoal no quiosque praticando *tai chi chuan*, em clima zen, espalhando música oriental e paz pelo ar.

Temos os espaços dedicados à cultura, para todos os gostos e para todas as idades, e se a idade for muito avançada, há até um pequeno “museu”. Enfim, lá tem de tudo e, principalmente, crianças. A propósito delas, recordamos que, se em Jerusalém aconteciam milagres, aqui também eles podem operar para os observadores mais atentos e sensíveis.

Recentemente, uma criança de cerca de três anos estava pedalando o seu triciclo na rua que passa na frente da prefeitura, com o seu avô acompanhando-a a certa distância. Nessa rua passam também veículos oficiais ou de quem vai praticar seus esportes preferidos. A criança vinha na direção de quem sai da Prefeitura e se dirige para a portaria de entrada, na Avenida Fernando Simonsen. No momento em que chegou ao início da rampa que desce no sentido da portaria, a criança pedalava com tanta vontade que o triciclo desembestou a ganhar velocidade, e ela perdeu completamente o controle do brinquedo.

O avô bem que tentou correr para alcançar o triciclo, mas a distância e a idade não lhe permitiram. Quem viu deve ter tido, instantaneamente, o mesmo raciocínio que nós e levantado as hipóteses mais viáveis para o acidente anunciado da criança:

- Ela vai bater em algum carro que estiver entrando ou saindo distraidamente;
- Ela vai se esborrachar na traseira de um dos carros

estacionados;

c) Ela vai cair do triciclo e se ralar toda;

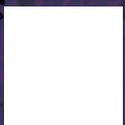
d) Ela vai virar, seguindo o traçado da curva de descida, e bater na guia da rua.

Porém, de acordo com a Lei de Murphy, ficou faltando a única hipótese que não seria levantada porque era difícil de prever e de conseqüências impensáveis. Mas foi justamente o que aconteceu. A criança, berrando desesperadamente ladeira abaixo, dá uma guinada brusca no triciclo, se livra de bater no último carro estacionado e se volta na direção das duas correntes de aço que estão fixadas a dois pequenos postes de ferro, que delimitam a área de estacionamento. Imaginem a visão da criança entrando com tudo nas correntes ou nos postes de ferro e o desespero de todos que assistiam perplexos e travados em suas reações, pela rapidez com que tudo aconteceu.

Vimos a criança se projetar contra as correntes, passar por entre elas, exatamente entre os dois postes, e, portanto, na parte mais aberta entre as correntes, que, nesse momento não só não atingiram a criança, como ainda serviram de freio para o triciclo, reduzindo sua velocidade e permitindo que a criança parasse mais adiante, na guia sim, porém, suavemente.

Aproximaram-se, o avô esbaforido, os que assistiram aflitos a cena e o anjo da guarda que havia chegado a tempo. Todos viram apenas leves arranhões nas mãos daquela criança, uma das muitas que adoram o Espaço Verde Chico Mendes, que recebeu no título desta crônica o apelido carinhoso de Chicosalém.

A conclusão é que aqui também temos os nossos milagres para que não se diga que a comparação com Jerusalém foi um pouco forçada. O final feliz ficou por conta da imagem da criança assustada, abraçada ao avô e chorona, como uma das árvores que servem de moldura ao nosso querido Chicosalém.



50 anos de silêncio e saudades!

O reconhecido jornalista Ademir Medici, emérito colaborador de *Raízes*, reuniu recentemente personagens de um episódio acontecido em São Caetano do Sul em 4 de abril de 1961. Foram relem-

brados, nesse encontro, os fatos ocorridos no evento que marcou uma época e uma geração de nossa cidade.

Como o Ademir vem publicando, em sua coluna Memória (publicada diariamente no jornal Diário do Grande ABC) tudo o que captou dos depoimentos, nós não nos atreveríamos a repetir aqui os lances dessa efeméride tão bem pesquisada, revivida e enaltecida pelo jornalista e, portanto, nossa intenção é tão somente “cronocar” sobre aquela época e aquele episódio.

Era uma vez um jovem chamado Enio Campoi, que tinha faro de jornalista. Certa vez, ele conseguiu um furo de reportagem, obtido fora dos padrões normais e comunicou às “feras” que dirigiam as entidades estudantis de São Caetano na época. Naquele tempo, os políticos não tinham salário, nem verba de representação, nem verbas suplementares, nem ajudas especiais para gastar com as bases. Era somente um subsídio, uma pequena ajuda de custo, que sucedera aquilo que antes já havia sido um trabalho voluntário, de servidor público não remunerado. Que saudades!

Os vereadores da São Caetano de então se anteciparam 50 anos ao espírito de hoje e votaram, na “calada”, algo que seria uma “canalhada”, muito parecida com a “penada” do aumento dos proventos dos deputados e senadores neste ano em Brasília. Naquela época os estudantes tomaram a frente da causa em nome da população, mostrando que o espírito de equipe e a organização movem montanhas. Que saudades!

Tudo isso soava ousado, idealista, criativo e cívico, aliás, próprios da época, pois realmente havia ousadia no vestir, idealismo no pensar, criatividade nas artes e elevado espírito de cidadania nos sul-sancaetanenses. Que saudades!

Vamos abrir parênteses para resgatar a memória lírica do ambiente da época, onde 50 anos fazem muita diferença, pelo menos para aqueles que lá estavam, na flor de sua juventude, e se recordam, por exemplo, de algumas músicas, tais como: *It's Now Or Never*, de Elvis Presley, *Fica Comigo Esta Noite e Negue*, de Nelson Gonçalves, *Faz Me Rir*, de Edith Veiga (que viraria um hino de gozação ao Corinthians, mal das pernas naquela época, “somente naquela época”), *La Barca*, do Trio Cristal, *Ninguém é de Ninguém*, de Cauby Peixoto e *Poema do Adeus*, de Miltoninho. Além disso, Frank Sinatra estourava nas paradas de sucesso e os Beatles começavam a

engatinhar. E, também, de alguns filmes que assistimos, preferencialmente, nos cines Max ou Vitória, em cujo edifício justamente se localizava a Câmara Municipal. Filmes tais como: *Bonequinha de Luxo*, com Audrey Hepburn, *Quando Setembro Vier*, com Gina Lollobrigida, *Amor Sublime Amor*, com Natalie Wood e Rita Moreno (vencedor do Oscar de melhor filme em 1961) e, para quem já estaria reclamando que somente estamos citando artistas femininas, lá vão os bonitões: *Canhões de Navarone*, com Gregory Peck, David Niven e Anthony Quinn, *Julgamento em Nuremberg*, com Spencer Tracy, Burt Lancaster, Richard Widmark, Maximilian Schell e Montgomery Clift. Porém, nos desculpem, mas as belezas femininas desse último filme ainda foram Marlene Dietrich e Judy Garland. Que saudades!

Por ironia do destino, no ano de 1961, em 20 de janeiro, tomava posse nos Estados Unidos, o presidente John F. Kennedy e, no Brasil, em 31 de janeiro, Jânio Quadros assumia a presidência. Ambos não terminariam seus mandatos por razões muito parecidas: “forças ocultas”. Aqui “pouco ocultas” e lá “muita força”.

Fechando parênteses e voltando ao nosso tema, se perguntarmos hoje: onde estão os estudantes conscientizados, pró-ativos e atuantes de outrora? A resposta será o silêncio!

Ou se perguntarmos onde estão os políticos que voltam atrás em sua decisão de aumentar os próprios e vultosos salários? A resposta será o silêncio!

O que se deve lamentar mesmo é a ausência de personagens como aqueles do episódio da Passeata do Silêncio. Um Alfredão (zelador do Edifício Vitória), capaz de abrir caminhos estranhos na Câmara Municipal para possibilitar a conscientização dos estudantes daquela época (vejam na publicação do Medici).

Os dirigentes das entidades representativas dos estudantes de São Caetano, de maneira responsável e pacífica, se organizaram para defender os direitos dos cidadãos e os interesses da cidade. A estes, em especial, é dedicada esta “homenagem-crônica” e são os nomes dos principais mentores do movimento que queremos a seguir registrar: Arnaldo Sante Locoselli, Ayrton Filleti, Cláudio Dall’Anese, Darmil Garcia Lopes, Delmo Nicolli, Enio Campoi, Fuad Sayar, João da Costa Faria, Leopoldo Luiz, Lupério Vacari, Norberto Victor Barile, Oscar Garbelotto, Paschoal Giardullo, Ramis Sayar, Reovaldo José

de Oliveira.

Pedimos desculpas a todos os outros partícipes, sem dúvida, atuantes protagonistas que colaboraram no evento, mas que devem entender a explícita nomeação, jamais como injustiça para com os demais, e sim, como tributo aos líderes da Passeata do Silêncio. A grandeza do acontecimento está acima da nossa capacidade de pesquisar cada um dos que lá ajudaram a escrever a história da cidade e, por isso mesmo, nos cabe enaltecer aqueles estudantes em geral que, de forma ordeira e civilizada, mobilizaram São Caetano em torno de uma reivindicação justa.

Houve uma repercussão significativa em função da publicação da memória da Passeata do Silêncio efetuada por Ademir Médici. O interesse demonstrado pelas pessoas que acompanharam a sequência editada no jornal, ficou mais eloquente pela manifestação favorável ao evento, com toques de positiva admiração por tão criativa, importante e vitoriosa iniciativa, resgatada em comemoração aos 50 anos decorridos.

Que a nossa memória jamais apague acontecimentos como esse que precisam ser revividos e divulgados como símbolo perene de que pessoas de berço, de valor, do bem, da verdade e da justiça são as únicas capazes de ajudar a cidade, o estado, o país e o mundo a retornar à ordem moral e cívica, recobrando a dignidade e recuperando a esperança dos cidadãos.

Parabéns aos jovens de 1961. Parabéns às pessoas idosas de hoje. Parabéns aos cidadãos ilustres que já se foram. São 50 Anos de silêncio e de saudades. Porque nunca mais se ouviu a voz da consciência democrática, especialmente, dos estudantes deste país. Porque nunca mais o povo teve seus direitos tão respeitados. Porque a alienação tomou o lugar da conscientização e assim, após esses anos, se conseguiu calar a opinião pública: 50 ANOS DE SILÊNCIO! Porque os políticos, depois da Passeata do Silêncio, nunca mais sentiram a força e a cobrança de seus eleitores: 50 ANOS DE SAUDADES!

(*) João Tarcísio Mariani é consultor de empresas e membro do Conselho Editorial da revista Raízes e do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

O AUTOMOVEL DE LINHA INTEIRAMENTE MODERNA E POR PREÇO EXCEPCIONALMENTE REDUZIDO

Whippet-Six



Sedan de 4 portas e 6 cilindros.
Os unicos que oferecem mais vantagens entre todos os automoveis:
Economia, conforto, elegancia e durabilidade.

DE 4 CYLINDROS:

Touring (carro aberto)
Barata c/ mais 2 assentos trazeiros
Cabriolet-Coupé, idem, idem, c/ capota de arrear
Coach (2 portas)
Sedan (4 portas)
Chassis c/ 4 paralamas, parabrisa, amortecedores, etc.

PREÇOS

6:850\$000
7:800\$000
8:700\$000
8:500\$000
9:500\$000
5:800\$000

DE 6 CYLINDROS:

Touring (carro aberto)
Barata c/ mais 2 assentos trazeiros
Cabriolet-Coupé, idem, idem, c/ capota de arrear
Coach (2 portas)
Sedan (4 portas)
Chassis c/ 4 paralamas, parabrisa, amortecedores, etc.

PREÇOS

9:500\$000
10:000\$000
12:000\$000
10:800-000
11:500\$000
7:800\$000

Equipados com 4 pneus, 5.0 aro, amortecedores, limpador automatico do parabrisa, vacuo, filtro de gasolina.

Esta lista de preços annulla as anteriores e pode ser modificada sem previo aviso
(Fornecemos o 5.0 pneumatico e parachoques, a preços especiaes extra)

Cestari, Ferrero & Cia
- São Caetano Jornal,
3 de Março de 1929

Unicos Agentes no municipio de S. Bernardo:

RUA SÃO CAETANO, 136

CESTARI, FERRERO & Cia.

ESTACÃO DE SÃO CAETANO (S. P. R.)

Indústrias Reunidas
Francisco Matarazzo
- Agenda Matarazzo,
1931

SULFURETO DE CARBONO

MARCA



REGIST.



**RECTIFICADO
CHIMICAMENTE PURO**

INDUS. REUN. F. MATARAZZO

• SÃO PAULO •
USINA EM S. CAETANO

Memória Fotográfica

Acervol

Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul

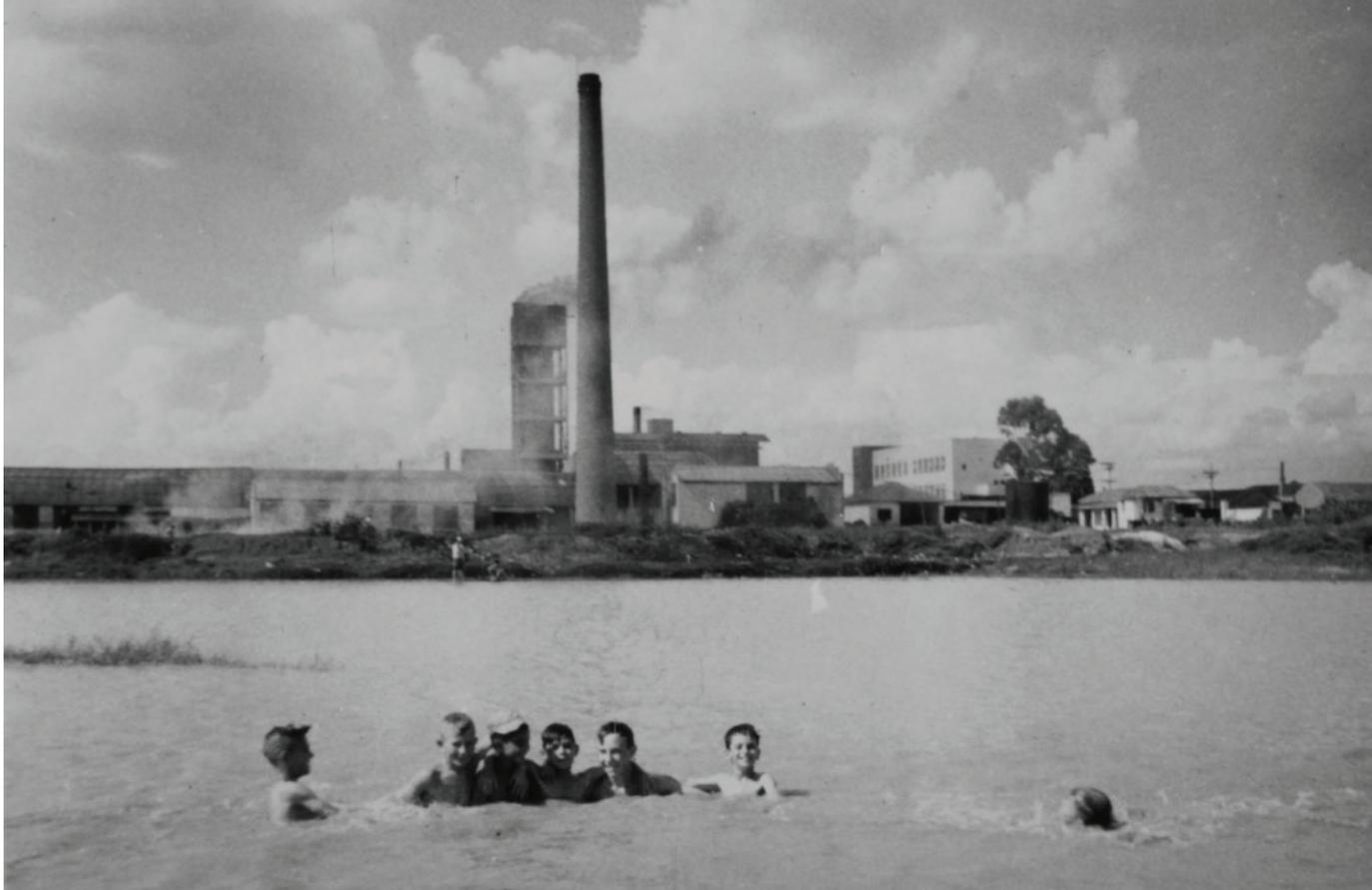
Formatura de Dora Ostrovsky, em 1944, no Liceu Acadêmico de São Paulo. Da esquerda para a direita: Paulo, Sofia, Dora e Moisés Ostrovsky





Paulo Ostrovsky, de origem judia, chegou a São Caetano do Sul em 1925 e começou a trabalhar como mascate, carregando uma maleta com muitos produtos miúdos. Em 1928, fundava sua loja de móveis, Casa Paulistana, na antiga Rua Virgílio de Rezende (atual Rua João Pessoa), ramo de comércio dado continuidade por seu filho, Moisés Ostrovsky. Vemos, nas fotos, um cartão da Casa Paulistana, da década de 1940 e a fachada da loja, com o nome Casa de Móveis Paulistana, aproximadamente em 1941, aparecendo Paulo Ostrovsky na frente da loja, à esquerda





Grupo de colegas nadando na Lagoa dos Parentes, que se localizava no fim da Rua São Paulo, onde hoje está a sede do Clube Atlético Tamoyo, no Bairro Cerâmica. Foto de 9 de dezembro de 1958

IV Festa Italiana de São Caetano do Sul, realizada na Rua Mariano Pamplona, no Bairro Fundação. Em destaque, algumas barracas e a Paróquia São Caetano, com decoração de luzes. Foto de agosto de 1996





Desfile cívico em comemoração ao Sete de Setembro, na Rua Manoel Coelho, no dia 7 de setembro de 1949. Ao fundo, à direita, vemos o antigo edifício do Externato Santo Antônio. Na foto, alunos da Escola Técnica Comercial de São Caetano do Sul

Entrada de São Caetano do Sul, no início da década de 1960. Em primeiro plano, a Avenida Almirante Delamare e a ponte na divisa das cidades de São Paulo e São Caetano. Seguindo em frente, a Rua Baraldi, sentido Bairro Centro. À direita, a empresa ZF do Brasil





Inauguração da placa da avenida que passou a ser denominada Conde Francisco Matarazzo (antiga Rua São Caetano), após o falecimento do empresário italiano, em 1937. A cerimônia foi marcada por forte presença dos operários de suas fábricas e da população em geral. A placa foi instalada na esquina da Rua Serafim Constantino, no imóvel do Ao Carioca, com os seguintes dizeres: "Avenida Conde Francisco Matarazzo – FIDES – HONOR – LABOR – 9/3/1854 - 10/2/1937"

Jantar do Rotary Club realizado no Clube Comercial, localizado dentro do Edifício Vitória, na Rua Santo Antonio, no Bairro Centro, realizado em 1956. Da esquerda para a direita, Mário Porfírio Rodrigues, Macária Rodrigues, Márcia Patrão, Jayme da Costa Patrão, Bruna de Mello, Antonio de Mello Neto. Atrás, Paula Silvestre, Sebastião de Assis e Filomeno Silvestre





Inauguração, em 30 de setembro de 1953, do Cine Vitória, localizado no Edifício Vitória, na Rua Santo Antonio, no Bairro Centro. Vemos na foto: Celestina Dal'Mas, João Dal'Mas, Comendador Vítório Dal'Mas, Antonia Braido Dal'Mas, João Salviatto, Ítalo Dal'Mas, Ettore Dal'Mas, Judite Pina Dal'Mas, Norma Dias Dal'Mas, Antonia Nichelli Dal'Mas. No colo de Dona Norma, está a menina Cleide, Antonieta Maximiliano (filha de Rosa Salviatto), Mário João Salviatto Dal'Mas (filho de Rosa Salviatto), Valdirene Pina Dal'Mas e Marilda Pina Dal'Mas

Baile formal realizado no Clube Comercial, que se localizava no Edifício Vitória, na Rua Santo Antonio, no Bairro Centro. Foto da década de 1950





Baile de Aleluia realizado no Clube Comercial, no início da década de 1960. Os participantes do baile, embora trajados formalmente, esbanjavam alegria ao meio de confetes

Sociedade de Tiro de São Paulo. Na foto, tirada em 14 de outubro de 1956, o grupo representante de São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita: Santos Parra, Sereno Gaspari (medalha de ouro no Tiro ao Prato), Vítor Denadai, Alfredo Gallo e Gabriel Mayer





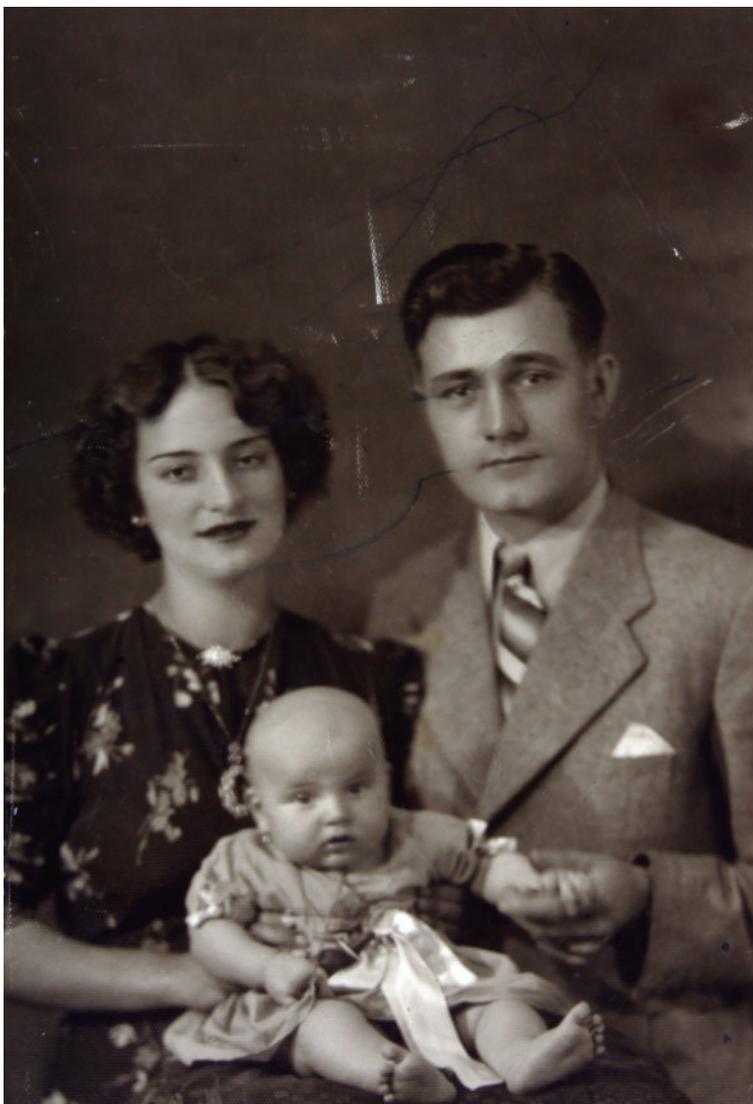
Reunião da família Fiorotti, realizada na residência de José Fiorotti, que pertenceu ao seu pai, o patriarca da família, Francisco Fiorotti, na Rua Boa Vista, 510, realizada em 21 de junho de 1997. Identificados, entre a segunda geração: José, Laura, Bruno, Itália, Carmela e Santa

Jogadores do Flor do Mar Futebol Clube, dentro do campo do São Caetano Esporte Clube, na década de 1940. Foram identificados: Del'Antonia, Del Puente, Loiro, Bechara, Veronese, Lauriston Garcia e Requião





Jogadores do segundo quadro do Monte Alegre Futebol Clube, fundado em maio de 1917. Da esquerda para a direita, sentados: Augusto Silva, (?), Humberto Grigoletto, João Negrão, (?). Agachados: (?), José Longo e José Perin. Em pé, Felipe dos Anjos (Tiririca), João Grigoletto, Mário Tizo e João Longo. Foto de 1919



João Safrany e a esposa Estela, levando ao colo a filha Estelinha. Esta foto foi oferecida pelos Safrany à família Ascencio, como prova de amizade, em 1939



REGISTRO



Crédito/Antônio Reginaldo Canhoni

EXPOSIÇÕES

Antigas máquinas de costura

Dando prosseguimento à proposta de expor, periodicamente, objetos de seu acervo, o Museu Histórico Municipal apresentou a exposição de antigas máquinas de costura. Exemplares das marcas Singer, Pfaff, Naumann, Elna, Minerva, Taylor Bird e Binder Kayser integraram a mostra. Grande também foi a variedade dos períodos dos 14 modelos contemplados. Entre os mais antigos, as máquinas das marcas Singer e Binder Kayser, de 1903 e 1930, respectivamente, e o exemplar do ano de 1891, que pertenceu ao alfaiate Francesco Botteon, imigrante italiano estabelecido em São Caetano em 1892. A exposição de antigas máquinas de costura ficou em cartaz de 10 de fevereiro a 16 de abril.

Retratos e Símbolos de Fé

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul escolheu a religiosidade e as celebrações de fé presentes na cidade como tema de duas exposições simultâneas, que ficaram em cartaz de 18 de março a 24 de maio. O Salão Expositivo da Fundação Pró-Memória, localizado no Espaço Verde Chico Mendes, re-

São 7

Ilustrações, reproduções de desenhos, técnicas de colagem e pintura, esculturas, algumas obras bidimensionais, outras tridimensionais, cores, texturas, volumes e retratos integraram a exposição *São 7*, promovida pela Fundação Pró-Memória na Pinacoteca Municipal, de 24 de fevereiro a 16 de abril.

A mostra reuniu sete artistas da cidade e da capital. Alan Cassiano, Ariel Spadari, Bruno Manzoti, Edmar Osti, Edna Osti, Gabriela Tondatto e Tiê Pilger mostraram sete histórias e interessantes maneiras de fazer arte. Eles fazem parte do *Língua de Pedra*, um grupo que propõe a pesquisa e a busca de possibilidades na arte, além de investir no conhecimento e nas maneiras de ocupar todos os espaços, sem deixar de experimentar os desdobramentos da manifestação artística.



Crédito/Antônio Reginaldo Canhoni

cebeu a mostra *Retratos de Fé*. Já o Museu Histórico Municipal promoveu a exposição *Símbolos de Fé*.

Por meio de reproduções fotográficas, foi apresentado um panorama histórico das principais procissões realizadas em São Caetano do Sul, desde as primeiras décadas do século passado até a década de 1970. Livros de orações, missais, lembranças de paróquias, quadros e outros objetos tradicionais que pertenceram a igrejas locais integraram a exibição no museu.



Crédito/Antônio Reginaldo Canhoni

Nas Ondas da Rádio Cacique

Crédito/registro Coelho



A história de uma das rádios mais antigas de São Caetano do Sul foi lembrada por meio de duas exposições com o nome de *Nas Ondas da Rádio Cacique*, que a Fundação Pró-Memória promoveu no Museu Histórico Municipal e no Salão Expositivo, localizado no Espaço Verde Chico Mendes.

A Rádio Cacique entrou no ar em 1958 e teve papel fundamental no desenvolvimento da música popular no município. Boletins, cartazes, carteirinhas, troféus, flâmulas e aparelhos radiofônicos como gravadores e transmissores integraram a exposição no Museu. A outra mostra, no Salão Expositivo, rememorou momentos marcantes da emissora por meio de imagens do acervo da instituição e de antigos funcionários da emissora, que retrataram momentos como shows, eventos e flagrantes de locutores, músicos e profissionais da emissora no estúdio.

Rotary Club São Caetano do Sul: 60 anos de história

O Rotary Club São Caetano do Sul está completando, em 2011, 60 anos de intensa atividade voltada à prestação de serviços à comunidade. Para comemorar a data a Fundação Pró-Memória prestou uma homenagem com a exposição itinerante *Rotary Club: 60 anos de história*. Inaugurada em 18 de maio,

Passado a Limpo

Nos meses de maio e junho, o Museu Histórico Municipal promoveu a exposição *Passado a Limpo*, que reuniu antigos exemplares de ferros de passar roupa.



Crédito/Antonio Reginaldo Canhoni

A mostra, que deu prosseguimento à proposta do museu de recuperar aspectos variados dos modos de vida dos antigos moradores da cidade, por meio de peças do acervo da instituição, teve como tema antigos ferros de passar.

Foram expostos vários exemplares de ferros de passar a carvão, como uma peça de 1890, e outros que remontam à primeira metade do século 20, alguns da marca Fama, além dos modelos mais modernos, os elétricos das marcas Tupy, Bastos e Bergmann Berlin. A exibição contemplou mais dois ferros, um do ano de 1944 e o outro, a vapor, da marca Continental, que pertenceram à célebre Tinturaria São Caetano e, ainda, a tábua de passar de um antigo morador da cidade, Antônio Rosa Alves.

no jantar comemorativo do aniversário da entidade, a mostra está circulando por diversos locais da cidade.

A exposição traça um panorama histórico da entidade, destacando os principais acontecimentos, ações e projetos do período. Por meio de imagens e documentos, do Rotary e das famílias dos rotarianos como Jayme da Costa Patrão e José Jaime Tavares Soares, a mostra apresenta flagrantes de reuniões, campanhas, encontros, ações sociais, projetos, obras e visitas de personalidades, que marcaram a trajetória da instituição nestas seis décadas. No primeiro semestre, a mostra circula pelo Colégio Eduardo Gomes, Biblioteca Paul Harris, Atende Fácil, Casa da Amizade, entre outros locais da cidade.

Alguns olhares, muitas descobertas: a obra de Ernesto Piva

Obras de arte com uma explosão de cores e sentimentos, imagens abstratas, recortes de jornais e do cotidiano das grandes cidades, integraram a exposição *Alguns olhares, muitas descobertas: a obra de Ernesto Piva*, que a Fundação Pró-Memória promoveu na Pinacoteca Municipal de 14 de maio a 18 de junho.

Em suas obras, o artista reproduz a atmosfera humana, figuras, pessoas, cidades e flores, representam os sonhos, alegrias e as inquietudes, nas pinceladas intensas e sensíveis de Piva. As 21 obras expostas foram elaboradas nos últimos 20 anos e retratam parte do percurso da vida de Ernesto. No mesmo período, a Pinacoteca também expôs parte de seu acervo, com obras de Maria Bonomi, Gregório Gruber e Aldemir Martins, entre outros.



Crédito: Antonio Reginaldo Carioni

MOSTRA DE CINEMA

A Secretaria Municipal de Cultura (Secult) da Prefeitura de São Caetano do Sul, em parceria com a Fundação Pró-Memória, realizou três mostras de cinema na Pinacoteca e no Museu Histórico Municipal, no primeiro semestre de 2011.

De 24 a 27 de janeiro, a Mostra de Cinema Chinês reuniu grande público para acompanhar a exibição de produções asiáticas como *O Caminho para Casa*, *Adeus, Minha Concubina*, *Um Longo Caminho e Nenhum a Menos*. No mês de abril foi a vez de homenagear o grande cineasta Alfred Hitchcock, com uma mostra que exibiu, entre os dias 25 e 27, três clássicos dirigidos por ele: *Um Corpo Que Cai*, *Psicose* e *Os Pássaros*.

Já o Museu Municipal recebeu, de 10 a 12 de maio, uma mostra de cinema com o tema religiosidade, para marcar o encerramento da exposição *Símbolos de Fé*. Foram exibidos as produções *Irmão Sol*, *Irmã Lua*, *O Manto Sagrado* e *A Última Tentação de Cristo*.

PROJETOS

Álbum de Família

Coloque sua família nas páginas da história de São Caetano do Sul. O projeto *Álbum de Família*, desenvolvido pela Fundação Pró-Memória, consiste na coleta de registros fotográficos de famílias que residem na cidade. Uma parte do projeto é

realizada dentro do projeto Cidadão da História, que reconhece os moradores mais antigos da cidade. Como parte da homenagem, eles são fotografados junto de suas famílias e este registro passa a fazer parte do acervo da instituição. O morador recebe uma cópia da fotografia para seu arquivo pessoal.

Mas para participar e inserir uma foto de sua família no acervo iconográfico do Centro de Documentação Histórica da instituição, o interessado também pode efetuar a doação de material fotográfico, devidamente identificado. Outra possibilidade é o agendamento com um fotógrafo da Pró-Memória. O munícipe pode, desta forma, trazer seus familiares até a instituição e fazer o registro em uma fotografia, que também passará a fazer parte do acervo. As visitas podem ser agendadas na Fundação Pró-Memória, pelo telefone 4223-4780.

Revelando o Passado

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul retomou o projeto Revelando o Passado, lançado em 2005, uma parceria com a comunidade local que prevê a identificação de fotografias do Centro de Documentação Histórica da instituição.

O acervo conta mais de sete mil imagens, mas algumas delas não possuem legendas de identificação e outras estão com as legendas incompletas. Portanto, a instituição está convidando os munícipes a participarem desta iniciativa, para o reconhecimento de pessoas e lugares. Qualquer interessado pode participar, indo até o Centro de Documentação da Pró-Memória.

No próximo semestre, a instituição vai organizar reuniões, abertas ao público, para que os participantes possam trocar informações na tentativa da total identificação de cada imagem. Os temas das fotos são variados, indo de cenas do cotidiano da cidade, bem como, de esportes, educação, política, e outros assuntos. Venha participar e dar sua contribuição para documentar a história da cidade!

A Peça em Destaque

A Fundação Pró-Memória lançou em 18 de maio de 2011 o projeto *A Peça em Destaque*, que consiste em destacar, mensalmente, um objeto do acervo do Museu Histórico Municipal. Um par de patins da década de 1920 foi a peça escolhida para inaugurar a iniciativa.

O objetivo é que o público possa, além de contemplar cada objeto de forma diferenciada, fornecer novas informações, enriquecendo os registros de cada peça. O par de patins exposto no mês de junho foi adquirido por Accacio Spachacqueria em 1939 e foi doado ao Museu por sua esposa Orlanda Spachacqueria. Em julho, recebeu atenção especial um capacete doado por Frantz de Almeida Claro, que utilizou o equipamento no período no qual trabalhou nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, na década de 1970.

Vamos contar nossa História

O projeto *Vamos Contar Nossa História* tem como foco a educação patrimonial. Desenvolvido para realizar ações nas escolas da cidade, seu objetivo é trabalhar o patrimônio material e imaterial como um instrumento pedagógico, com a proposta de disseminar a importância de resguardar, preservar e salvaguardar este patrimônio, além de fortalecer o sentimento de identidade e valorizar a cidadania



Credito: Arquivo Reunido Carioni



nas crianças e jovens. A primeira experiência do projeto teve início em 23 de maio, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, para seu desenvolvimento em seis escolas de ensino fundamental do município.

Com base na metodologia da educação patrimonial, que trabalha com etapas de observação, registro, exploração do bem cultural, o projeto é desenvolvido em uma fase de preparação e quatro etapas de desenvolvimento. Estas fases envolvem a capacitação de professores e o envolvimento dos alunos em um processo de conhecimento de sua identidade cultural, por meio da descoberta de fotografias e ob-



jetos pertencentes a membros de outras gerações de sua família. O projeto convida todos os estudantes a investigar estes bens e efetuarem um levantamento histórico de cada peça, para a montagem de uma exposição na escola e no Museu Histórico Municipal.

De maio a agosto de 2011, as escolas de ensino fundamental Profª Eda Montoanelli, Dom Benedito Paulo Alves de Souza, Elvira Paolilo Braidó, Padre Luiz Capra, Prof. Décio Machado Gaia e Sylvio Romero participaram do projeto.

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA 20 ANOS Programação comemorativa

INAUGURADA EM 1991, A FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL CELEBROU, NO MÊS DE JUNHO DE 2011, 20 ANOS DE HISTÓRIA. A COMEMORAÇÃO CONTOU COM VÁRIAS ATIVIDADES E NOVIDADES. CONFIRA!

Novo site

No dia 17 de junho, a Fundação Pró-Memória lançou seu novo site. O endereço continua o mesmo www.fpm.org.br, mas o visual mudou muito. Com um design mais limpo, moderno e atualizado, a página da Pró-Memória na internet vai disponibilizar muito mais imagens e informações sobre a cidade, além de material sobre os projetos e atividades da instituição.

Exposição virtual

A reformulação do site da Fundação Pró-Memória proporcionou a criação de um novo projeto pela Fundação Pró-Memória, as exposições virtuais temáticas. Com o objetivo de divulgar imagens de seu acervo e ampliar os limites de acesso à instituição, atingindo novos e diversificados públicos, serão criadas mostras especialmente para o ambiente virtual, com 20 imagens cada, e que serão colocadas no ar a cada dois meses. No primeiro semestre, os temas moda e casamentos foram trabalhados no site.



1º Ciclo de Palestras História, patrimônio e desenvolvimento do Grande ABC

Nos dias 27, 28 e 29 de junho, a Fundação Pró-Memória, em parceria com o curso de História da Universidade do Grande ABC, promoveu uma série de palestras que discutirão a história regional e a importância de seu patrimônio cultural e ambiental.

O historiador Maurício Tintori Piqueira palestrou no dia 27 sobre *A monumentalização de um discurso fundador: a formação de uma comunidade imaginária do Grande ABC*. No dia 28, os temas foram *O povo como Protagonista- Arte e memória no ABC Paulista*, com Marcelo Cardoso de Paiva, e *A importância da História Regional no Ensino Fundamental*, com Alfredo Oscar Salun. No dia 29, duas palestras foram apresentadas. *Aspectos do patrimônio ambiental no Grande ABC* foi o tema discutido pela bióloga Mariana Guimarães Cristofi. A historiadora Palmira Pettrati apresentou seus *Estudos sobre a Ferrovia São Paulo Railway*.

Chamada de artigos para a revista Raízes

Com o objetivo de manter a homogeneidade e a qualidade da revista Raízes, tradicional publicação da instituição, e ainda abrir espaço para que mais pessoas envolvidas com a história local possam mostrar seus trabalhos, a Fundação Pró-Memória passa a promover, duas vezes por ano, chamadas para a submissão de artigos para a revista. Além disso, um manual com nova normatização para artigos científicos e outros textos também está disponível, permitindo

que os interessados em publicar em Raízes tenham a orientação necessária de acordo com o perfil definido, ainda dentro do propósito de servir como um canal de socialização da história e da memória de São Caetano do Sul e da região do ABC.

Nova logotipia

Apartir do início de 2011, a Fundação Pró-Memória adotou nova logotipia para identificar sua marca. O desenho do novo logotipo faz referência ao edifício que sedia a Instituição. Inaugurado em abril de 2002, o Complexo Educacional de Ensino Fundamental abriga ainda a Biblioteca Municipal Paul Harris e a Academia de Letras da Grande São Paulo.

As dependências da Fundação Pró-Memória incluem sua sede administrativa, o Centro de Documentação Histórica e a Pinacoteca Municipal. Localizado em um ponto de referência da cidade, a Avenida Goiás, o prédio apresenta uma arquitetura inovadora. Com estrutura de concreto e design circular, conta com uma fachada envidraçada que favorece a vista da avenida e fortalece o diálogo do interior com o exterior.

A ilustração que acompanha a marca do Museu Histórico Municipal representa o Palacete De Nardi, que pertenceu a uma das famílias mais ilustres vindas da Itália e que ocupou São Caetano quando era um núcleo colonial. O edifício abriga as dependências do museu desde dezembro de 1988. O objetivo é reforçar a relevância histórica da construção, datada de 1896, e construída pelo imigrante italiano Celeste De Nardi. Para celebrar seus 20 anos, o logotipo ganhou uma marca comemorativa especial, que representa uma espécie de lacre de cera utilizado desde a antiguidade, que o acompanhará até o final de 2011.





CIDADÃO DA HISTÓRIA

O projeto Cidadão da História é uma parceria da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul com a Prefeitura Municipal, que presta homenagem aos moradores mais antigos dos bairros da cidade, além de comerciantes, profissionais, empresas e indústrias, estabelecidos no local há mais tempo. O objetivo é reconhecer e valorizar a participação e a atuação dos cidadãos na formação de cada bairro, além de resgatar as origens da população, reconhecendo os responsáveis pela construção da cidade.

As homenagens são realizadas nas edições do programa São Caetano Bairro a Bairro, iniciativa da administração municipal, que beneficia todos os bairros da cidade, e concentra ações de prestação de serviços sociais, urbanos, de saúde, de lazer, voltados à comunidade. O projeto tem continuidade de acordo com a programação do Bairro a Bairro e acontece sempre nos encontros públicos da administração com a comunidade. Até junho de 2001 sete bairros da cidade foram contemplados com a iniciativa: Nova Gerty, Boa Vista, Cerâmica, Oswaldo Cruz, Prosperidade, Santa Maria e Barcelona. Registramos aqui os nomes dos 148 moradores homenageados como Cidadãos da História, além de representantes de 19 comércios e indústrias locais.



Crédito: Helber Aggio (PMSCS)

Crédito: Augusto Coelho



Crédito: Helber Aggio (PMSCS)



Crédito: Antonio Reginaldo Canhoni



Bairros Nova Gerty e Boa Vista

Dia 25 de fevereiro de 2011

EMEF Leandro Klein

Homenageados do Bairro Nova Gerty

Amélia Gonçalves de Andrade
Ana Gerezani Fatobene
Ana Maria de Souza Kiritschenko
Antonio Batalha
Elice de Miranda Batalha
João Sebastião de Lima
Julia Maria de Almeida
Laurinda de Jesus Ravagnani
Maria Copola
Miracy Reis Silva
Olga Quartarollo Barion
Olga Rinaldi Picolin
Pedro Joaquim de Lira
Pedro Ravagnani
Roberto Barros Silva
Santa Carvalho
Sebastiana Aparecida Oliveira
Silvio Arena
Sociedade Beneficente
Grupo de Amor à Vida – GAV
Casa de Vidros Gonçalves
Salão do Palmeirense

Homenageados do Bairro Boa Vista

Alice da Silva Francisco
Angela Uzun Martinoff
Arlindo de Souza
Berenice Gomes de Carvalho
Carmem Ibanez Eloy
Carmen Garcia Gimenez
Eugenia Jordão Thome Pattaro
João Alves Batista
José Julio Soares
Josefina Scalfio Ignácio
Josephina Alves de Oliveira
Manoel Carrera Rendo
Maria de Lira Souza
Oerte Zanella
Paschoalina Esther Frasson
Piedade Muniz Zanella
Rina Duó Carrera Rendo
Semiramis Virmar Coelho
Walter Schiavo
Walther Aparecido Eloy
Sapataria Castelo de San Lorenzo

Bairros Cerâmica e Oswaldo Cruz

Dia 29 de abril de 2011

EMEF Elvira Paolilo Braido

Homenageados do Bairro Cerâmica

Adoraci da Silva Gumieri
Aguinaldo Reges Gardini
Alfio Vezzali
Ana Pires Russo
Antonio Carlos Perini
Amélia Saboya Toscano
Antonio Nunes de Moraes
Carlos da Costa Silva
Helena Gasparini Vezzali
José de Agostinho

Maria Constancia Alves Gomes
Maria Gomes Strufaldi
Marisia Geri Gardini
Onofre Russo
Orlinda Salgado Cremasco
Paschoal Cipriano da Costa
Rosalina Marçõo da Costa
Bar e Lanchonete Jodele Ltda.
Panificadora Nova Portuense Ltda.
Racz Indústria Metalúrgica Ltda.

Homenageados do

Bairro Oswaldo Cruz

Angela Dall'Anese Nóbrega
Agenor Procópio
Concepcion Câmara Yeguas
Diva Assi Del Papa
Eliane Romano
Francisco Perez Balbin
Helio Ambrosio
Henrique Caíres Nóbrega Netto
Ivone Ambrosio
Ida de Vecchio
Jane Maria Gonçalves Pereira Razzante
Janet Bandoni Rodrigues
Jeronima de Oliveira Pajuelo
João de Vecchio
Kaoro Kato
Lydia Bertolo Malerba
Maria Bazaglia Nalin
Maria Eliza Gardini Szabo
Neide Gerloff Bertolotti
Nelson Pasquini
Norma da Silva Paranhos Jovita
Olezia Signorini Pane
Rosa Leone Procopio
Tazuko Ono
Nair Fiamenghi Segantine
Capelasso Comércio de Materiais para
Construção Ltda.
Crediaurora Tecidos Ltda.
Mini Mercado Massinelli
Panificadora Elite Ltda.

Bairro Prosperidade

Dia 27 de maio de 2011

Igreja Nossa Senhora da Prosperidade

Alaíde Tavares da Silva
Alcides Pires de Oliveira
Candelária Nicácia do Amaral
Carmelita Amélia Silva
Cecília Klimichaca de Oliveira
Emílio Belvis
Gloriete Jardim Sales
Irene Dominguez
Iria da Silva Carlos
João Antonio Dias
João do Nascimento Filho
José Esteves Amigo
Julieta Maria de Matos
Leontino de Oliveira
Lucia Picariello Guerriero
Madalena Carrasco
Maria Aparecida Nunes Miguel
Maria de Lourdes Braga Rodrigues
Maria de Lourdes Fernandes
Marlene Fiorelli do Nascimento

Nair Nunes Belvis
Nayr Carpes Klem
Olga Balista Tostes
Pedro Carrasco
Perezinha Luteri Bogdan
Bar da Edna – Edna Fernandes Ferreira
Transmorales – Irineu Bernardo Serafim

Bairros Barcelona e Santa Maria

Dia 17 de junho de 2011

Associação de Pais e Amigos

dos Excepcionais (APAE)

Homenageados do Bairro Barcelona

Abraão Araújo
Clovis César de Aguiar
Dirce Aparecida Barrionovo
Estelita Virgília de Sousa
Francisco Contessotto
Isabel Ostos Sanchez
Izabel Maria Cardozo
João Churair
Joventina Andrade da Graça
Laerte Lustri
Maria Jandira Locatelli
Monika Jankuskas Bogdanovics
Natalina Martins Araújo
Neusa Rossini
Nilza Rossini Antonio
Olanir Teixeira
Pedro José Filho
Theresinha Filomena Defendi Canosa
Vanuza Costa Silva
Zilda Teixeira
Zulmira Marques Radicch
Banca São José
Vitrais Gonçalves
Panificadora Nova Era

Homenageados do Bairro

Santa Maria

Adão Gerlach
Adelaide Bacaro Viteri
Aparecida Altran Ucedo
Amélia Rodrigues Gerlach
Carmem Galhardo de Sousa
Dizolina Carraro Signori
Eva Mayer Metzger
Gertrudes Ribeiro Martins
Irene Ferreira Martins
Izabel Sanches da Silva
José Marques de Arruda
José Paulo da Silva
Juan Ucedo Palácios
Maria do Céu Ferreira Theodoro
Maria Zaniratto
Martinho da Silva
Orlando Barbeito
Paula Pereira
Pedro Rodrigues de Sousa
Ulzira Marina Garcia
Zilda Ferrante Barbeito
Walaes Arrihodemar Pereira
Autoposto Pepa Ltda.
Porcelana Graça Ltda.
Elétrica Semi





ANFITEATRO

Pátio interno da escola, em 2011

Revista Raízes

Chamada de artigos

Para submissão de artigos, verificar o período e a normatização no site www.fpm.org.br



Sede da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Bairro Santa Paula
Telefone: 4223-4780 Fax: 4223-4781
e-mail: fpm@fpm.org.br | site: www.fpm.org.br



Museu Histórico Municipal

Rua Maximiliano Lorenzini, 122
Bairro Fundação
Telefone: 4229-1988
De segunda a sexta, das 8h às 17 horas
Aos sábados das 9h às 15 horas



Salão de Exposições

Espaço Verde Chico Mendes
Rua Fernando Simonsen, 566
De terça a domingo, das 9h às 18 horas



Pinacoteca Municipal

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Bairro Santa Paula
Telefone: 4223-4780
De segunda a sexta, das 9h às 17 horas
Aos sábados das 9h às 13 horas



Centro de Documentação Histórica

Acervo histórico -
documentos, livros, jornais e imagens
Aberto à pesquisa pública
De segunda a sexta, das 8h às 17 horas



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA DE
SÃO CAETANO DO SUL

SECULT
SECRETARIA DE CULTURA



